



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS



ELINE SAMARA DE SOUZA SANTOS

A SELVA DE FERREIRA DE CASTO: memória cultural da Amazônia no ciclo da borracha



MACAPÁ-AP
2023

ELINE SAMARA DE SOUZA SANTOS

**A SELVA DE FERREIRA DE CASTO: memória
cultural da Amazônia no ciclo da borracha**

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Letras
(PPGLET) da Universidade Federal do
Amapá, como parte dos requisitos para a
obtenção do título de Mestre em Letras.

Linha de Pesquisa: Literatura, Cultura e
Memória

Orientador(a): Dra. Natali Fabiana da
Costa e Silva

Agência de Fomento: FAPEAP

MACAPÁ-AP
2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
(CIP) Biblioteca Central/UNIFAP-Macapá-AP
Elaborado por Mário das Graças Carvalho Lima Júnior – CRB-2 /
1451

S237 Santos, Eline Samara de Souza.

A selva de Ferreira de Castro: memória cultural da Amazônia no ciclo da borracha / Eline Samara de Souza Santos. - Macapá, 2023.

1 recurso eletrônico. 96 folhas.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Amapá, Programa de Pós-graduação em Letras, Macapá, 2023.

Orientadora: Natali Fabiana da Costa e Silva.

Modo de acesso: World Wide Web.

Formato de arquivo: Portable Document Format (PDF).

1. Memória cultural amazônica. 2. A Selva. 3. Castro, Ferreira de (1898-1974). I. Silva, Natali Fabiana da Costa e, orientadora. II. Universidade Federal do Amapá. III. Título.

CDD 23. ed. – 469.79811

ELINE SAMARA DE SOUZA SANTOS

A SELVA DE FERREIRA DE CASTO: memória cultural da Amazônia no ciclo da borracha

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGLET) da Universidade Federal do Amapá, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Linha de Pesquisa: Literatura, Cultura e Memória

Orientador(a): Dra. Natali Fabiana da Costa e Silva

Agência de Fomento: FAPEAP

Data da aprovação: 30 /11/ 2023

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador(a): Dra. Natali Fabiana da Costa e Silva
Campus Santana
Universidade Federal do Amapá

Membro Titular: Dra. Fernanda Cristina Encarnação dos Santos
Campus Santana
Universidade Federal do Amapá

Membro Titular: Marli Tereza Furtado
Universidade Federal do Pará

Local: Campus Marco Zero do Equador
Universidade Federal do Amapá
Macapá-Amapá

DEDICATÓRIA

Dedico esta dissertação a todos os trabalhadores explorados durante o ciclo da borracha, que destinaram anos de suas vidas aos seringais da Amazônia em meio ao sofrimento, as condições de trabalho desumanas e foram a base para o desenvolvimento da região.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que contribuíram no decorrer desta jornada, especialmente, a Deus, a quem devo minha vida, pois sem ele não estaria completando mais esta etapa.

À minha família, principalmente minha mãe, Eliene Dias, meu pai, Helio Martins e minha irmã, Elaine Santos, grandes incentivadores do meu crescimento, e que mesmo diante às dificuldades, sempre me apoiaram nos estudos, nas escolhas tomadas e a todo o momento estiveram ao meu lado, torcendo pelo meu sucesso.

À minha orientadora, professora Dra. Natali Fabiana da Costa e Silva, que contribuiu significativamente para a construção desta pesquisa, me estimulando e compartilhando conhecimentos sempre com muita paciência e de forma bastante acolhedora. Suas sugestões, esclarecimentos e as discussões promovidas entre os orientandos foram fundamentais para a organização das minhas ideias e o aprimoramento deste estudo.

Ao meu companheiro e namorado Perseo de Paula pelo suporte emocional, pelo apoio e pelas palavras de incentivo, as quais me ajudaram a manter o foco e não desistir dos meus objetivos.

A todos os professores do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Amapá, PPGLT, pois o comprometimento e qualidade de suas aulas foram fundamentais para o meu aperfeiçoamento profissional e acadêmico.

À coordenação do PPGLT que deu todo o suporte necessário para garantir a organização e funcionamento do curso de mestrado.

Aos meus colegas de turma pelo bom convívio, pelas excelentes discussões realizadas nas aulas, pela cooperação, compartilhamento de informações e pelos momentos agradáveis que passamos no decorrer do curso.

Aos meus amigos fiéis: Adriano, Thyago, Ana Karla e Roney que estiveram ao meu lado durante esse período de dedicação à pesquisa e me proporcionaram momentos de descontração e relaxamento, os quais foram essenciais para a preservação do meu equilíbrio emocional.

Aos colegas do projeto de extensão “Práticas de escrita para concursos e vestibulares”, realizado no município de Mazagão, pela parceria, comprometimento e pelas trocas de conhecimento que me proporcionaram. Trabalhar com vocês foi uma experiência gratificante e muito enriquecedora para minha trajetória acadêmica.

Às professoras Dra. Fernanda Cristina Encarnação dos Santos e Dra. Marli Tereza Furtado, integrantes da minha banca de qualificação do mestrado, que me aconselharam e

deram sugestões valiosas para o aprimoramento da minha pesquisa. Sou extremamente grata por todas as contribuições e conhecimentos compartilhados.

Agradeço de um modo geral a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação e de alguma forma contribuíram com o andamento e conclusão desta importante etapa.

Muito obrigada!

“É difícil separar a ficção da invenção, a fantasia da memória. Não há uma linha separando o que você viu do que você sonhou. A imaginação ocupa o espaço da memória.”

(Lygia Fagundes Teles)

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo analisar a literatura como um instrumento de representação da memória amazônica no período conhecido como ciclo da borracha, utilizando como instrumento de estudo o romance *A Selva*, do autor português Ferreira de Castro. No romance, o autor retrata a história de sofrimento e de exploração a que diversos trabalhadores foram submetidos durante o processo de extração de látex na Amazônia, apresentando também elementos que ajudam a compreender o processo de formação sociocultural da população local da época. *A Selva* foi escolhida para a pesquisa devido a sua relevância para o conhecimento das práticas exploratórias que eram realizadas na Amazônia no período do ciclo da borracha, além de apresentar importantes aspectos sobre a cultura, a economia e a sociedade da época, uma vez que Ferreira de Castro nos mostra, por meio da ficção, elementos da experiência real obtida por ele em sua juventude na Amazônia. Ao observar que o romance estudado foi construído através das vivências do autor, é possível identificar memórias individuais e coletivas inseridas na narrativa, que mesmo se tratando de uma ficção é composta por lembranças que contam a história da Amazônia e dos seus aspectos socioculturais. Para a construção da presente pesquisa foi realizado um levantamento bibliográfico e análise do romance. Para um melhor entendimento deste estudo, ele está dividido em três capítulos: o primeiro faz apontamentos sobre o contexto social e cultural da Amazônia no período do ciclo da borracha através de pressupostos teóricos de autores como Bueno (2012), Candido (2006), Furtado (2004 e 2013) e Weinstein (1993); o segundo aborda algumas concepções sobre memória, utilizando como base os estudos de Antunes (2019), Bergson (2006), Candau (2016), Casadei (2010), Halbwachs (1990), Nora (1993); e o último capítulo faz a análise do romance *A Selva*, apresentando trechos da obra e algumas concepções de Alves (2005), Jobim (2020) e Trubiliano (2017). Por meio das bases teóricas utilizadas e da análise do romance *A Selva*, foi possível chegar ao entendimento de que as memórias contidas nessa obra apresentam detalhes socioculturais intrínsecos da região amazônica envolvidos em uma trama bem organizada que, com uma linguagem clara e atual, mostra a Amazônia através da representação literária.

Palavras-chaves: Memória cultural amazônica. *A Selva*. Ferreira de Castro. Ciclo da Borracha. Literatura da Amazônia.

ABSTRACT

This research aims to analyze the literature as an instrument of representation of the Amazon memory in the period known as the rubber cycle, using as an instrument of study the novel *A Selva*, by the Portuguese author Ferreira de Castro. In the novel, the author portrays the story of suffering and exploitation that several workers were subjected to during the latex extraction process in the Amazon, also presenting elements that help to understand the process of sociocultural formation of the local population at the time. *A Selva* was chosen for the research due to its relevance to the knowledge of the exploratory practices that were carried out in the Amazon during the rubber boom period, in addition to presenting important cultural aspects of the society at the time, since Ferreira de Castro shows us, through fiction, elements of the real experience lived by him in his youth in the Amazon. By observing that the novel studied was constructed through the author's experiences, it is possible to identify individual and collective memories inserted in the narrative, which, even though it is fiction, is composed of memories that tell the story of the Amazon and its sociocultural aspects. To construct this research, a bibliographical survey and analysis of the novel were carried out. For a better understanding of this study, it is divided into three chapters: the first makes notes on the social and cultural context of the Amazon during the rubber cycle period through the theoretical assumptions from authors such as Bueno (2012), Candido (2006), Furtado (2004 e 2013) and Weinstein (1993); the second chapter addresses some concepts about memory using as a basis the studies of Antunes (2019), Bergson (2006), Candau (2016), Casadei (2010), Halbwachs (1990), Nora (1993); and the last chapter, analyzes the novel *A Selva*, presenting excerpts from the literary works and some concepts by Alves (2005), Jobim (2020) e Trubiliano (2017). Through the theoretical bases used and the analysis of the novel *A Selva*, it was possible to reach the understanding that the memories contained in this work present intrinsic sociocultural details of the Amazon region involved in a well-organized plot that, with clear and current language, shows the Amazon through literary representation.

Keywords: Amazonian cultural memory. *A Selva*. Ferreira de Castro. Rubber boom. Amazon literature.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – LÁTEX EXTRAÍDO DA SERINGUEIRA	20
FIGURA 2 - FIGURA - PRODUÇÃO DA BORRACHA.....	21
FIGURA 3- O LÁTEX DA SERINGUEIRA CONVERTIDO EM BORRACHA POR UM PROCESSO DE DEFUMAÇÃO.	23
FIGURA 4 - SOLDADOS DA BORRACHA.....	26
FIGURA 5 - CARTAZ DE PROPAGANDA PARA RECRUTAMENTO DE TRABALHADORES PARA A AMAZÔNIA	27
FIGURA 6- MERCADO VER O PESO (BELÉM-PA).....	29
FIGURA 7- TEATRO DA PAZ (BELÉM -PA).....	29
FIGURA 8- TEATRO AMAZONA (MANAUS - AM).....	29
FIGURA 9-MERCADO ADOLPHO LISBOA (MANAUS - AM).....	29
FIGURA 10 - MANAUS DA BELLE ÉPOQUE	30
FIGURA 11 - DAMAS DA ELITE SERINGALISTA VESTIDAS CONFORME A MODA EUROPEIA (BELÉM 1916).....	31
FIGURA 12- FIGURA - PORTO DE BELÉM (1910)	32
FIGURA 13- SERINGUEIROS.....	33
FIGURA 14 - ARMAZÉM DO MUSEU DO SERINGAL VILA PARAÍSO (MANAUS)	34
FIGURA 15- HABITAÇÃO DE UM SERINGUEIRO NA AMAZÔNIA	35

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	CONTEXTO CULTURAL E SOCIAL DA AMAZÔNIA NO CICLO DA BORRACHA.....	18
2.1	PRECEDENTES DA ECONOMIA DA BORRACHA.....	18
2.2	AS FASES DO CICLO DA BORRACHA.....	22
2.2.1	<i>O segundo Ciclo</i>	25
2.3	O MEIO SOCIAL E CULTURAL DA AMAZÔNIA NO CICLO DA BORRACHA	28
2.4	O CICLO DA BORRACHA NA LITERATURA	36
3	CONCEPÇÕES SOBRE MEMÓRIA	42
3.1	MEMÓRIA INDIVIDUAL E COLETIVA	45
3.2	A TRANSMISSÃO DA MEMÓRIA.....	49
3.3	MEMÓRIA COLETIVA E MEMÓRIA HISTÓRICA	53
3.4	REPRESENTAÇÃO LITERÁRIA E A PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA CULTURAL.....	56
4	ROMANCE A SELVA E A MEMÓRIA CULTURAL AMAZÔNICA	61
4.1	O AUTOR E O PERSONAGEM	61
4.2	MEMÓRIAS DO CONTEXTO CULTURAL E SOCIAL DO CICLO DA BORRACHA NO ROMANCE ...	65
4.3	A REPRESENTAÇÃO DOS MORADORES, IMIGRANTES E INDÍGENAS QUE VIVIAM NA REGIÃO DE EXPLORAÇÃO DO LÁTEX	70
4.4	ROMANCE A SELVA E A PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA CULTURAL, INDIVIDUAL E COLETIVA DA AMAZÔNIA	79
4.5	O NARRADOR E A FOCALIZAÇÃO NA MEMÓRIA CULTURAL AMAZÔNICA	85
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	92
	REFERÊNCIAS	94
	GLOSSÁRIO	97

1 INTRODUÇÃO

Conhecer o passado é fundamental para o entendimento da história de uma sociedade e de suas transformações, por essa razão as memórias podem ser consideradas um mecanismo capaz de guardar e transmitir as informações do passado para as gerações futuras, pois com o tempo as vivências e os acontecimentos vão ficando para trás e as memórias acabam sendo uma das maneiras de impedir que tudo o que aconteceu não caia no esquecimento.

Obviamente que as memórias também estão sujeitas às transformações do tempo, uma vez que podem sofrer modificações ou até mesmo serem esquecidas se demorarem a ser transmitidas. Por isso, é imprescindível a utilização de meios ou ferramentas que possibilitem o registro e a preservação dessas memórias.

A literatura é um instrumento repleto de informações históricas, pois é muito comum que as obras literárias apresentem elementos que contribuam com a compreensão de acontecimentos, contextos de uma época, de uma sociedade ou de uma cultura. Assim, o texto literário pode ser considerado um importante meio de retrato da memória cultural individual e coletiva de um povo.

Considerando os aspectos mencionados, esta pesquisa propõe uma discussão que visa apresentar o romance *A Selva*, do autor português Ferreira de Castro, como um instrumento literário de representação da memória cultural amazônica do período da economia da borracha, popularmente conhecido como ciclo da borracha (termo que será utilizado no decorrer deste estudo), e reconhecer a importância dessa obra para a literatura da Amazônia e para a preservação da memória cultural, individual e coletiva da região, uma vez que por meio das memórias presentes no romance é possível compreender o contexto cultural, social e as atividades humanas desse momento histórico, pois essas memórias estão inseridas no enredo, na ambientação, nas falas dos personagens e nas descrições do narrador, proporcionando, assim, o conhecimento da história da Amazônia através da arte literária.

Ao fazer a leitura do romance é possível identificar diversas memórias do ciclo da borracha e da Amazônia misturadas à ficção, porém mesmo se tratando de um aspecto marcante na obra, até o momento, ainda não foram realizados estudos com esse enfoque, uma vez que as pesquisas publicadas que têm como objeto de análise o romance *A Selva*, apesar de tratarem de temáticas bastante significativas, enfatizam outros elementos do romance e não apresentam uma discussão aprofundada sobre a memória cultural amazônica presente nessa narrativa.

A Selva possui muitos aspectos interessantes para serem discutidos e isso justifica o fato desse romance ter recebido a atenção de vários estudiosos, no entanto, ao observar que se trata de uma obra impregnada pelas vivências de Ferreira de Castro e que traz informações minuciosas sobre a Amazônia, é possível perceber a importância de um estudo voltado para as memórias presentes nessa produção literária, uma vez que ela utiliza a ficção para expor aspectos da realidade de uma época marcante para a região amazônica.

Para contribuir com os estudos já realizados sobre *A Selva* e visando discutir um aspecto marcante dentro da obra, esta pesquisa irá analisar as memórias da Amazônia presentes no romance, apontando as peculiaridades da região inseridas na ficção, o reflexo das vivências do autor na construção da narrativa e as estratégias utilizadas pelo narrador para expor essas memórias dentro do texto literário.

Esse romance foi escolhido para a pesquisa devido a sua relevância literária e histórica, pois além de apresentar uma riqueza de informações sobre as práticas exploratórias que eram realizadas na Amazônia durante o ciclo da borracha e de mostrar importantes aspectos socioculturais da época como: marcas regionais, relações de trabalho, comportamentos sociais e atividades desenvolvidas pelos imigrantes, nordestinos, ribeirinhos e indígenas, *A Selva* é uma obra que se difere das anteriores pelo fato de descrever esses elementos em forma de romance, pois apesar de existirem obras antecessoras que seguiram essa linha da ficção, a maioria dessas produções assemelhavam-se a relatos. *A Selva* também se destaca em relação às obras anteriores pela sua linguagem objetiva, clara, que dialoga tanto com o leitor da época quanto com o de hoje.

É relevante destacar que *A Selva* é uma produção significativa para o entendimento de algumas particularidades da região amazônica, visto que se apresenta como instrumento literário composto pela memória cultural de um período excepcional dessa localidade. A representação da realidade leva o leitor a uma imersão na história da Amazônia, pois como afirma Santos (2020) a composição do romance *A Selva* é feita por meio de um exercício de memória, no qual a elaboração artística e a experiência de vida fazem parte do projeto romanesco do autor.

Por meio do personagem Alberto, Ferreira de Castro embaralha, no romance em questão, a ficção e as suas próprias lembranças sobre o ciclo da borracha e o cotidiano dos seringais, apresentando um protagonista que reflete, muitas vezes, os sentimentos que o ambiente e toda aquela situação provocavam no autor, além de descrever detalhes socioculturais similares a realidade e expor as memórias da região amazônica.

No romance, Ferreira de Castro revela que em meio à imensidão da floresta existiu uma grave situação de exploração da mão de obra humana, na qual trabalhadores nordestinos e imigrantes vinham para a região amazônica seduzidos pela proposta de emprego e riqueza fácil, porém acabavam se deparando com condições análogas à escravidão, sendo submetidos a um regime de trabalho voltado para o pagamento de dívidas que só aumentavam e dificilmente eram sanadas.

A Selva expõe em forma de romance fatos observados por Ferreira de Castro durante os quase quatro anos que trabalhou no seringal. O autor insere no enredo situações oriundas da sua experiência e utiliza características das pessoas com as quais conviveu para compor seus personagens. Por meio da representação, a obra mostra elementos da Amazônia e acontecimentos descritos com riqueza de detalhes.

O período em que Ferreira de Castro viveu no seringal amazônico serviu de inspiração para as suas criações literárias, visto que as dificuldades vivenciadas por ele foram utilizadas para a composição de alguns romances, como a obra *Emigrantes*, de 1928, que conta a história de um personagem português que vem para o Brasil em busca de riqueza, porém acaba sendo explorado e vivendo momentos difíceis. É importante destacar que esse romance deu notoriedade a Ferreira de Castro como escritor. Em seguida, em 1930, publicou *A Selva*, seu romance mais famoso, que descreve o ciclo da borracha de maneira singular.

Posteriormente, outros romances foram sendo publicados pelo autor como por exemplo: *Eternidade* (1933), *Terra fria* (1934), *A Tempestade* (1940), *A Lã e a neve* (1947), *A Curva da estrada* (1950), *A Missão* (1954), *O Instinto supremo* (1967), o qual teve como inspiração o Marechal Cândido Rondon e aborda questões sobre a Amazônia.

É interessante ressaltar que Ferreira de Castro veio para o Brasil em 1911, aos 12 anos, e logo foi trabalhar no seringal amazônico. Ele escreveu seu primeiro romance, intitulado *Criminoso por ambição*, aos 14 anos, porém só foi publicado em 1916 depois que o jovem saiu do seringal e voltou a Belém do Pará. O autor retornou para Portugal em 1919, passou por dificuldades e em 1922 publicou *Carne Faminta*, depois *O Êxito fácil* em 1923, mas foi após a publicação de *Emigrantes* e *A Selva*, que sua carreira tomou notoriedade.

O romance *A Selva* foi a produção de Ferreira de Castro de maior repercussão, inclusive internacional. Nessa obra o autor revela diversos aspectos sobre a realidade da sociedade do ciclo da borracha, detalhes sobre o cotidiano dos seringueiros, da relação de trabalho, as especificidades da área onde todo o processo acontecia e as angústias sentidas pelos trabalhadores. A obra apresenta os pormenores desse período e uma descrição minuciosa de toda a sistemática dos seringais, pois em meio à história narrada é possível entender o momento

pelo qual a borracha amazônica passava e os reflexos desse período na economia do país e na vida dos trabalhadores que dependiam da extração do látex para sobreviver.

A Selva é um romance que aborda temáticas de relevância histórica, econômica, cultural e social, com uma trama que se desenvolve em meio a um contexto de conflitos, de exploração e dramas pessoais. A obra narra a trajetória do personagem Alberto, um jovem português que morava em Belém do Pará e incentivado por seu tio vai trabalhar em um seringal no interior da floresta amazônica, local onde experimenta as dificuldades do trabalho dos seringueiros durante o ciclo da borracha.

Em sua jornada no seringal, Alberto vivencia não apenas as dificuldades do processo de extração do látex, mas também as mazelas de um ciclo econômico abusivo e marcado pelo sofrimento de centenas de trabalhadores, geralmente, vindos do nordeste do Brasil em busca de melhores condições de vida.

O romance está dividido em quinze capítulos, nos quais os acontecimentos vão se desenvolvendo de maneira sequencial. O início da narrativa é marcado pela conversa entre o tio de Alberto com Balbino, responsável por recrutar novos seringueiros, e é nesse momento que a tramitação para empregar o jovem português acontece e seu difícil trajeto começa.

Desde sua saída de Belém, a bordo do navio Justo Chermont, Alberto já vai experimentando as precariedades oferecidas aos trabalhadores da borracha. No momento em que chega ao seringal, tudo fica ainda mais complicado, pois o rapaz se vê preso a um sistema de trabalho exaustivo e exploratório, passando por momentos de grandes dificuldades.

Em meio às situações que o protagonista vivencia na obra, o autor insere uma parte relevante da história da Amazônia e do ciclo da borracha. Com isso, a ficção se mistura às experiências reais obtidas por Ferreira de Castro durante sua trajetória na floresta amazônica. Sendo assim, *A Selva* é uma obra que envolve o leitor em um drama humano ficcional, porém muito semelhante à realidade, fato que possibilita o conhecimento das minúcias de um período histórico de grande importância para o país.

Os acontecimentos iniciais do romance ocorrem na cidade de Belém, no estado do Pará, posteriormente o protagonista vai transitando por algumas pequenas cidades da região e logo depois por Manaus, capital do estado do Amazonas. No entanto, a maior parte do enredo se desenvolve no interior da floresta amazônica, mais especificamente em um seringal chamado Paraíso.

O seringal é apresentado no romance como um local bastante limitado, além de ser um ambiente de hostilidade entre os seringueiros e principalmente entre patrão e empregados, os

quais estabeleciam basicamente uma relação de exploração, fato que proporcionava aos seringueiros condições precárias de trabalho, com um tratamento muitas vezes desumano.

A floresta amazônica recebe bastante destaque na narrativa, uma vez que a maioria dos fatos envolvem esse ambiente. O autor faz questão de descrever em diversos momentos as especificidades e a grandiosidade do meio amazônico, citando detalhadamente características da floresta e das pessoas que lá habitavam. Esse ambiente é representado na obra como um lugar de perigos, sofrimento e situações conflituosas. O autor diversas vezes destaca o aspecto rústico da localidade, utilizando a palavra “selva” para se referir a Amazônia, tanto que utiliza esse termo para intitular o romance.

A descrição da floresta e do rio Amazonas é um aspecto marcante no romance, pois Ferreira de Castro, em meio à narração dos fatos, faz relatos detalhados sobre os aspectos naturais dos ambientes por onde Alberto transitava, possibilitando ao leitor, muitas vezes, criar uma imagem mental da localidade.

O espaço é apresentado pela ótica do personagem Alberto, por essa razão, é possível notar que o ambiente é descrito com a surpresa e estranhamento que a localidade proporcionava a esse jovem estrangeiro acostumado aos aspectos naturais europeus e, portanto, surpreendido com a dimensão do rio Amazonas e com a vastidão e a diversidade natural da floresta amazônica.

A obra mostra, através da ficção literária, a realidade social brasileira da época, pois o romance expõe aspectos que, muitas vezes, eram ignorados pela grande maioria das pessoas, tendo em vista que o leitor se depara com uma história de sofrimento e de exploração pela qual diversos homens foram submetidos nos seringais.

A elaboração do presente trabalho foi realizada através de levantamento bibliográfico, o qual forneceu subsídios para a construção das bases teóricas e analíticas dessa investigação. A pesquisa iniciou seu processo de construção no ano de 2021, o qual se destinou à leitura de bibliografias e coleta de informações. E no ano de 2022 se deu início a elaboração dos capítulos da dissertação.

Para um entendimento mais detalhado da pesquisa, o trabalho está dividido em três capítulos: *Contexto social e cultural da Amazônia no ciclo da borracha*, que retrata características, acontecimentos e alguns aspectos importantes sobre esse ciclo econômico, apresentados de acordo com as contribuições de Arumburu (1994), Bueno (2012), Candido (2006), Coelho (2011), Duarte (2011), Furtado (2004 e 2013), Gobbi (2004), Guillen (1997), Klein (2014), Moraes (2019), Lima (2009), Oliveira (2005), Oliveira (2012), Paulo (1980), Santos (1980), Silva et al (2010) e Weinstein (1993).

O segundo capítulo intitulado “*Concepções sobre Memória*” traz informações e discussões importantes sobre aspectos da memória individual, coletiva e histórica, além de concepções sobre lugar de memória e sua relação com a literatura, baseados nas definições de estudiosos como Antunes (2019), Bergson (2006), Candau (2016), Casadei (2010), Halbwachs (1990), Jobim (2020), Krug, Lima e Lebedeff (2015), Magalhães (2002), Nora (1993) e Saer (2009).

Por último, o capítulo “*Romance A Selva e a memória cultural amazônica*”, que destaca toda situação de exploração do trabalho humano nos seringais, bem como os aspectos sociais e culturais da época que podem ser identificados no decorrer do romance de Ferreira de Castro. Esse capítulo é subsidiado pela análise da obra *A Selva*, edição de 1991, e por algumas complementações baseadas nos estudos de Alves (2005), Jobim (2020), Nora (1993) e Trubiliano (2017).

Pretendemos que este trabalho possa proporcionar um aprofundamento nas pesquisas da literatura da Amazônia, contribuir e fortalecer os estudos literários amazônicos, além de reconhecer essa obra literária como um instrumento de relevância para as práticas educacionais da literatura da nossa região pelo fato de ressaltar os aspectos culturais e não apenas os naturais da Amazônia, através de uma crítica social sobre a exploração do trabalho e a representação da organização da sociedade local formada pelas relações entre imigrantes, nordestinos, ribeirinhos e indígenas.

2 CONTEXTO CULTURAL E SOCIAL DA AMAZÔNIA NO CICLO DA BORRACHA

Este capítulo apresentará informações sobre o contexto histórico do ciclo da borracha e o meio sociocultural da Amazônia da época, fazendo uma breve descrição sobre a descoberta da planta que proporcionou a confecção da borracha brasileira e as fases pelas quais a economia da borracha passou. Para possibilitar uma melhor compreensão sobre esse período serão expostos alguns pontos importantes sobre o desenvolvimento da economia da região amazônica, o sistema de trabalho utilizado, as pessoas recrutadas para os seringais, a composição da sociedade e como esse período histórico foi relatado na literatura. Através dessas informações será possível estabelecer uma melhor compreensão do que foi o ciclo da borracha e toda a sua organização.

2.1 PRECEDENTES DA ECONOMIA DA BORRACHA

A utilização da borracha pode ser observada desde as civilizações pré-colombianas, pois, segundo Santos (1980), esse produto exercia uma função relevante dentro dessas sociedades e isso pode ser verificado por meio das pinturas murais Aztecas, as quais sinalizam que a borracha era usada para o pagamento de tributos ao monarca e em cerimônias religiosas. Com isso, a autora destaca que a estimativa é de que a borracha já era utilizada no século VI d.c.

Santos (1980) também relata que quando Cristovão Colombo veio pela segunda vez à América, entre 1493 e 1496, ele viu a borracha sendo utilizada pelos indígenas do Haiti para o jogo de bola e assim conheceu uma outra utilidade para o material. A autora aponta que as propriedades físicas e as diversas utilidades da borracha eram conhecidas há muito tempo na América latina, porém essa matéria prima era uma novidade para os europeus, os quais ficavam impressionados com a capacidade que as bolas tinham de saltar e com a impermeabilidade à água que a substância apresentava. Santos (1980) acrescenta que nos duzentos anos seguintes, portugueses e espanhóis perceberam que os indígenas também utilizavam o produto para impermeabilização de roupas, para fazer calçados, vasilhames, seringas, etc.

Todas essas descobertas despertavam a curiosidade dos europeus, pois o material poderia trazer melhorias para muitos utensílios na Europa, que na época eram confeccionados com materiais inapropriados. Como destaca Santos (1980), os tubos e mangueiras eram feitos de couro e vazavam pela costura, as capas de couro eram pesadas e tinham um preço muito elevado, além das botas de couro que não tinham proteção contra água e as bolas feitas de bexigas de porco que não apresentavam eficiência nos jogos.

De acordo com Santos (1980), o potencial da borracha foi colocado em destaque para os cientistas e as indústrias através de Charles Marie de La Condamine e François Freneau, pois durante uma viagem ao Equador para realizar a medição do arco do Meridiano para a academia de ciências de Paris, La Condamine escreveu pela primeira vez sobre a borracha e essa comunicação foi lida em 1736 na academia por Buffon:

Em resumo, a nota mencionava uma árvore que os nativos da região chamavam de *Hhevé* e os índio maias de *cautchuc*; dela escorria uma resina “branca como o leite”, que, uma vez endurecida ao sol, se prestava para a confecção de tochas; a resina permitia também, quando tratada em moldes de terra, o fabrico de garrafas mais leves que as de vidro e absolutamente infensas à fabricação.(SANTOS, 1980, p. 43)

Quase dez anos depois La Condamine voltou a falar sobre a matéria prima observada em sua viagem. Segundo os estudos de Santos (1980), a “resina elástica” foi citada novamente por La Condamine em seu *Relato abreviado de uma viagem feita ao interior da América meridional*, o qual foi publicado em 1745 e apontava que o produto em questão era moldado na forma que se quisesse, era impermeável a chuva e tinha muita elasticidade. O autor destaca que o livro de La Condamine foi traduzido em Londres e com isso essas informações chegaram à Inglaterra anos antes da Revolução industrial.

Segundo Bueno (2012), o francês Charles Marie de La Condamine, vindo do Equador, descia o Amazonas quando se deparou pela primeira vez com a árvore da qual os nativos extraíam o líquido viscoso, maleável e utilizado para fazer seringas, botas, garrafas e brinquedos.

Bueno (2012) destaca, também, que ao retornar para a França, La Condamine levou consigo algumas amostras dessa planta para tentar fabricar uma roupa à prova d’água. Após essa primeira tentativa, o francês passou a exportar o vegetal da Guiana Francesa para fazer inúmeras experiências. Assim, a substância foi ganhando espaço na Europa e foi batizada de *Rubber* pelos ingleses após perceberem que a goma era excelente para apagar.

Figura 1 – Látex extraído da seringueira

Fonte: Memorial da indústria¹

Nos estudos de Santos (1980), fica evidenciado que o engenheiro François Fresneau, amigo de La Condamine, foi o pioneiro na indústria francesa da borracha, pois ele recebeu a missão secundária de realizar pesquisas botânicas enquanto reconstruía o forte de Caiena. O autor acrescenta que a função do engenheiro era de descobrir a “verdadeira árvore da seringa”, chamada de *Havea brasiliensis*, pois tudo indicava que La Condamine não tinha propriamente visto a seringueira e por isso suas descrições não tinham os detalhes necessários para a botânica, necessitando dos relatos de Fresneau para complementar essas descrições. Santos (1980) ressalta, ainda, que Fresneau fez previsões sobre o emprego industrial da borracha e se dedicou a investigar e fazer experimentos com a matéria prima, os quais proporcionaram prognósticos interessantes sobre sua utilização.

O uso da matéria extraída da árvore amazônica foi crescendo entre os europeus. Assim, “as seringas e galochas deixaram de ser artigos incomuns na Europa do início do século XIX. Tanto que, em 1827, a Amazônia exportou 31 toneladas de borracha bruta, cifra que em 1830 subiria para 156 toneladas” (BUENO, 2012, 34).

Mesmo com a interessante utilidade dessa matéria-prima, ela apresentava sensibilidade às variações de temperatura. Segundo Bueno (2012), as botas poderiam ficar duras no auge do inverno ou grudentas no calor do verão. No entanto, o autor relata que, em 1839, Charles

¹ Disponível em: <https://memorialdaindustriago.com.br/memorial/timeline/os-ciclos-da-borracha>. Acesso em: 23 out. 2023.

Goodyear aperfeiçoou o processo de *vulcanização*, fato que permitiu a utilização da borracha em rodas dentadas, correias, mangueiras, telhas, suspensórios, sapatos e capa de chuva.

Santos (1980) explica que *vulcanização* foi o termo dado por William Brockedom em 1842, quando mostrava a Hancock algumas borrachas que haviam passado por esse novo procedimento de Goodyear. Após esse processo, o material não sofria alterações com o frio, nem com o calor, muito menos por solventes comuns ou óleos. O autor relata, também, que o maior passo para Goodyear chegar à descoberta da *vulcanização* foi ele entender o alcance completo da técnica de Hayward, o qual havia descoberto que misturando enxofre à borracha e expondo a luz do sol, ela perdia a adesividade. Hayward patenteou esse processo e chamou de solarização, porém, de acordo com Santos (1980), Goodyear conseguiu ter os direitos a essa patente e após mais estudos conseguiu chegar a uma substância com propriedades diferentes da borracha nativa e a isso chamou de *vulcanização*, termo que faz referência ao Deus mitológico Vulcano (Deus do fogo), em virtude do enxofre e o calor estarem relacionados a ele.

Segundo Bueno (2012), O grande aumento no consumo da borracha veio com a invenção da bicicleta, em 1890, e com a popularização do automóvel a partir de 1900. Assim, a fabricação de pneus transformou significativamente o mercado da borracha, uma vez que a Amazônia passou a dominar a produção desse material na época.

Figura 2 - Figura - Produção da Borracha



Fonte: Blog Stravaganza ²

² Disponível em: <https://stravaganzastravaganza.blogspot.com/2016/03/o-ciclo-da-borracha.html>. Acesso em 19 set. 2023.

2.2 AS FASES DO CICLO DA BORRACHA

Devido a todas as descobertas, acontecimentos e com a demanda pela matéria-prima, ocorreram grandes transformações na economia do Brasil e da Amazônia, tendo em vista que a extração do látex, líquido utilizado para produção da borracha, se tornou uma prática de grande relevância para a região e para o país.

Esse período em que a demanda pela matéria-prima da Amazônia estava em alta ficou conhecido como Ciclo da Borracha, momento de grande destaque para o desenvolvimento da região, a qual, segundo Bueno (2012), precisou incrementar sua produção por meio da expansão física para seringais ainda não explorados, principalmente, na província do Amazonas. Nesse período, Belém se tornou o principal porto de escoamento da produção.

Com o crescimento da produção da borracha, houve a necessidade de aumentar a mão de obra na Amazônia e, com isso, os seringalistas enviavam seus homens de confiança ao nordeste do país para fazerem o recrutamento de pessoas para trabalharem nas áreas de extração de látex. De acordo com Santos (1980), na época, os governos do Pará e Amazonas realizavam programas de colonização agrícola e concediam transportes aos imigrantes, com isso favoreciam também a migração para os seringais. No entanto, o autor ressalta que o “arrebanhamento” direto nas capitais nordestinas era feito pelos prepostos particulares dos seringalistas ou intermediários, os quais agiam por conta própria, fazendo propagandas enganosas e convencendo os nordestinos com a ideia de enriquecimento rápido.

A economia da região amazônica passou a viver um momento de bastante expressividade, uma vez que a borracha brasileira se tornou um produto de muita importância nas exportações do Brasil. Bueno (2012) aponta que, de 1870 a 1910, aconteceu o maior surto econômico da região, alcançando o primeiro lugar nas exportações do Pará em 1911, com 4,8 milhões de quilos, contra 3,3 milhões de quilos do cacau.

Figura 3- O látex da seringueira convertido em borracha por um processo de defumação.



Fonte: Página Guia Geográfico História do Brasil³

O auge da economia da borracha trouxe muitas transformações para a região Norte, principalmente para Belém e Manaus, que desenvolveram, de maneira expressiva, não apenas a economia, mas a infraestrutura dessas cidades, o que modificou significativamente o modo de vida da população. “Graças à riqueza proporcionada pela exportação do produto, Manaus e Belém viveram momentos de luxo e glamour” (BUENO, 2012, p. 42).

Cabe destacar que antes desse período iniciar, Belém e Manaus eram cidades pequenas, no entanto o ciclo da borracha proporcionou um avanço impressionante para as duas localidades. Bueno (2012) relata que as duas cidades se tornaram as mais desenvolvidas do Brasil e estiveram entre as mais prósperas do mundo, principalmente Belém, pois além de ter uma posição estratégica, quase no litoral, sediava um maior número de residências e seringalistas, além de casas bancárias e outras instituições importantes. O mesmo autor destaca, ainda, que muitos imigrantes estrangeiros foram atraídos para a região, dentre eles: portugueses, chineses, franceses, japoneses, espanhóis e outros grupos, com a finalidade de desenvolverem a agricultura nas terras da Zona Bragantina⁴.

Com o sucesso da economia da borracha, a Amazônia se tornou dependente dessa atividade econômica. Oliveira, Trindade e Machado (2012) apontam que essa dependência de um único produto faz com que haja a necessidade de que sempre exista demanda por ele. Os autores relatam também que o aumento dos preços se tornou um problema, uma vez que os

³ Disponível em: <https://www.historia-brasil.com/republica/ciclo-borracha.htm>. Acesso em: 19 jul. 2023.

⁴ “Região cuja ocupação foi fomentada com vistas ao desenvolvimento de núcleos agrícolas no estado do Pará, no período de expansão da atividade gomífera.” (LEANDRO E SILVA, 2012, p. 144)

valores internacionais passaram a apresentar considerável volatilidade a partir da metade da segunda década do século XX, provocando a insatisfação dos produtores.

Apesar de ter possibilitado um considerável período de prosperidade, o ciclo da borracha começou a entrar em decadência na Amazônia e isso estava relacionado ao aumento nos preços do produto. De acordo com Weinstein (1993), em janeiro de 1910, o mundo industrial se deparou subitamente com esses aumentos que, após dois anos acontecendo de maneira gradativa, porém sem precedentes, fez com que os capitalistas de todo o mundo comessem a investir às pressas na produção da borracha bruta. “Nos meses que se seguiram, centenas de companhias, representando milhões de libras esterlinas de capital, surgiram literalmente da noite para o dia” (WEINSTEIN, 1993, p. 241).

A principal causa do declínio da borracha está relacionada à produção asiática da matéria-prima. Weinstein (1993) relata que, após vinte anos de trabalhos de botânicos e de empresários britânicos em plantações do vegetal denominado *Hévea*, a borracha começou a ser produzida na Ásia em quantidades expressivas. Com isso, constituíram-se diversas corporações ensejando garantir os benefícios da atividade, fato que fez o preço da borracha subir no mundo inteiro, consolidando as bases financeiras da ainda incerta economia de cultivo e abalando o negócio da borracha silvestre. “A alta produtividade asiática de borracha no início do século XX é fruto da abertura de grandes fazendas de seringueiras naquele continente e foi responsável em grande medida pela falência da economia dominada pela borracha na Amazônia do Brasil” (KLEIN, 2014, p. 188).

Weinstein (1993) aponta que a cada ano a produção da borracha bruta oriunda das seringueiras cultivadas foi reduzindo de maneira drástica a participação do Brasil nesse mercado. Segundo o autor, isso ocorreu em uma velocidade que nem os próprios cultivadores britânicos conseguiram prever, pois rapidamente a Ásia foi superando a Amazônia como fonte principal de borracha bruta no mundo. A autora complementa que:

O progresso tão célere ultrapassou até mesmo os mais arrebatados sonhos de Henry Wickham, o aventureiro britânico responsável pelo furto de sementes de 1876, que conduziu as primeiras experiências bem sucedidas de cultivo da *Havea* no jardim botânico de Kew, na Inglaterra (WEINSTEIN, 1993, p. 246-247).

Com a nova conjuntura da economia da borracha, a Amazônia passou a ter dificuldades para competir no mercado, o que afetou significativamente a produção na região, que passou a sofrer com a decadência da atividade. “O choque foi tão grande que a participação da borracha nas exportações do país caiu de 40% em 1910 para menos de 5% apenas 10 anos depois”

(OLIVEIRA, TRINDADE E MACHADO, 2012, p. 14). E com isso, a Amazônia passou a sentir os impactos ocasionados pelo fim desse período de prosperidade proporcionado pela economia da borracha.

2.2.1 O segundo Ciclo

Durante o início da II Guerra Mundial, a borracha da Amazônia começou a despertar o interesse estadunidense. Conforme os relatos de Oliveira, Trindade e Machado (2012), nesse período, os Estados Unidos estreitaram as relações com outros países da América para evitar que eles iniciassem ou intensificassem o contato com os países do outro eixo e começaram a incentivar o retorno da produção da borracha na Amazônia. Os autores explicam que o interesse norte-americano era resgatar a extração gomífera brasileira para atender às necessidades da indústria bélica e automobilística, uma vez que os grandes produtores de borracha da época, Malásia e Celião, estavam sob domínio do império japonês.

Segundo afirmam Silva *et al.* (2010), com o intuito de impulsionar a produção da borracha, o Brasil estabeleceu um convênio com a empresa americana *Rubber Reserve Company (RCC)*, que posteriormente passaria a se chamar *Rubber Development Corporation (RDC)*, definindo, assim, o que se convencionou chamar de segundo ciclo da borracha. O autor destaca que, devido à assinatura do Acordo de Washington, o Brasil celebrou vários compromissos, visando promover a venda exclusiva de toda a produção de borracha excedente para, assim, atender às necessidades internas do governo norte-americano. Conforme Silva *et al.* apontam, nesse acordo:

O governo brasileiro forneceria os seringais, ficaria responsável por 52% do capital mais a mão de obra, enquanto o governo estadunidense entraria com o restante do capital para a criação de um órgão que financiasse a extração da borracha. Neste sentido, foi criado o Banco de Crédito da Borracha, em 1942. É o início do segundo ciclo da borracha na Amazônia, tentativa, agora direcionado e com forte presença do Estado, de “remake” do período anterior. (SILVA *et al.*, 2010, p. 17)

Esse novo período é marcado por uma retomada da economia da borracha e, logo, pela necessidade de trabalhadores para a sua produção. De acordo com os estudos de Guillen (1997), a assinatura do acordo de Washington desencadeou uma maciça propaganda para atrair

migrantes para a Amazônia. Esses migrantes, recrutados pela campanha, ganharam o *status* de combatentes da guerra, ficando conhecidos como “soldados da borracha”.

Figura 4 - Soldados da Borracha



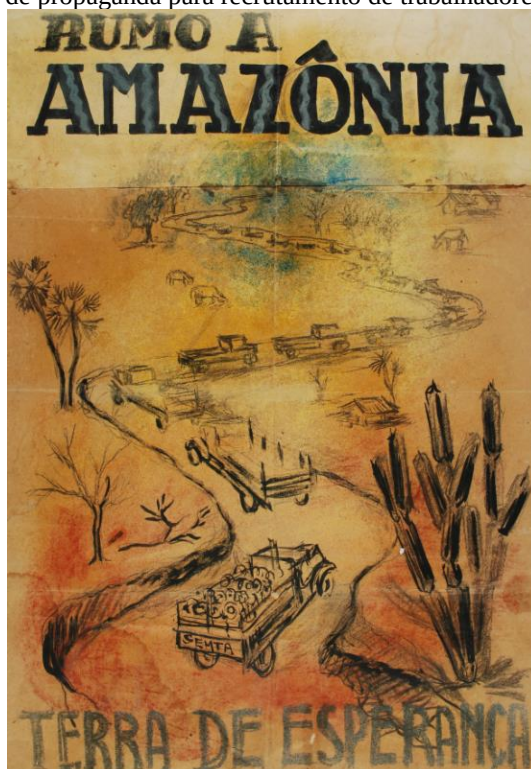
Fonte: Blog Ferdinando de Sousa⁵

Trabalhadores do nordeste do país viram nessas propagandas uma nova oportunidade. Guillen (1997) ressalta que devido aos incentivos governamentais e à ocorrência da seca de 1942, aproximadamente 50 mil nordestinos se sujeitaram aos desafios da produção da borracha, pois acreditavam que essa seria uma oportunidade para reestruturar suas vidas com mais segurança, já que o Estado prometia se responsabilizar pelas despesas da viagem, e além disso, estabelecer novos planos de colonização da região. A mesma autora pondera que:

Para o Estado Novo, o Brasil ainda não estava geograficamente integrado. Urgia ocupar o sertão; daí as campanhas da “Marcha para o Oeste” e da colonização da Amazônia. Ao alardear a fartura de terras sem donos, o regime atraía muitos migrantes que esperavam encontrar a terra e a liberdade de nela reconstruir suas vidas, tal como vinha acontecendo desde os anos áureos da borracha (GUILLEN, 1997, p. 70).

⁵ Disponível em: <https://ferdinandodesousa.com/2019/09/24/os-soldados-da-borracha-ou-quem-disse-que-o-raio-nao-cai-duas-vezes-no-mesmo-lugar/>. Acesso em: 19 jul. 2023.

Figura 5 - Cartaz de propaganda para recrutamento de trabalhadores para a Amazônia



Fonte: Acervo do MAUC/UFC.⁶

Apesar das propagandas governamentais mencionarem uma série de benefícios destinados aos trabalhadores, a realidade era bem diferente, visto que o sistema trabalhista não apresentava as vantagens disseminadas nas propagandas, além disso, as condições de trabalho e de vida dos seringueiros eram bastante precárias. Guillen estabelece que:

Quanto aos migrantes nordestinos, a preocupação maior era mascarar as reais condições de vida nos seringais e continuar a atrair novos contingentes de trabalhadores, uma vez que a escassez de mão-de-obra tornava-se flagrante devido à alta mortalidade e às constantes fugas. Por outro lado, a única possibilidade de aumentar a produção, mantido o sistema extrativista — uma vez que os seringais encontravam-se abandonados —, era via extensão da mão-de-obra. De fato, para o trabalhador que tinha migrado restava tentar sobreviver, enfrentando não só as agruras da selva amazônica e o arcaico sistema de aviamento implantado nos seringais desde o período áureo da borracha, mas tendo também que reelaborar substancialmente seus referenciais culturais, espaciais e temporais. (GUILLEN 1997, p. 97)

Devido ao acordo firmado com os Estados Unidos e ao incentivo do governo de Getúlio Varga para atrair trabalhadores para a região amazônica, os envolvidos na atividade econômica criaram muitas expectativas. No entanto, o segundo ciclo acabou não dando os resultados

⁶ Disponível em: <https://www.ufc.br/noticias/noticias-de-2016/8974-acervo-de-chabloz-do-mauc-tem-relevancia-para-a-memoria-reconhecida-pela-unesco>. Acesso em: 10 ago. 2023.

esperados. Guillen (1997) explica que, a partir de 1944, o trabalho na dita Batalha da Borracha entrou em declínio, ocasionado, principalmente, pelo processo de substituição da borracha natural pela sintética. O mesmo autor relata, ainda, que a dita “batalha” não teve resultados significativos, servindo muito mais como propaganda do Estado Novo, de Getúlio Vargas, pois nem mesmo o mercado interno conseguia ser suprido pela produção.

Cabe ressaltar, também, que apesar do ciclo ter despertado fortes expectativas nas elites amazônicas, como relata Silva *at al.* (2010), com o fim da segunda guerra em 1945, a demanda norte-americana e as medidas oriundas dos acordos de Washington foram praticamente paralisadas.

2.3 O MEIO SOCIAL E CULTURAL DA AMAZÔNIA NO CICLO DA BORRACHA

No período em que a produção da borracha na Amazônia se tornou uma atividade relevante e próspera, muitas mudanças ocorreram na região, principalmente nas cidades de Belém e Manaus, que passaram por expressivas transformações em seu meio social, desenvolvendo-se significativamente.

Oliveira, Trindade e Machado (2012) declaram que devido à Amazônia ter se tornado, praticamente, a única fornecedora da borracha na época, os preços do produto elevavam-se bastante, aumentando os rendimentos das classes abastadas. A expressão da riqueza era evidente nas duas cidades amazônicas. Bons exemplos disso, citados pelos autores, são as construções do Teatro da Paz em Belém, o Teatro Amazonas em Manaus, além de várias outras construções da época influenciadas pela arquitetura europeia e que demonstravam o poder econômico dos barões da borracha. Duarte complementa essa ideia ao relatar que em Belém:

A euforia dos novos tempos, decorrentes do progresso industrial em marcha na Europa e Estados Unidos, exercia grande influência na cidade, especialmente sobre a emergente burguesia da borracha. Os ideais de conforto e saneamento urbano, financiados pelo saldo comercial favorável, deram origem a importantes melhoramentos como a iluminação elétrica, o calçamento das ruas com paralelepípedos de granito importado, a inauguração do serviço de bondes urbanos, a substituição do sistema de abastecimento de água tradicional por uma rede parcial de águas e esgoto e o incremento do sistema de comunicações com o telégrafo por cabo sub-fluvial entre Belém e Manaus, e o telefone. Inaugura-se o primeiro trecho da Estrada de Ferro Belém-Bragança (1884). Surgem os consulados e os bancos. Constrói-se o Grande Hotel e o Teatro da Paz (1878), destinados a receber as mais famosas companhias de ópera da Europa. Belém

transformava-se rapidamente, adquirindo ares de cidade cosmopolita. (DUARTE, 2011, p. 2)

Figura 6-Mercado Ver o peso (Belém-PA)



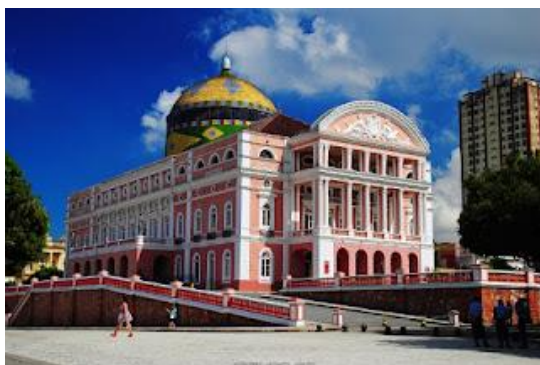
Fonte: Blog Realidades Urbanas⁷

Figura 7- Teatro da paz (Belém -PA)



Fonte: Blog Realidades Urbanas⁸

Figura 8- Teatro Amazona (Manaus - AM)



Fonte: Blog Realidades Urbanas⁹

Figura 9-Mercado Adolpho Lisboa (Manaus - AM)



Fonte: Blog Realidades Urbanas¹⁰

As mudanças econômicas proporcionadas pelo ciclo e as transformações na sociedade marcaram um período bastante próspero para a região amazônica, momento que proporcionou o surgimento de uma nova elite que, segundo Bueno (2012), era formada por comerciantes, seringalistas, financistas e os profissionais liberais que, geralmente, eram de famílias ricas e oriundos de universidades europeias. “É este novo grupo dominante que, em nome do progresso, vai direcionar a remodelação da cidade, imprimindo-lhe o brilho da chamada belle époque” (BUENO, 2012, p. 44-45).

⁷ Disponível em: <http://realidadeurbanas.blogspot.com/2011/03/belle-epoque-amazonica.html>. Acesso em: 20 jul. 2023.

⁸ Disponível em: <http://realidadeurbanas.blogspot.com/2011/03/belle-epoque-amazonica.html>. Acesso em: 20 jul. 2023.

⁹ Disponível em: <http://realidadeurbanas.blogspot.com/2011/03/belle-epoque-amazonica.html>. Acesso em: 20 jul. 2023.

¹⁰ Disponível em: <http://realidadeurbanas.blogspot.com/2011/03/belle-epoque-amazonica.html>. Acesso em: 20 jul. 2023.

Conforme explica Weinstein (1993), o impacto demográfico e econômico da borracha só começou a ser sentido com o advento dos “anos dourados” da Amazônia, por volta de 1880 a 1910, porém, em meados do século XIX, já era perceptível os efeitos das exportações da borracha nas “estatísticas vitais” do Pará. A autora salienta que, entre 1850 e 1872, a população dessa província praticamente dobrou, sendo que Belém cresceu nesse período cerca de 3,65 % ao ano. Weinstein destaca também que entre 1852 e 1865, as taxas de exportações ajudaram a renda da província a crescer mais de 100%, e ressalta que dois terços do valor da exportação do Pará nesse último ano era constituída pela borracha. Com todos esses fatos, Weinstein pondera que a Amazônia foi deixando de ser considerada uma região economicamente atrasada, status que carregava desde a sua independência de Portugal.

As transformações sociais na época foram bastante evidentes. Bueno (2012) destaca que Manaus foi uma das primeiras cidades do Brasil a vivenciar o “espírito da belle époque”, pois de um simples vilarejo à beira do rio Negro tornou-se uma poderosa cidade, com infraestrutura urbana moderna e sede dos negócios relacionados à borracha. Para o autor, o cosmopolitismo do ciclo da borracha fez com que Belém e Manaus se transformassem em pequenas reproduções de cidades europeias.

Figura 10 - Manaus da Belle Époque



Fonte: Portal Amazônia (Foto: Acervo Abrahim Baze)¹¹

Essa influência europeia estava presente não apenas nas construções, mas nos costumes, nas manifestações artísticas e na moda, que passaram a ser reproduzidas frequentemente pelas elites da Amazônia. Isso pode ser constatado por Bueno ao relatar que:

¹¹ Disponível em: <https://portalamazonia.com/historias-da-amazonia/abrahim-baze-manaus-de-ontem-e-de-hoje-com-lagrima-dos-boemios>. Acesso em: 20 jul. 2023.

Não há dúvida de que a moda é um fenômeno típico da sociedade urbano-industrial, estimuladora do consumo. Na Belém do século XIX, mulheres das classes abastadas tinham um zelo especial pela indumentária, de tal forma que precisavam mandar buscar seus vestidos em Londres e/ou Paris. Para resolver essa questão, surgiram na cidade estabelecimentos comerciais para atender o requinte das damas e cavalheiros, entre eles Paris N'América, Bom Marché, Maison Française, além de lojas ambulantes que vendiam, em carros e tabuleiros, fazendas francesas, inglesas e diversas miudezas. (BUENO, 2012, p. 45)

Figura 11 - Damas da elite seringalista vestidas conforme a moda europeia (Belém 1916)



Fonte: Blog Realidades Urbanas¹²

Os estudos de Coelho (2011) apontam que a navegação a vapor foi um fator de extrema importância para a redefinição das bases econômicas e culturais amazônicas, isso antes mesmo da abertura do Amazonas à navegação internacional, em 1867. De acordo com o autor, a exportação do látex e a importação de bens de consumo europeus ganharam uma nova dimensão do ponto de vista econômico, social e cultural, uma vez que, durante a *belle époque*, enquanto os membros de famílias ricas do Pará e do Amazonas seguiam para a Europa, na maioria das vezes para estudar, os europeus chegavam aos desembarcadouros de Belém, interessados no mercado amazônico.

¹² Disponível em: <http://realidadeurbanas.blogspot.com/2011/03/belle-epoque-amazonica.html>. Acesso em: 20 jul. 2023

Figura 12- Figura - Porto de Belém (1910)



Fonte: Blog A Cidade e o Urbano¹³

Nesse contexto urbano, cabe destacar a figura de uma camada social pouco mencionada nos relatos históricos. Duarte (2011) explica que em meio ao luxo das novas metrópoles existia também a figura dos indivíduos que não usufruíam das riquezas da *belle époque*, pois a pobreza urbana, produzida pelo liberalismo econômico em vigor também estava presente nas movimentadas ruas das capitais da borracha. Para o autor, essa pobreza era uma consequência inevitável do modelo econômico do período, o qual concentrava a maior parte da riqueza nas mãos das elites locais e estrangeiras. O autor complementa que:

A estratificação social produzida pela riqueza da borracha e, ainda, a abundância do meio circulante em Belém, instituía a mendicância como uma alternativa de subsistência para os desvalidos. Assim, o fenômeno da pobreza urbana surgia como contrapartida inevitável do processo de modernização e enriquecimento da cidade. (DUARTE, 2011, p. 5)

É importante ressaltar que a sociedade da época era composta por grupos antagônicos, pois ao mesmo tempo que o ciclo proporcionava riqueza e luxo às classes mais altas, causava a segregação de uma parte da população e a exploração dos indivíduos que trabalhavam diretamente com a extração do látex, os seringueiros, uma vez que eles eram submetidos a um sistema de trabalho praticamente de escravidão, além de estarem constantemente expostos aos perigos e às doenças da floresta. Paula ratifica essa ideia ao afirmar que:

¹³ Disponível em: <https://acidadeeourbano.wixsite.com/blog/single-post/2016/10/31/porto-de-bel%C3%A9m-a-moderniza%C3%A7%C3%A3o> Fonte : Furtado 2012. Acesso em: 20 jul. 2023.

As condições de vida na selva amazônica, as doenças tropicais, o clima, o isolamento e a miséria, além das cansativas e imensas jornadas de trabalho, eram por demais terríveis para que incentivassem a permanência do migrante nordestino. Atraídos para a região pelas promessas de riqueza fácil, obrigados a migrar pela forte seca de 1877 a 1880, o nordestino tinha como grande entrave à sua volta para o Nordeste o endividamento crescente que lhe era imposto, desde os custos da viagem até os custos de instalação, alimentação e compra de instrumentos de trabalho. (PAULA, 1980, p. 13)

Figura 13- Seringueiros



Fonte: Aventuras na História¹⁴

Fica evidenciado pelos dizeres do autor que os migrantes nordestinos eram atraídos para a região amazônica e induzidos a acreditar que desfrutariam de um trabalho com excelentes condições e que proporcionaria a obtenção de riqueza. No entanto, ao chegar ao seringal, o nordestino se deparava com a difícil realidade que teria de enfrentar ao longo de sua jornada, submetendo-se a um sistema de endividamento pago com o trabalho e que dificilmente conseguiria ser sanado, já que o seringueiro dependia dos barracões, assim denominados os armazéns, para a obtenção das ferramentas, dos alimentos e dos produtos mínimos para sua subsistência.

¹⁴ Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/promessas-e-chantagens-a-esquecida-historia-dos-soldados-de-borracha.phtml>. Acesso em: 19 jul. 2023

Figura 14 - Armazém do Museu do Seringal Vila Paraíso (Manaus)



Fonte: Site Amazonas Atual (Foto: Michael Dantas/SEC)¹⁵

É evidente que a realidade que os seringueiros conheciam era bem diferente daquela que era vivenciada pelas elites, pois enquanto as classes altas usufruíam dos benefícios e dos lucros que a borracha proporcionava, os trabalhadores enfrentavam as dificuldades da floresta e do sistema de trabalho. “A viagem desde o Nordeste até a Amazônia era paga pelo migrante, que assim já chegava endividado ao local de trabalho. Além dessa dívida inicial, outras dívidas eram contraídas antes do início da exploração do látex” (PAULA, 1980, p. 13).

Oliveira (2005) descreve que devido à atividade de extração do látex ter se desenvolvido de maneira dispersa e isolada nos altos vales dos rios, isso contribuiu para a existência de um vínculo praticamente de exclusividade do seringueiro com o barracão, fazendo com que as possibilidades da utilização do dinheiro ficassem restritas. Assim, o sistema de aviamento se tornou um meio de troca popular nos seringais, fato que contribuiu para o estabelecimento da hierarquia e do poder, “(...) reforçando e garantindo a dependência do seringueiro ao barracão, do seringalista à casa aviadora e do aviador às casas exportadoras.” (OLIVEIRA, 2005, p. 10477)

O sistema de aviamento, de acordo com Arumburu (1994), é uma definição criada na Amazônia que se refere a um sistema de adiantamento de mercadorias a crédito e apesar de ter começado a ser utilizada na região no período colonial, se consolidou durante o ciclo da borracha, tornando-se um instrumento de identidade da sociedade amazônica. O autor relata que, após o ciclo da borracha, o aviamento foi reformulado, no entanto, continuou sendo dominante em todas as esferas da produção. Arumburu declara, ainda, que:

¹⁵Disponível em: <https://amazonasatual.com.br/museu-do-seringal-vila-paraíso-mantem-viva-historia-do-período-aureo-da-borracha/>. Acesso em 20 jul. 2023.

O aviamento, como diversos autores salientaram, une o mundo do caboclo, por mais isolado que esteja, à sociedade regional e nacional, e em última instância ao mercado mundial. Paradoxalmente, era a maneira de introduzir o caboclo na divisão internacional do trabalho, na "modernidade" do mercado mundial, e, ao mesmo tempo, a principal barreira ao desenvolvimento e à modernização da vida e das relações sociais na Amazônia. (ARUMBURU, 2005, n.p.)

Figura 15- Habitação de um seringueiro na Amazônia



Fonte: Site Memória do Transporte¹⁶

A forma de trabalho estabelecida durante o ciclo era, muitas vezes, mais desafiadora do que os perigos da Selva. Oliveira (2005) argumenta que não foram as condições naturais os principais responsáveis pelas condições precárias na Amazônia e, sim, as relações sociais de produção impostas nos seringais e na cadeia produtiva. O autor relata que seguranças armados eram responsáveis por garantir o sistema de exploração, impedindo a fuga dos seringueiros que continham dívidas nos barracões. Além disso, a polícia oficial colaborava, mandando de volta aos seringais os trabalhadores que fugiam.

Além do migrante nordestino, a floresta amazônica contava com uma outra figura que também sofreu com a ambição proporcionada pelo período, o indígena. Segundo Moraes (2019)

¹⁶ Disponível em: <https://memoriadotransporte.org.br/galeria/ciclo-da-borracha/>. Acesso em: 20 set. 2023.

o contato dos trabalhadores nordestinos com os nativos da floresta não aconteceu de forma pacífica nos seringais amazônicos, uma vez que desde o advento do *Boom* da borracha era frequente o conflito entre os seringueiros e os indígenas.

Os atritos entre seringueiros e indígenas podem ser facilmente associados ao processo abusivo pelo qual os nativos haviam sido submetidos inicialmente, pois, como relata Moraes (2019), antes dos nordestinos chegarem, muitas comunidades indígenas tinham sido submetidas a intensas formas de exploração na extração do látex. Com isso, é possível inferir que tanto os indígenas quanto os nordestinos na verdade eram vítimas daquela sistemática do ciclo da borracha, os quais acabavam se enfrentando e, muitas vezes, dizimando uns aos outros na luta pela sobrevivência na selva amazônica.

É importante destacar que mesmo em meio a um ambiente completamente diferente do que estavam habituados, os migrantes do nordeste não abriram mão de suas origens, uma vez que trouxeram as especificidades culturais de sua região para a Amazônia. Silva *et al.* (2010) explica que mesmo sentindo o flagelo da seca e a opressão do sistema capitalista, evidenciado pela desumanização e ganância dos seringalistas, o processo de “des(re)territorialização” vivenciado por diversos nordestinos delinear a nova vida em um lugar que até então era desconhecido para eles. Segundo o autor, essa nova territorialização não levou esses retirantes a se desfazerem de suas raízes, pois o modo de vida e os costumes trazidos por eles se juntaram à cultura amazônica, fato que fortaleceu essa nova territorialização.

Pode-se inferir que os elementos que integram a cultura amazônica nascem dessas trocas estabelecidas entre os sujeitos que conviveram na região. Silva *et al.* (2010) apontam que a nova realidade vivenciada pelos trabalhadores ajuda a entender a Amazônia na atualidade, pois os nordestinos trouxeram costumes e um modo de vida que se fundiu com a cultura da região e, em seguida, fortaleceu a compreensão da nossa territorialidade.

2.4 O CICLO DA BORRACHA NA LITERATURA

A literatura é uma ferramenta que constantemente dialoga com elementos históricos. Nesse sentido, é comum que minúcias de alguns períodos ou acontecimentos históricos integrem diversas criações literárias. De acordo com Lima (2009), a prosa sobre os ciclos econômicos é bastante representativa na literatura brasileira, pois durante o Romantismo, alguns romances regionalistas ou sertanistas já discutiam essas temáticas. No entanto, a autora

destaca que os textos literários sobre os ciclos ganharam maior expressão com os chamados Romances de 1930, os quais abordaram em um maior número de obras tanto os ciclos econômicos, quanto as calamidades geográficas.

O ciclo da borracha foi um período retratado em diversas obras literárias, as quais proporcionaram alguns entendimentos sobre peculiaridades da época. Leandro (2014) estabelece que o ciclo da borracha não é apenas um ciclo econômico ou um ciclo histórico, pois na literatura que aborda esse tema é possível observar mais do que uma simples reprodução da ascensão e da queda do período. Para o autor, “o ciclo da borracha desloca-se, pelos caminhos ficcionais, para um ciclo de memórias sobre a Amazônia, sob a lente histórica do período da borracha.” (LEANDRO, 2014, p.27).

Leandro (2014) explica que durante a era pré-moderna na Amazônia do ciclo da borracha começou um processo de construção de um mito da modernidade e isso aos poucos foi se impregnando em um novo ciclo literário. O autor destaca que José Veríssimo, João Marques de Carvalho, Rodolfo Teófilo, Paulino Brito, Quintino Cunha e Raimundo Monteiro formaram o grupo dos primeiros narradores ou poetas do ciclo da borracha.

Autores como Olavo Bilac e Manoel Bomfim também abordaram a temática dos seringais, pois como relata Leandro (2014), por meio da obra *Através do Brasil*, esses escritores promovem uma verdadeira “peripécia” para o descobrimento de várias regiões brasileiras, destacando na Amazônia a persistência da riqueza e da sociedade constituídas pela borracha, bem como os aspectos do processo de trabalho dos seringueiros.

De acordo com Leandro (2014), na virada do século XIX para o XX, a produção literária que abordava os tempos da borracha era esteticamente irregular e frágil, tendo em vista que as obras dos amazonólogos, como José Veríssimo, se firmavam mais facilmente. Para o autor, essas obras sofriam com o “mal da amazonologia” e tinham pouca criatividade estética, além disso demoraram para adotar padrões literários que estivessem de acordo com o momento histórico.

José Veríssimo publicou em 1886 a obra *Cenas da vida amazônica* e segundo Furtado (2013), seis textos, chamados por Veríssimo de esboços, foram acrescentados a esse livro, entre eles encontram-se: *Indo para a seringa* e *Voltando da seringa*, os quais, de uma maneira oposta, se complementam, uma vez que o primeiro fala sobre a ida de uma família para o seringal em busca de fortuna e o segundo retrata a ruína dessa família.

Em 1899, Rodolfo Teófilo publicou a obra *O Parauara*, que retrata o deslocamento dos nordestinos até a Amazônia para trabalhar no seringal. Furtado (2013) destaca que a obra inaugurou a representação literária sobre o período econômico da borracha com foco na figura

do nordestino que fugia das secas do sertão em busca de melhores condições de vida na Amazônia. Segundo a autora, essa temática passou a ser bastante explorada pelas produções literárias amazônicas até a segunda metade do século XX.

Outra obra que pode ser citada sobre o ciclo da borracha é o conto *O Seringueiro*, do autor Humberto de Campos. Furtado (2013) explica que essa obra foi possivelmente escrita após 1906 e está dividida em seis partes, sendo que em apenas uma delas é retratado o trabalho no seringal. Para Furtado, a obra foca mais na questão do nordestino atormentado pela seca do que no seringueiro tomado pelo sofrimento. Assim, “soa mais como um conto do anedotário regional do que como uma representação literária que retrata o trágico com o fito de denúncia social”. (FURTADO, 2013, p. 2)

Euclides da Cunha também é um nome de destaque na literatura que aborda o ciclo da borracha. Sua obra *À margem da história*, publicada em 1909, após sua morte, apresenta aspectos interessantes sobre a natureza amazônica e os seringais. De acordo com Furtado (2013), os textos inseridos nessa obra apresentam um caráter analítico, como se fossem um relatório. Para a autora, entre esses textos que compõem *À margem da história*, o mais próximo de um conto é o *Judas Ahsverus*, porém falta uma maior organização entre as partes e um trabalho mais apurado no foco narrativo. Mesmo com essas observações, Furtado (2013) defende que o jogo vocabular, e o jogo enigmático bem elaborado desses textos, conseguem dar som, luz e cor a eles, surpreendendo o leitor e dando fidedignidade à denúncia que eles querem assumir.

Outra figura relevante na temática sobre o ciclo da borracha é o pernambucano Alberto Rangel, que publicou em 1908 a obra *Inferno Verde*. Cabe destacar que Rangel era amigo de Euclides da Cunha e seu livro foi publicado um ano antes da obra *À margem da História*. De acordo com Furtado (2013) Rangel tem vantagens sobre os estudos euclidianos, porém ficou obscurecido porque o seu estilo lembrava muito o do amigo.

Muitos autores e obras são dignas de destaque no que tange à temática do ciclo da borracha, no entanto, Leandro (2014) declara que Euclides da Cunha e Alberto Rangel são os responsáveis por uma “reviravolta na prosa amazônica”, pois esses nomes foram diversas vezes apontados como de extrema importância no início da literatura moderna do Norte. Nesse sentido, Leandro ressalta que é possível considerar que esses dois autores são responsáveis pela formação de uma “protomemória do ciclo da borracha”, uma vez que é por meio dela que diversas narrativas utilizariam motivos literários para a representação desse período econômico da Amazônia.

Lima (2009) destaca que a representação do período econômico da borracha nas obras literárias completou um século e que no decorrer de cada década, pelo menos uma obra foi surgindo. Segundo essa autora, inúmeras produções sobre o ciclo foram se manifestando a partir do final do século XIX, uma vez que após a publicação da obra *O Paraoara*, destacaram-se obras como:

(...) Inferno verde, especialmente o conto “Maiby” (1908), de Alberto Rangel; o conto “Judas-Asvero”, em *À margem da história* (1909), de Euclides da Cunha; *Deserdados* (1921), de Carlos de Vasconcelos; *A selva* (1930), de Ferreira de Castro; *Amazônia que ninguém sabe* (1932)¹, de Abguar Bastos; *Terra de ninguém* (1934), de Francisco Galvão; *Marupiará* (1935), de Lauro Palhano; *Um punhado de vidas* (1949), de Aristófanes Castro; *No circo sem teto da Amazônia* (1955), de Ramayana de Chevalier; *Beiradão* (1958), de Álvaro Maia; *Arapixi* (1963), de Adauto de Alencar Fernandes; *Dos ditos passados nos acercados do Cassianã* (1969), de Paulo Jacob; *Terra firme* (1970), de Antisthenes Pinto; *Coronel de barranco* (1970), de Cláudio Araújo Lima; *Regime das águas* (1985), de Francisco Vasconcelos; *O amante das Amazonas* (1992), de Rogel Samuel e “Três histórias da terra”, em *O tocadador de charamela* (1995), de Erasmo Linhares (LIMA, 2009, p. 35).

Essas produções foram responsáveis pela inserção do ciclo da borracha na ficção, pois como relata Lima (2009), através delas o mundo do seringal tornou-se um tema abordado corriqueiramente na literatura amazonense, surgindo, assim, um ambiente comum à ficção, que geralmente se desenvolvia em torno da margem, onde localizava-se o barracão com as atividades típicas do local, e do centro, lugar onde os seringueiros atuavam e os acontecimentos ligados a eles se desenvolviam.

É importante ressaltar que Alberto Rangel, autor de *Inferno verde*, e Ferreira de Castro, autor de *A selva*, experimentaram a Amazônia do ciclo da borracha e expressam em suas obras aspectos dessas vivências. Leandro (2014) acrescenta que os dois escritores vivenciaram o período antes mesmo da experiência amazônica euclidiana, no entanto, Rangel não sofreu na região como Ferreira de Castro, que teve uma experiência direta com o trabalho nos seringais. Ao contrário de Ferreira de Castro, Rangel prestou serviços ao governo do Amazonas no cargo de Diretor de Terras e Colonização, com isso Leandro elucida que:

Essa experiência lhe proporcionou a oportunidade de palmilhar vários confins daquele Estado. É bem provável que o narrador-viajante que aparece, aqui e ali, em *Inferno Verde* (1908) seja resultante dessa observação direta de boa parte da região amazônica. Nesse período, Rangel contribuiu com crônicas para o jornal *Comércio do Amazonas* [45] (1870-1912), nas colunas “A giz” e “A carvão”, sendo que, por vezes, assinava apenas com suas iniciais A.R. Como cronista, há pouco sobre o ciclo da borracha, mas não deixa de dar

informações sobre a *belle époque* amazônica, como, por exemplo, dos espetáculos no Teatro Amazonas. (LEANDRO, 2014, p. 44-45)

Essas obras oriundas das vivências de Aberto Rangel e Ferreira de Castro apontam para a relação próxima entre o texto literário e os aspectos da memória, pois segundo Leandro (2014), a literatura se mostra como um meio criativo de transmissão de recordações de um passado como o ciclo da borracha, que se trata de um fato marcante na história da Amazônia.

Um ponto importante a ser destacado é que com a publicação do romance *A Selva*, Ferreira de Castro rompeu uma tendência seguida pelos seus antecessores, pois de acordo com Furtado (2004) os autores anteriores se mantinham presos ao estilo de Euclides da Cunha e quando tentavam denunciar algo, essa denúncia acabava ficando “achatada”, pois a natureza recebia mais destaque do que o homem e seus dramas, produzindo assim quase sempre relatos amazônicos e não romances ou contos. A autora relata ainda que assim como Euclides, Ferreira de Castro era ligado ao jornalismo, porém com projeto de publicação de obras fictícias e apesar de ter também seguido o estilo de denúncia euclidiana, o autor de *A Selva* utilizou a experiência dos anos em que viveu no seringal da Amazônia para produzir um romance e expor todo o contexto da vida nesse ambiente. Ao apontar a relevância dessa obra para a literatura da Amazônia, Furtado explica que:

Utilizando-se de atitude realista, o autor produz um romance em que traça um quadro completo da vida em um seringal amazônico: a arregimentação do nordestino em sua terra natal; a pequena estada na cidade portuária, pórtico da reta final da viagem, no caso Manaus (onde se abrem as frinchas da desilusão que espera o trabalhador, a ponto de alguns fugirem da trupe); a descida pelos rios em gaiolas; a chegada ao seringal; a organização do trabalho no seringal; as vicissitudes do dia-a-dia do trabalhador, preso àquele sistema, escravizado ao trabalho. À parte as notações do enredo que particularizam a obra e dão conta de sua ficcionalidade, a equivalência de peso entre a verossimilhança interna e a externa do romance o torna bem acabado esteticamente e como tal aponta para a realidade, denunciando o paradoxo de uma barbárie organizada pelo homem para escravizar o próprio homem. (FURTADO, 2004, p. 1871-1872)

Com *A Selva*, Ferreira de Castro mostra a questão social de um grupo oprimido, expõe as dificuldades enfrentadas por eles e a problemática de um sistema econômico explorador. Por essa razão, ele é considerado um precursor do neorrealismo na literatura, uma vez que essa é uma corrente de cunho crítico-social, que buscava denunciar as injustiças e as desigualdades sociais. Gobbi destaca que:

Ao aliar, portanto, drama humano e realidade social, miséria, trabalho e sonho, Ferreira de Castro ancora sua ficção na tensão homem/mundo perspectivada pela ótica da crítica social, da denúncia. E por isso a sua obra é precursora: vincula-se não só aos ideais do romance nordestino da década de 1930, de que acaba por ser contemporânea, mas principalmente antevê o que seria o mote da ficção neorrealista em Portugal, marcada por uma intencionalidade determinada. (GOBBI, 2004, p. 190-191)

A Selva foi a obra que deu destaque a Ferreira de Castro na literatura e, segundo Furtado (2004), após a publicação desse romance e o sucesso que ele teve no Brasil, os autores brasileiros passaram a seguir a tendência castriana e continuaram a fazer denúncias da exploração humana na Amazônia em suas criações literárias e com isso *A Selva* foi perdendo o seu protagonismo na época. Um exemplo dessas publicações que foram surgindo, citada por Furtado, é a obra *Safra*, de Abguar Basto, publicada em 1937, a qual faz reflexões sobre o ciclo da castanha iniciado após a falência do ciclo da borracha.

É possível notar que as especificidades da economia da borracha serviram de inspiração para muitas criações, uma vez que os acontecimentos, as relações sociais e trabalhistas desse período foram expostas constantemente por meio da ficção. O ciclo da borracha foi muito marcante para a história da Amazônia e serviu de temática para produções literárias de vários autores, que por meio da representação retrataram os aspectos econômicos, sociais e culturais da Amazônia e desse ciclo que proporcionou muita prosperidade para a economia da região, porém muita exploração da mão de obra humana. Essa situação acabou sendo ficcionalizada por alguns escritores e denunciada através da produção artística.

3 CONCEPÇÕES SOBRE MEMÓRIA

Com o decorrer do tempo muitas mudanças podem ocorrer em um contexto sociocultural, muitas vezes, ocasionadas pelos acontecimentos ou pelos componentes de uma estrutura social. Com isso, as vivências e os fatos vão ficando no passado em um fluxo constante que se transforma a cada segundo, modificando, frequentemente, a vida dos sujeitos. Nesse sentido, as memórias acabam sendo o principal recurso para que tudo o que passou não desapareça definitivamente de nossas vidas. “A memória nos dará esta ilusão: o que passou não está definitivamente inacessível, pois é possível fazê-lo reviver graças à lembrança.” (CANDAU, 2016, p. 15).

Diante das transformações ocasionadas pelo percurso do tempo, pode-se entender que “memória é a capacidade humana de reter fatos e experiências do passado e retransmiti-los às novas gerações através de diferentes suportes empíricos (voz, música, imagem, textos, etc.).” (SIMSON, 2003, p.14)

Segundo Candau (2016), a memória é uma forma particular de conhecimento do passado, assim quem rememora é responsável por reativar os acontecimentos e ordená-los em parte ou totalmente de maneira verídica ou errônea. “Através da memória o indivíduo capta e compreende continuamente o mundo, manifesta suas intenções a esse respeito, estrutura-o e coloca em ordem (tanto no tempo como no espaço) conferindo-lhe sentido” (CANDAU, p. 61, 2016).

Candau (2016) ressalta, ainda, que sem memória o sujeito se esvazia e perde as capacidades conceituais, cognitivas, bem como sua identidade, produzindo apenas pensamento sem duração, sem lembranças de sua origem, que é uma condição necessária para a consciência e conhecimento de si. Candau também destaca que:

A memória, ao mesmo tempo em que nos modela, é também por nós modelada. Isso resume perfeitamente a dialética da memória e da identidade que se conjugam, se nutrem mutuamente, se apoiam uma na outra para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa. Ao final, resta apenas o esquecimento. (CANDAU, 2016, p. 16)

Para entender alguns elementos da memória é interessante destacar um estudo realizado por Bergson (2006) que aborda as constantes mudanças pelas quais os sujeitos estão expostos, uma vez que a todo momento as sensações, sentimentos, volições e representações se

transformam e vão passando por espécies de etapas, as quais o autor classifica como estados. Para o autor, é na passagem de um estado anterior para o seguinte que acontecem as modificações. Se for analisado um estado separadamente pode-se perceber que não há afeto, representação ou volição que não mude a todo instante e que se um estado de alma parasse de variar, sua duração deixaria de fluir.

Para constatar essa concepção, Bergson exemplifica que se pegarmos a percepção visual de um objeto exterior imóvel, que é o mais estável dos estados internos, mesmo que o objeto permaneça o mesmo, que se olhe para ele do mesmo ângulo e sob a mesma luz, a visão que se tem dele não será diferente da que se tinha no início, mesmo o objeto estando alguns instantes mais velho, pois a memória está ali empurrando algo do passado para dentro do presente. O autor explica isso ao relatar:

Meu estado de alma ao avançar pela estrada do tempo, infla-se continuamente com a duração que vai reunindo; por assim dizer, faz bola de neve consigo mesmo. Com mais forte razão isso ocorre com os estados mais profundamente interiores, sensações, afetos, desejos etc., que não correspondem, como uma simples percepção visual, a um objeto exterior invariável. Mas é cômodo não prestar atenção a essa mudança ininterrupta e só notá-la quando se torna grande o suficiente. Nesse momento preciso, descobrimos que mudamos de estado. A verdade é que mudamos sem cessar e que o próprio estado já é mudança. (BERGSON, 2006, p. 2).

Bergson (2006) realiza estudos nos quais discute em que sentido a duração pode ser memória. Para ele, a duração é o progresso contínuo do passado, tendo em vista que o passado cresce incessantemente e também se conserva indefinidamente. Sendo assim, “a memória não é a faculdade de classificar recordações numa gaveta ou de inscrevê-las num registro”. (BERGSON, 2006, p. 47).

O autor ressalta que o passado se conserva automaticamente por si mesmo, e que ele nos segue a todo instante, pois “o que sentimos, pensamos e quisemos desde nossa primeira infância, está aí, debruçado sobre o presente que irá a ele se juntar, forçando a porta da consciência que gostaria de deixá-lo de fora” (BERGSON, 2006, p. 47-48). O mecanismo cerebral, para Bergson (2006), é feito para colocar o passado quase que totalmente no inconsciente e só introduzir na consciência lembranças úteis ao presente.

Para Candau (2016) cada memória é um museu de acontecimentos singulares, os quais são representados como marcos de uma trajetória individual ou coletiva que encontra coerência nessa demarcação. O autor ressalta, ainda, que quer se trate de um indivíduo ou de um grupo, a força das memórias dependerá da coerência do campo memorável, ou seja, da estruturação mais

ou menos homogênea das lembranças a partir de um momento de origem e de uma sucessão de fatos.

Candau (2016) destaca que no campo antropológico da memória não é dada tanta importância a memória enquanto faculdade humana, uma vez que o foco é a análise das formas como a memória se manifesta. Sendo assim, em seus estudos o autor propõe uma taxonomia das diferentes manifestações da memória.

A primeira manifestação é chamada pelo autor de protomemória, a qual é definida por ele como uma memória de baixo nível. Os saberes e experiências mais resistentes e bem compartilhados pelos membros de uma sociedade são enquadrados nela.

Grosso modo, podemos dispor sob esse termo a memória procedural - a memória repetitiva ou memória-hábito de Bergson, a inteligência profunda que, de acordo com Marcel Jousse, permite ao cavaleiro lutar “sem se preocupar com sua montaria”- ou ainda a memória social incorporada, por vezes marcada ou gravada na carne, bem como as múltiplas aprendizagens adquiridas na infância e mesmo durante a vida intrauterina: técnicas do corpo que são o resultado do fortalecimento ou enfraquecimento de conexões sinápticas, esquemas sensorio-motor piagetianos, rotinas, estruturas e dobras cognitivas, cadeias operatórias inscritas na linguagem gestual e verbal – acontecendo em uma “penumbra” diferente do automatismo, mas onde “o exercício do julgamento não é realizado” -, transmissão social que nos ancora em nossas práticas e códigos implícitos, costumes introjetados no espírito sem que neles se pense ou sem que disso se duvide, traços, marcas e condicionamentos constitutivos de *ethos* e mesmo alguns aspectos que jamais são verbalizados. (CANDAU, 2016, p. 22)

Nesse sentido, pode perceber que a protomemória é responsável pelas atitudes e gestos que os indivíduos reproduzem cotidianamente de acordo com aprendizados ou experiências anteriores. Segundo Candau (2016), é através da protomemória que andamos de bicicleta sem cair ou utilizamos uma gestualidade incorporada para saudar uma pessoa na rua, sem nem nos darmos conta.

A segunda manifestação apontada pelo autor é a memória propriamente dita, conceituada por ele como de alto nível, que é uma memória de recordações ou reconhecimento. Essa memória é responsável pela “evocação deliberada ou invocação involuntária de lembranças autobiográficas ou pertencentes a uma memória enciclopédica (saberes, crenças, sensações etc.)” (CANDAU, 2016, p. 23)

A terceira manifestação apontada por Candau é a metamemória, que se trata da representação que cada indivíduo faz de sua própria memória, como ele reconhece ela e como fala dela. Para o autor, é a metamemória que faz com que sejamos capazes de falar sobre nossas memórias, destacar as suas especificidades, interesses, profundidades e lacunas.

Candau (2016) explica que “a protomemória e a memória de alto nível dependem diretamente da faculdade da memória. A metamemória é uma representação relativa a essa memória” (CANDAU, 2016, p. 23). O autor complementa que essa taxonomia só é válida quando se faz referência à memória individual. Cabe destacar que esses termos sofrem modificações quando verificados de um ponto de vista coletivo, pois segundo Candau (2016), o estatuto deles muda ou fica invalidado quando os indivíduos passam para um nível de grupo ou de sociedade.

3.1 MEMÓRIA INDIVIDUAL E COLETIVA

O conceito de memória tem sido relevante para estudos de muitas áreas do conhecimento, uma vez que a compreensão de elementos e processos que envolvem essa temática são essenciais para o entendimento de diversos fenômenos humanos e sociais. Diante desse entendimento, algumas discussões foram surgindo sobre a concepção de memória individual e coletiva.

Simson (2003) elucida que a memória individual é aquela que o indivíduo guarda a partir das próprias vivências e experiências, no entanto ela também é composta por aspectos da memória do grupo em que esse indivíduo foi socializado. No que tange à memória coletiva, a autora destaca que ela é constituída pelos fatos e aspectos guardados como memória oficial da sociedade mais ampla e que são considerados importantes. “Ela geralmente se expressa naquilo que chamamos de lugares da memória que são os monumentos, hinos oficiais, quadros e obras literárias e artísticas que expressam a versão consolidada de um passado coletivo de uma dada sociedade.” (SIMSON, 2003, p. 14)

Outros tipos de memórias expostas por Simson (2003) são as denominadas subterrâneas ou marginais, que segundo a autora tratam-se de versões sobre o passado armazenadas no interior de famílias e grupos sociais dominados que são repassadas de geração para geração. Simson (2003) explica que essas memórias só surgem quando são lembradas por conflitos sociais ou por meio de pesquisadores que, utilizando método biográfico ou a história oral, possibilitam que elas apareçam, sejam registradas e comecem a integrar a memória coletiva de uma sociedade, pois essas memórias não são encontradas em suportes concretos como textos ou obras de arte.

De acordo com Casadei (2010), o primeiro estudioso a cunhar o termo “memória Coletiva” foi Maurice Halbwachs, o qual também foi o primeiro a pensar em uma dimensão da memória que ultrapassasse o plano individual, que era dominante nas pesquisas até então.

Na concepção de Halbwachs (1990), as memórias de um indivíduo não podem existir de maneira isolada do contexto em que ele está inserido, pois “se nossa impressão pode apoiar-se, não somente sobre nossa lembrança, mas também sobre a dos outros, nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior” (HALBWACHS, p. 25, 1990). Para esse autor, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos, nossas lembranças permanecem coletivas, pois na realidade nunca estamos sós, porque temos sempre conosco e em nós a influência das experiências que tivemos com os indivíduos que convivemos.

Esse pensamento defende que a memória individual é influenciada pela coletiva, uma vez que o ser humano é constituído por interações sociais e suas lembranças são o resultado de experiências que estão inseridas em uma coletividade. Nesse sentido, mesmo que uma lembrança individual não envolva outra pessoa, essa lembrança contém aspectos construídos a partir de um meio social.

Esse ponto de vista é destacado por Halbwachs (1990) ao analisar as lembranças da infância. Ele destaca que se não nos recordamos da nossa primeira infância, é porque nossas impressões não podem se relacionar com esteio nenhum, enquanto ainda não somos um ente social. Por isso, é difícil encontrar lembranças nas quais não misturávamos nenhuma das imagens ou dos pensamentos que nos prendiam aos homens e aos grupos que nos rodeavam.

Halbwachs (1990) afirma que, mesmo que um indivíduo ande pela primeira vez em uma cidade que não conhece, em todos os momentos ou circunstâncias, não se pode dizer que ele estava só. O passeio é só apenas na aparência, pois podem vir lembranças do que tenha sido dito por um amigo ou de algo que tenha sido lido com descrições sobre aquele lugar; portanto, esses fatores podem influenciar as lembranças individuais.

A influência dos grupos sociais em nossas memórias é explicada pelo autor ao falar sobre a necessidade de uma comunidade afetiva para as lembranças, pois ele exemplifica que se nós fizermos uma viagem com um grupo de companheiros que não revimos mais, mesmo que conversássemos e nos interessássemos pelos mesmos detalhes do caminho e os diversos incidentes da viagem, nossas reflexões seguiriam cursos diferentes, pois tanto eles quanto nós trazemos ideais e sentimentos que têm sua origem em outros grupos, reais ou imaginários. Logo, é com outras pessoas que nos entretemos interiormente durante o passeio.

Assim, Halbwachs (1990) ressalta que os lugares e as circunstâncias tomam, para cada um de nós, valores diferentes. Por isso, se mais tarde encontrarmos algum desses companheiros de viagem, sua memória poderá fazer alusão a particularidades da viagem que não nos recordamos mais, porém deveríamos lembrar se tivéssemos permanecido em contato com aquele grupo. O referido autor complementa ao dizer que:

Para que nossa memória se auxilie com a dos outros, não basta que eles nos tragam seus depoimentos: é necessário ainda que ela não tenha cessado de concordar com suas memórias e que haja bastante pontos de contato entre uma e as outras para que a lembrança que nos recordam possa ser reconstruída sobre um fundamento comum (HALBWACHS, 1990, p. 34).

Pollak (1989) retrata a memória como uma operação coletiva de acontecimentos do passado que se quer salvaguardar. Para ele, a memória se integra em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações, etc.

No entanto, na percepção de Pollak (1989), a memória coletiva apresenta alguns elementos de dominação e violência, por isso o reconhecimento do caráter problemático de uma memória coletiva anuncia uma inversão de perspectivas que marca os trabalhos atuais sobre esse fenômeno. O autor salienta que a perspectiva construtivista não lida com os fatos sociais como coisa, e sim busca analisar como eles se tornam coisas; como e por quem eles são solidificados e dotados de duração e estabilidade. No que se refere à memória coletiva, essa abordagem irá se interessar pelos processos e pelos atores que intervêm no trabalho de constituição e de formalização das memórias.

Pollak (1989) também explica que ao enfatizar a análise dos excluídos, marginalizados e das minorias, a história oral destacou a importância de memórias subterrâneas que por fazerem parte de culturas minoritárias e dominadas, se opõem à “memória oficial”, ou seja, a memória nacional. O autor complementa essa ideia ao relatar que:

Por outro lado, essas memórias subterrâneas que prosseguem seu trabalho de subversão no silêncio e de maneira quase imperceptível afloram em momentos de crise em sobressaltos bruscos e exacerbados. A memória entra em disputa. Os objetos de pesquisa são escolhidos de preferência onde existe conflito e competição entre memórias concorrentes (POLLAK, 1989, p. 4).

Exemplos de memórias subterrâneas são apontados por Pollak (1989) ao relatar o papel desempenhado pela reescrita da história em dois momentos fortes da desestalinização. O

primeiro momento ocorreu após a morte do líder soviético Josef Stalin, quando Nikita Khrushchev, secretário do comitê central da União Soviética, durante o XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética, denunciou práticas desconhecidas do governo de Stalin como: o regime ditatorial, os campos de concentração e as perseguições. O autor acrescenta que nesse momento ocorreu a destruição dos signos e símbolos que lembravam Stalin na União Soviética e nos países satélites, além da retirada dos despojos do ditador do mausoléu da Praça Vermelha. Apesar desse acontecimento ter desencadeado essas revoltas e ter diminuído a concepção que se tinha de Stalin como “pai dos pobres”, essa desestalinização não conseguiu, de fato, se impor.

Pollak (1989) destaca que trinta anos depois, um movimento foi lançado pela nova direção do partido ligado a Gorbachev, o que gerou um movimento intelectual com a reabilitação de dissidentes atuais e, de maneira póstuma, de dirigentes que haviam sido vítimas do terror stalinista. Com essa liberdade de crítica, surgiu um movimento popular que se organizou em torno de um projeto de construção de um monumento à memória das vítimas do stalinismo.

Para Pollak (1989), esse fenômeno consiste na erupção de ressentimentos acumulados no tempo e de uma memória de dominação que jamais puderam se manifestar publicamente. “Este exemplo mostra também a sobrevivência, durante dezenas de anos, de lembranças traumatizantes que esperam o momento propício para serem expostas” (POLLAK, 1989, p. 5.).

Além desse fato, Pollak (1989) cita mais dois exemplos de acontecimentos históricos, nos quais muitas lembranças foram silenciadas no decorrer do tempo, como por exemplo, os sobreviventes dos campos de concentração nazista e os alsacianos e lorenos¹⁷, que eram recrutados à força e incorporados a diferentes formações do exército alemão que, muitas vezes, eram feitos de prisioneiros no *front* oriental pelo exército vermelho, onde vários morriam ou voltavam anos depois. Aparentemente esses fatos não estão relacionados, “mas esses exemplos têm em comum o fato de testemunharem a vivacidade das lembranças individuais e de grupos durante dezenas de anos, e até mesmo séculos.” (POLLAK, 1989, p. 8).

Essas lembranças, de acordo com o Pollak, são guardadas em estruturas de comunicação informais e passam despercebidas pela sociedade. Desse modo, existem, nas lembranças de alguns desses indivíduos, zonas de sombra, silêncios e “não ditos”. Esses silêncios são

¹⁷ Após o fracasso de uma política de recrutamento voluntário acionada no início da Segunda Guerra Mundial pelo exército alemão na Alsácia anexada, o recrutamento forçado foi decidido por decretos de 25 e 29 de agosto de 1942. De outubro de 1942 a novembro de 1944, 130.000 alsacianos e lorenos foram incorporados a diferentes formações do exército alemão. Ocorreram atos de revolta, de resistência e de desobediência, bem como um número significativo de deserções. (POLLAK, 1989, p.7)

moldados pela angústia de não encontrar quem os escute, de ser punido por aquilo que se diz ou de se expor a mal entendidos.

Diante disso, Pollak (1989) infere que o dizível e o não dizível apresentam uma fronteira que separa a memória coletiva subterrânea da sociedade civil dominada, de uma memória coletiva organizada que resume a imagem que uma sociedade majoritária deseja impor ou expressar.

3.2 A TRANSMISSÃO DA MEMÓRIA

Muitos acontecimentos do passado não fizeram parte de nossas vivências, porém temos conhecimento pelo fato de terem sido repassados pelos livros escolares, pelo ensino da história ou por aqueles que vivenciaram um determinado contexto. A transmissão de memórias entre grupos e gerações nos permite adquirir inúmeros aprendizados durante a vida. No entanto, de acordo com Candau (2016), esse processo não acontece de maneira genuína, uma vez que podem ocorrer alterações durante a difusão dessas memórias:

Em um mesmo grupo, essa transmissão repetida várias vezes em direção a um grande número de indivíduos estará no princípio da reprodução de uma dada sociedade. No entanto essa transmissão jamais será pura ou uma “autêntica” transfusão memorial [...] pois, para ser útil às estratégias identitárias, ela deve atuar no complexo jogo da reprodução e da invenção, da restituição, da fidelidade e da traição, da lembrança e do esquecimento. (CANDAU 2016, p. 106)

Candau (2016) relata que o homem nunca está satisfeito com seu cérebro como único elemento para guardar informações memorizadas; por essa razão, os sujeitos recorrem a meios de extensões da memória. Nesse sentido, cabe destacar que há muitos anos os indivíduos já buscavam maneiras de transmitir suas memórias, pois a tentativa de compartilhar sinais é notória nas gravuras pré-históricas, as quais podem ser consideradas a primeira expressão de uma preocupação propriamente humana de fazer memória, seja através de uma memória explícita (objetos, animais) ou de uma memória mais complexa e de mais intensa concentração semântica.

A tentativa de preservar e repassar informações e acontecimentos experimentados pelos sujeitos era uma forma de proporcionar que memórias do passado fossem experimentadas no presente e no futuro, para que as vivências e as descobertas não caíssem no esquecimento:

Essa preocupação é evidente em muitas inscrições gravadas (pedras, paredes, madeiras) e em múltiplas práticas, como a que consiste em lançar moedas em uma fonte. Ela se tornará explícita com a aparição da escrita, em torno de seis mil anos atrás. Heródoto escrevia “para impedir que não desapareça o que fazem os homens”, nem para que se tome anônimo, sem identidade, com o projeto de fazer entrar nas memórias não apenas o tempo longínquo das origens, mas aqueles dos acontecimentos mais próximos (CANDAU, 2016, p. 107)

Com o surgimento da escrita, o processo de preservação e exteriorização da memória se potencializou, pois esse novo mecanismo possibilitou que os acontecimentos e as experiências passadas fossem transmitidos no presente e conservados para um conhecimento futuro. Para Candau (2016), com exceção das comunidades pequenas nas quais a transmissão oral era suficiente para preservar suas lembranças, a escrita e mais ainda o impresso permitiu a socialização da memória e a estocagem de informações de maneira mais eficaz que a transmissão oral, devido ao caráter fixo desses elementos.

Apesar dos benefícios que a escrita trouxe para a preservação memorial, ela pode apresentar esses conteúdos de uma maneira superficial, pois, como destaca Candau (2016), a escrita é auxiliar de uma memória forte e pode reforçar o sentimento de pertencimento a um grupo, a uma cultura e também reforçar a metamemória, porém, “com frequência a escrita, como modalidade de expansão da memória, deixa a busca identitária incompleta” (CANDAU, 2016, p.109).

Candau (2016) explica que isso ocorre porque as possibilidades de estocagem, transmissão e a quantidade de informações das memórias são muito abundantes nas sociedades de tradição escrita, por isso se torna mais difícil selecionar as memórias que serão conservadas do que nas sociedades de tradição oral. No entanto, a capacidade de aquisição e acesso às fontes se tornou algo complexo para os seres humanos que, na maioria das vezes, precisa selecionar, escolher ou esquecer informações.

O autor acrescenta que, quando o indivíduo se desprende do ato da transmissão, ocorre uma mudança nessa forma de transmissão, a qual, nas sociedades tradicionais, se faz sem mediação, através de um “contato vivido entre as pessoas”. Nesse sentido, a expansão da memória pode se tornar um obstáculo para a transferência de saberes, resultando em uma dispersão de recursos identitários essenciais para a reprodução ou a manutenção da tradição.

Algumas formas de transmissão da memória foram sendo utilizadas no decorrer do tempo. Para Candau (2016), a invenção da fotografia pode ter favorecido a construção e a

manutenção da memória de alguns dados factuais, acontecimentos e catástrofes, além de fatos familiares, possibilitando também a manipulação dessa memória.

De acordo com Simson (2003), no passado existiram as chamadas “sociedades da memória”, as quais ainda podem ser encontradas em locais isolados da África e da América do Sul. A autora explica que nessas sociedades os mais velhos exercem o papel de “guardiões da memória”, por serem mais experientes, além do mais, dentro dessas sociedades a memória é organizada e retida pelos seus membros, que também são responsáveis pela transmissão das informações tidas como fundamentais para a sobrevivência do grupo.

Simson (2003) destaca também que no decorrer da história das sociedades ocidentais, os idosos foram aos poucos perdendo esse papel social e na contemporaneidade isso foi acontecendo de maneira mais intensa devido à diversidade e sofisticação dos meios de suporte e registro da memória, tais quais: escrita, imprensa, fotografia, vídeos, discos, CDs, DVDs, disquetes, entre outros. Além disso, a autora acrescenta que devido à grande quantidade de informações existentes na atualidade, foram surgindo instituições para selecionar, coletar, organizar, guardar, fazer a manutenção e divulgação das memórias dentro dessas novas sociedades, as quais ele coloca como “sociedades do esquecimento”. Simson (2003) ressalta, ainda, que:

Essas instituições realizam, portanto, hoje, de forma profissional, uma tarefa social anteriormente exercida pelos idosos. São elas os museus, arquivos, bibliotecas e centros de memória, que de alguma forma e segundo critérios previamente estabelecidos realizam o trabalho de coletar, tratar, recuperar, organizar e colocar à disposição da sociedade a memória de uma região específica ou de um grupo social retida em suportes materiais diversos. (SIMSON, 2003, p. 16)

Cabe destacar que as sociedades modernas apresentam uma abundância de informações que se multiplicam devido às inúmeras publicações de livros, ao surgimento de telefones celulares, copiadoras, entre outros aparelhos. Com isso, Candau (2016) relata que a modernidade produz traços e imagens em um nível nunca visto antes, se mostrando submissa a uma ideologia da história e da memória que visa guardar e preservar tudo, porém continua produzindo mais informações. Pierre Nora contribui com a discussão ao enfatizar que:

Nenhuma época foi tão voluntariamente produtora de arquivos como a nossa não somente pelo volume que a sociedade moderna espontaneamente produz, não somente pelos meios técnicos de reprodução e de conservação de que dispõe, mas pela superstição e pelo respeito ao vestígio a medida em que desaparece a memória tradicional, nós nos sentimos obrigados acumular religiosamente vestígios, testemunhos, documentos, imagens, discursos

vírgulas, sinais visíveis do que foi, como se esse dossiê cada vez mais prolífero devesse se tornar prova e não se sabe que tribunal da história. (NORA 1993, p. 15)

Segundo Candau (2016), excesso de informações pode acarretar em uma confusão e indiferenciação de acontecimentos, lembranças e saberes, bem como em um posterior esquecimento massivo. Assim, os “indivíduos em razão da impossibilidade de suportar as imensas sobrecargas memoriais, são muitas vezes incapazes de conferir sentido as informações adquiridas” (CANDAU, 2016, p.11). Essa ideia é complementada por Simson ao relatar que:

Na sociedade ocidental atual, o ritmo acelerado do trabalho urbano somado a facilidade e rapidez dos meios de comunicação (criadas pelos constantes avanços tecnológicos) colocam o homem comum frente a uma quantidade avassaladora de informações. Tais fatos criam para o homem contemporâneo quase a obrigação de consumir a informação de forma acrítica, sem maior cuidado seletivo, perdendo-se portanto uma das mais importantes funções da memória humana— a capacidade seletiva – que é o PODER de escolher aquilo que deve ser preservado, como lembrança importante e aqueles fatos e vivências que podem e devem ser descartados. A perda do exercício desse poder de seleção nas sociedades atuais constitui o fator fundamental para a formação do que os profissionais da informação chamam de sociedades do esquecimento. (SIMSON, 2003, p. 15)

Candau (2016) ressalta que a transmissão da memória pode ocorrer de maneira memorial ou protomemorial, essa última advém da imersão na sociedade, desde a primeira infância, e não é transmitida apenas de maneira explícita, mas de maneira involuntária, ou seja, o indivíduo faz sem pensar. “Ela conserva, reitera e reproduz bem mais do que transforma, cria e reconstrói.” (CANDAU, p.119, 2016). O autor complementa que:

Essa forma de transmissão é particularmente atuante em numerosos rituais humanos (como os de passagem , por exemplo), evoca a ordem social ao mesmo tempo em que evoca a memória com o objetivo de afirmar a continuidade de uma sociedade ou de um grupo “a despeito da ameaça de morte” que os acompanha a todo instante. (CANDAU, p.119-120, 2016).

No decorrer da história, muitas formas de preservação e transmissão de memórias surgiram. Todos esses meios, apesar de terem suas limitações no compartilhamento das informações, de alguma forma, contribuem para manter o passado “vivo”, permitindo a preservação e a disseminação de lembranças, pois “estamos, assim, em presença de ‘passados formalizados’ ” (CANDAU, 2016, p.118). Nesse sentido, a utilização de mecanismos para preservar e transmitir as memórias acabam sendo uma interessante estratégia para evitar que

vivências e acontecimentos caíam no esquecimento, uma vez que conhecer o passado pode ajudar os sujeitos a compreender o presente.

3.3 MEMÓRIA COLETIVA E MEMÓRIA HISTÓRICA

Pode-se dizer que a História é um conjunto de fatos e acontecimentos relevantes para o passado, reunidos em livros que são lidos e ensinados aos sujeitos no decorrer da vida. De acordo com Halbwachs (1990), esses acontecimentos eram escolhidos, aproximados e classificados conforme a necessidade ou as regras vigentes, e não eram impostos aos grupos de homens que desses acontecimentos guardavam a lembrança viva. “É porque geralmente a história começa somente no ponto onde acaba a tradição. Momento em que se apaga ou se decompõe a memória social” (HALBWACHS, 1990, p. 80). Isso acontece pelo fato de que “enquanto a lembrança subsiste, é inútil fixá-la por escrito, nem mesmo fixá-la, pura e simplesmente.” (HALBWACHS, 1990, p. 80).

Nesse sentido, a partir do momento em que o passado se distancia de uma memória, torna-se relevante registrá-la para impedir que as lembranças sejam apagadas, pois, como ressalta Halbwachs (1990), quando a memória de uma sequência de acontecimentos não tem mais como suporte um grupo que assistiu ou recebeu um relato vivo dos que presenciaram aquele ocorrido, quando ela se dispersa entre indivíduos ou em novas sociedades que não tem interesse pelos fatos externos a eles, então fixá-las por escrito se torna um meio de salvá-las, pois “as palavras e os pensamentos morrem, mas os escritos permanecem” (HALBWACHS, 1990, p. 80,).

Halbwachs (1990) também explica que os historiadores podem encontrar e colocar em dia, minuciosamente, fatos grandes ou pequenos que consideramos perdidos, principalmente se tiverem a oportunidade de descobrir memórias inéditas. “Certamente, um dos objetivos da história pode ser, exatamente, lançar uma ponte entre o passado e o presente, e restabelecer essa continuidade interrompida.” (HALBWACHS, 1990, p. 81). No entanto, esses registros podem ser algo distante para a maioria dos indivíduos, tendo em vista que o estudo da história está reservado, geralmente, para especialistas, não atingindo assim um público numeroso.

A história que quiser tratar dos detalhes dos fatos, torna-se erudita e a erudição é condição de apenas uma minoria. Se ela se limita, ao contrário, a conservar a imagem do passado que possa ainda ter seu lugar na memória coletiva de

hoje, ela apenas retém dela aquilo que ainda interessa às nossas sociedades, isto é, em resumo, bem pouca coisa (HALBWACHS, 1990, p. 81).

Essas definições mostram que a memória e a história apresentam pontos distintos. Nora (1993) estabelece estudos sobre essa temática; para ele, o movimento e a ambição histórica não são a exaltação do que aconteceu de verdade, mas a sua anulação. Nora relata que a memória e a história se opõem, pois “a memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado” (NORA, 1993, p. 9). O mesmo autor complementa que:

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta a dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais (NORA, 1993, p. 9).

Candau (2016) pondera que a memória se desenvolve no interior de um tempo privado, íntimo, diferentemente do tempo característico da enunciação histórica que se trata do tempo dos acontecimentos externos à pessoa de um narrador. Nesse sentido, por mais que a história seja um meio de organizar o passado, essa disciplina exerce um papel subalterno na constituição do campo memorável, pois o campo se organiza em torno de acontecimentos essenciais privados. Candau finaliza a ideia concordando com os dizeres de Halbwachs que “não é sobre a história aprendida, mas sobre a história vivida, que se apoia nossa memória”. (HALBWACHS, 1990, p.43 apud CANDAU, 2016, p. 100)

Para Nora (1993), a memória é “tragada” pela história e por essa razão não existe mais um homem-memória, mas um lugar de memória. O autor destaca, ainda, que os lugares podem ser considerados, ao mesmo tempo, nos três sentidos da palavra: material, simbólico e funcional, mas em graus diversos. O autor explica esses aspectos ao ressaltar que:

Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica. Mesmo um lugar puramente funcional, como um manual de aula, um testamento, uma associação de antigos combatentes, só entra na categoria se for objeto de um ritual. Mesmo um minuto de silêncio, que parece o exemplo extremo de uma significação simbólica e ao mesmo tempo é o recorte material de uma unidade temporal e serve, periodicamente para uma chamada concentrada da lembrança. Os três aspectos coexistem sempre. Trata-se de um lugar de memória tão abstrato quanto a noção de geração? É material por seu conteúdo demográfico; funcional por hipótese, pois garante, ao mesmo tempo, a cristalização da lembrança e sua transmissão; mas simbólica por definição visto que caracteriza por um acontecimento ou uma experiência vividos por

um pequeno número uma maioria que deles não participou. (NORA, 1993, p. 21-22,).

Os lugares de memória são considerados por Nora (1993) como restos, pois são formas por onde se mantém uma coletividade fundamentalmente envolvida em sua transformação e em sua renovação, valorizando mais o novo do que o antigo, mais o futuro do que o passado. Assim, museus, arquivos, cemitérios, coleções, festas, aniversários, tratados, processos verbais, monumentos, santuários e associações são considerados pelo autor marcos testemunhas de uma era das ilusões de eternidade.

Nora (1993) destaca em seus estudos o conceito de aceleração da história, definido por ele como “uma oscilação cada vez mais rápida de um passado definitivamente morto, a percepção global de qualquer coisa como desaparecida – uma ruptura de equilíbrio”. (NORA, 1993, p. 7) Para o autor, esse momento da história trata-se de um período de articulação, em que a consciência da ruptura com o passado se confunde com o sentimento de uma memória “esfacelada”, mas isso desperta memória suficiente para que se possa colocar o problema de sua encarnação; assim, o sentimento de continuidade torna-se residual aos locais. Para o autor “há locais de memória porque não há mais meios de memória” (NORA, 1993, p. 7).

A aceleração, segundo Nora, revela toda a distância entre memória verdadeira, social, intocada, aquelas com o modelo representado e o segredo guardado pelas sociedades ditas primitivas ou arcaicas, e a história, “que é o que nossas sociedades condenadas ao esquecimento fazem do passado, porque levadas pela mudança” (NORA, 1993, p. 8). Para o teórico, essa distância se aprofundou, principalmente, nos tempos modernos quando os homens consideraram como seu o poder e o dever de mudança, fazendo com que essa distância chegasse hoje em um ponto convulsivo.

Nora (1993) acrescenta que esse “arrancar da memória” impulsionado pela história de maneira erradicadora e conquistadora provoca a ruptura de um elo de identidade muito antigo, o fim da adequação da história e da memória. O autor complementa que “se habitássemos ainda nossa memória não teríamos necessidade de lhe consagrar lugares. Não haveria lugares porque não haveria memória transportada pela história”. (NORA, 1993, p. 8).

Com a aceleração da História, Nora (1993) mostra como algumas sociedades foram se transformando ou até mesmo desaparecendo como, por exemplo, os camponeses que eram uma coletividade-memória e que foram sumindo a partir do crescimento da industrialização. O mundo todo foi se transformando com a mundialização, a democratização, a massificação e a mediatização. Para o autor esses fenômenos acarretaram no fim das sociedades-memória, assim como todas as que possibilitavam a transmissão e a conservação dos valores, igreja ou escola,

família ou Estado, além do fim das ideologias-memória e todas as que garantiam a passagem regular do passado para o futuro ou designavam aquilo que deveria ser retido do passado para o futuro. Assim, na visão de Nora, com ajuda da mídia, a percepção histórica dilatou-se de maneira perigosa e foi substituindo uma memória focada na herança de sua própria intimidade pela efemeridade da atualidade.

3.4 REPRESENTAÇÃO LITERÁRIA E A PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA CULTURAL

A literatura é um instrumento capaz de proporcionar diversos entendimentos sociais, uma vez que os aspectos culturais, o contexto e o ambiente representados em uma obra literária são elementos que podem transmitir ao leitor compreensões reais sobre sociedades, lugares e momentos históricos. De acordo com Jobim (2020), “desde a antiguidade já havia uma consciência de que a *representação* significa uma intervenção, um trabalho sobre o real.” (JOBIM, 2020, p.66). O autor destaca ainda que:

Aristóteles, em sua *Poética* (1973, p. 445) já havia constatado que, através da *mimesis*, é possível contemplar as imagens mais exatas daquelas mesmas coisas que olhamos com repugnância, como os animais ferozes ou os cadáveres, mas, principalmente a partir do século XIX, há uma crescente conscientização sobre a ação empreendida para transformar o real em outra coisa, que às vezes se apresenta como seu substituto, derivado ou contraparte, e outras vezes se apresenta como sendo o mesmo real, uma presença reiterada. (JOBIM, 2020, p.66.)

Segundo Candido (2006), inicialmente para uma obra ter valor e significado, ela precisava conter aspectos da realidade. Depois essa concepção mudou e a importância de uma obra passou a ser as operações formais que tornam ela independente de condicionamentos que que não sirvam como elementos de compreensão, principalmente os sociais.

Candido (2006) destaca, ainda, que atualmente esses dois pontos de vistas não podem ser dissociados, pois são considerados necessários para o processo interpretativo. Além disso, o elemento externo, o social, é um elemento importante, pois ele também contribui com a formação da estrutura, e, assim, se torna um elemento interno.

Jobim (2020) ressalta que na Literatura Comparada a questão de como se representam as literaturas e o real que estas literaturas “representam” tem sido recorrente:

No comparatismo, há uma certa geopolítica do olhar. O lugar em que o comparatista vive, e de onde olha os outros lugares projeta de algum modo suas particularidades na representação que elabora desses outros lugares. Em vez de imaginar que é possível uma descrição “universal” de determinado território, povo, paisagem, ou de sua literatura e cultura, recentemente passou-se a associar as descrições aos olhares ou pressupostos historicamente variáveis a partir dos quais elas são feitas, e a designar esta associação como *representação*. (JOBIM, 2020, p.67.)

Muitos autores utilizam contextos reais para desenvolverem suas criações escritas, pois na produção artística “a subjetividade elucidará (ou não) os problemas advindos das relações sociais” (MAGALHÃES, 2002, p. 69.). Em uma obra literária é possível identificar momentos históricos, especificidades regionais, bem como contextos sociais, culturais e políticos de uma época. Esses elementos, muitas vezes, foram ou são vivenciados pelo autor e acabam sendo transmitidos em suas produções ficcionais.

Se pesquisarmos no dicionário o conceito de ficção, encontraremos facilmente definições associadas à criação imaginária ou a fantasia. O dicionário Aurélio (2008), por exemplo, define ficção como: “ato ou efeito de fingir”; “coisa imaginária; fantasia, criação”. (AURÉLIO, 2008, p. 404). No entanto, a ficção nem sempre é completamente uma invenção, pois muitas vezes se apropria de especificidades da realidade para ser construída. Saer (2009) ressalta que:

A ficção não é, portanto, uma reivindicação do falso. Mesmo aquelas ficções que incorporam o falso de um modo deliberado – fontes falsas, atribuições falsas, confusão de dados históricos com dados imaginários, etc. –, o fazem não para confundir o leitor, mas para assinalar o caráter duplo da ficção, que mescla, de um modo inevitável, o empírico e o imaginário (SAER, 2009, p. 2)

É evidente que a ficção é muito utilizada na produção literária, no entanto, muitas vezes, ela pode vir associada a contextos históricos, sociais e políticos que retratam uma realidade. “Podemos, portanto, afirmar que a verdade não é necessariamente o contrário da ficção, e que quando optamos pela prática da ficção não o fazemos com o propósito obscuro de tergiversar a verdade” (SAER, 2009, p. 2). Nesse sentido, a ficção literária mescla a invenção com o real e, portanto, pode representar aspectos ou acontecimentos verdadeiramente vivenciados em uma sociedade.

Entender que a realidade pode ser representada no texto literário é essencial para perceber a relação de proximidade entre literatura e memória, pois, muitas vezes, é por meio das memórias que esses aspectos reais são inseridos na ficção. Segundo Pereira (2014), a memória desvela-se como um caleidoscópio incessante e complexo, no qual o texto literário

contribui para o movimento permanente de reconstrução das vias organizadoras de memórias. O autor acrescenta ainda que:

Os elos entre as instâncias da memória e da literatura apresentam-se como potências de leitura das formas diversas de ver e de enfrentar a realidade modulada pelo pensamento humano. Suas relações arvoram-se como um fio condutor para indagações sobre as fricções entre o texto literário e a modulação de imagens que contribuem para os processos de construção da memória coletiva e individual. (PEREIRA, 2014, p. 344)

Tedesco (2011), colabora com esse entendimento ao relatar que a memória não se dissocia dos fenômenos culturais e dos tempos das sociedades, pois ela auxilia na sua reprodução e na sua dinâmica interpretativa, constituindo-se um campo da dialética temporal e dos fenômenos sociais. Assim, compreende-se o fato de os relatos estabelecidos nos textos literários relacionados a contextos culturais e históricos estarem completamente ligados à memória. “Atrelar a produção de memórias à literatura significa assumir o imaginário e o vivido, em dialética, como dimensões da memória.” (PEREIRA, 2014, p. 349)

Antunes (2019) destaca que, mais do que qualquer outro, o objeto artístico possibilita revisitar a memória, fazendo da arte um ressuscitador do que se perdeu com o passar do tempo. O autor destaca ainda que (...) “a cultura tem necessidade não só dos meios materiais e institucionais para se afirmar e perpetuar, como também da arte, como única capaz de resistir ao passar do tempo, viva, ainda que antiga de séculos, como a Epopeia de Gilgamesh.” (ANTUNES, 2019, p. 191-192)

Na percepção de Antunes (2019), é necessário compreender os mecanismos que ligam a construção da memória cultural e a literatura, além de entender como esta se torna transmissora dessa memória e como algumas sociedades obtiveram sua estabilidade e continuidade devido a arte como fundo de transmissão do imaginário, de valores, de conceitos e dos mitos que a fundaram.

A escrita pode ser considerada um instrumento capaz de manifestar a memória, pois, como pondera Antunes (2019), em determinado momento da história, a narração escrita dos feitos e fatos passados estava relacionada a consciência da importância da permanência da escrita, uma vez que a precariedade da memória humana está sujeita ao esquecimento. O autor sublinha que:

Como a história e os seus mitos se revestem de um valor fundamental para a conquista do passado coletivo de um dado grupo-nação, os homens sentem necessidade de gravá-los para sempre, na pedra, no papiro, no pergaminho, no papel.” (ANTUNES, 2019, p. 199).

Com isso, Antunes (2019) destaca a relevância da literatura para a memória cultural de um povo, pois o autor explica que, apesar da escrita literária apresentar uma faceta pouco científica e não verificável, ela “sempre serviu à memória cultural dos indivíduos” (ANTUNE, 2019, p. 201). Nesse sentido:

A literatura forma a nossa memória cultural, mas também a “reforma”, porque se constitui um meio de transmissão e preservação de padrões de pensamento, sentimentos e condutas – por meio de gêneros, temas, motivos e histórias – e influencia as memórias e percepções do indivíduo, assim como a formação das identidades sociais e culturais, e também estabelece um diálogo dinâmico e crítico com o mundo, podendo colocar em questão o lugar do indivíduo e do grupo (ANTUNE, 2010, p. 205-206).

Ramos (2011) explica que ao pensar a memória como matéria comum à Literatura e à História, é necessário destacar os limites entre as duas instâncias, pois é importante evitar a armadilha de um simplismo crítico redutor do discurso histórico a mero relato e a do literário a espelho fiel da sociedade. O autor destaca que:

Esta relação estabelecida entre a literatura e a memória é possibilitada pelo jogo de lembrança e esquecimento presente em todo o imaginário e melhor compreendida através de uma concepção da memória coletiva como um corpus (evidentemente dinâmico e jamais fixo) no qual se inscrevem imagens elaboradas e compartilhadas por determinados grupos sociais, e que abarcam o virtual e o real, o vivido e o sonhado, o desejado e o temido, o pesadelo e o sonho, a experiência e a imaginação. A literatura semeia no imaginário coletivo novas visões e ideias, oriundas também do sonho e das fantasias, veículos legitimados do ficcional, inaugurando formas alternativas de encarar e transformar a realidade do grupo social. (RAMOS, 2011, p. 96)

Nesse contexto, Ramos (2011) ressalta que conceber a literatura como um lugar de memória não significa reduzi-la à condição de um simples documento histórico. Nesse sentido, o discurso literário é capaz de radicalizar o verbo *inventar*, oriundo do latim *invenire*: criar e inventariar. Sendo assim, o autor afirma que o texto literário apresenta uma dupla capacidade de inventar e inventariar a memória, catalogando-a, fato que o aproximaria do discurso historiográfico, e criando-a. O autor relata ainda que:

O tempo interno móvel e a mescla dos enunciados permitem ao discurso literário uma maior autonomia em relação ao histórico. Como suporte produtor de memórias, à literatura é permitido adivinhar os silêncios, os desvios e as lacunas, propositais ou não, da escrita historiográfica. Por apostar

no dilema e no paradoxo, o discurso literário abdica da totalidade. Por isso, falhas e rasuras não podem ser vistas como “erros”, mas como instrumentos sem os quais o discurso literário não se construiria em sua ambiguidade e polissemia. (RAMOS, 2011, p. 96)

Pereira (2014) argumenta que a narrativa, a lírica, o drama e os demais gêneros literários, considerando a problemática da categorização e da fusão de gêneros, são suportes do diálogo com imagens conformadoras da memória, das tentativas do ser humano enfrentar a sua própria transitoriedade e reagir à fragilidade da lembrança. O autor complementa que os textos escritos em pedra, couro, papiros, papéis ou na tela revelam as acentuadas vinculações entre a memória e a escrita, diante da dinâmica de transgressão do vivido e do enfrentamento entre a lembrança e o esquecimento.

Ao entender todos os aspectos mencionados, cabe destacar a literatura como um meio de externar e conservar a memória. Klug, Lima e Lebedeff (2015) estabelecem que a memória está ameaçada pelo esquecimento; razão pela qual há a necessidade da criação de lugares para preservá-la. Os autores destacam ainda que, na sociedade atual, os novos acontecimentos se valorizam mais e substituem os fatos do passado, fazendo com que a atenção ao passado diminua, deixando as memórias virtuais responsáveis pelo armazenamento dos fatos que podem ser esquecidos.

Diante dessa concepção, a literatura pode ser apontada como um instrumento para preservação da memória ou, utilizando a definição de Pierre Nora, como “*um lugar de memória*”, pois através da obra literária, é possível identificar uma série de elementos, características e peculiaridades de contextos socioculturais que compõem a memória cultural de uma região, de um povo ou de uma época. “Considerar a literatura como um *lugar de memória* implica em concebê-la como um suporte no qual os múltiplos aspectos e imagens relativas às modulações variadas da memória podem ser selecionados e reelaborados através da palavra literária” (PEREIRA, 2014, p. 349). Assim, a literatura se apresenta como um instrumento capaz de manifestar memórias em meio a ficção.

4 ROMANCE A SELVA E A MEMÓRIA CULTURAL AMAZÔNICA

Neste capítulo será realizada uma análise do romance *A Selva* (1930) com o intuito de identificar os aspectos socioculturais da Amazônia expostos através das memórias contidas no decorrer da narrativa. Para proporcionar um melhor entendimento sobre esses aspectos, inicialmente serão feitos alguns apontamentos sobre Ferreira de Castro e o personagem Alberto, mostrando como o autor ficcionaliza algumas experiências de sua vida através desse personagem.

Posteriormente, serão feitos alguns apontamentos sobre as memórias do contexto cultural e social do ciclo da Borracha presentes no romance, a representação dos moradores, imigrantes e indígenas que viviam na região de exploração do látex, a preservação da memória cultural, individual e coletiva da Amazônia por meio do romance *A Selva* e a focalização dessa memória cultural feita através do narrador.

4.1 O AUTOR E O PERSONAGEM

No decorrer da leitura do romance *A Selva*, é possível perceber que o autor e o protagonista da obra se aproximam em muitos aspectos. Isso é nítido ao analisarmos o personagem principal da trama, Alberto, o qual apresenta características e uma história de vida que muito se assemelha à de Ferreira de Castro.

No romance, Alberto é um jovem português que defendia ideais monárquicos em seu país e, por isso, veio exilado para Belém do Pará após sofrer perseguições políticas. Seu tio, o personagem Sr. Macedo, dono de uma pensão que recebia os seringueiros, com receio de ter que sustentar o sobrinho por mais tempo no Brasil, conseguiu um trabalho para o rapaz nos seringais, o qual, percebendo a insatisfação do tio, se sentiu obrigado a aceitar. Apesar de ser estudante de direito e possuir um certo grau de instrução, Alberto acaba indo para o seringal trabalhar na extração do látex, experimentando as dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores da borracha.

Assim como Alberto, Ferreira de Castro também passou por uma situação na qual se sentiu abandonado e pressionado. Isso pode ser constatado pelas próprias palavras do autor no

prefácio do livro, intitulado “Pequena história de *A Selva*”, onde Castro relata a insatisfação do homem que ele considerava seu protetor ao vê-lo retornar do seringal:

Ao chegar a Belém do Pará, mais carregado de sonho literário do que o barco vinha de borracha, o homem que se dizia meu protetor e se havia oposto a que eu saísse do Madeira, desejoso de não se preocupar mais comigo, quis enviar-me de novo para um seringal. Eram todas as minhas aspirações que caíam, tão indefesas como os frutos ainda verdes que os garotos, perto dali, faziam tombar, à pedrada, das belas mangueiras que ornamentavam as praças de Belém. Decidi resistir, primeiro com a humildade que a minha mãe me recomendara antes de eu partir para o Brasil; logo, com as palavras sóbrias e dignas que a própria dureza da vida me ensinara, quando ele, da cabeceira da mesa onde almoçávamos, me gritou, todo vermelho de cólera, que não estava para me sustentar mais tempo. E, assim, de repente, me encontrei sem teto e sem pão na cidade onde não conhecia praticamente ninguém. (CASTRO, 1991, p. 18-19)

A similaridade entre o personagem Alberto e Ferreira de Castro é constatada por Rodrigues ao afirmar que *A Selva* fala bastante sobre a experiência do autor como imigrante e que se trata de uma “narrativa ficcional que toca a vida do autor em vários episódios, deixando reluzir o seu cunho autobiográfico”.(RODRIGUES, s.d, p.49)

José Maria Ferreira de Castro nasceu em 24 de maio de 1898 em Ossela, uma freguesia semiurbana do município de Oliveira de Azeméis em Portugal. Filho de camponeses pobres, ficou órfão de pai aos oito anos de idade e, aos doze anos, veio para o Brasil com o intuito de ajudar no sustento da família. Trabalhou por algumas semanas em Belém do Pará e, logo depois, seguiu em direção ao interior da floresta amazônica e viveu por aproximadamente quatro anos em um seringal, local que foi fonte de inspiração para criação do romance *A Selva*.

Nessa obra, Ferreira de Castro reflete, através do personagem Alberto, os sentimentos e angústias de sua real experiência na floresta, uma vez que, assim como Castro, Alberto era estrangeiro e demonstra, a todo momento, estranhamento ao se deparar com o modo de vida local, com a imensidão da floresta, com os perigos que ela proporcionava, além de expressar tristeza e insatisfação com a exploração a qual era submetido. O fragmento a seguir evidencia isso:

A tristeza brotava desse verde eterno e sempre igual, que ia, que sufocava com a sua pertinácia e exuberância. Perante ele, Alberto amolecia sob funda sensação de vida irrecuperável. Das várias hipóteses entretecidas ao ritmo monótono da chuva, só lhe advinha impotência, o fardo da sua dívida e o desespero de ver todos os caminhos fechados. E seria assim, um ano, e outro.

Como Firmino, que estava ali há seis anos; como o Chico do Paraisinho, que estava há vinte. (CASTRO, 1991, p. 135)

O medo também é um sentimento que acompanha o jovem Alberto no decorrer da trama. Pode-se notar que esse medo que o personagem manifesta reflete claramente o que era sentido pelo autor na época em que se aventurou pela selva amazônica. Rodrigues contribui com essa ideia ao relatar que:

Ferreira de Castro como estrangeiro e adolescente se sentiu oprimido pela força da floresta, cujo tamanho não sabia ao certo até onde se estendia, cujas profundidades escondiam animais de várias espécies, sendo algumas desconhecidas e, ainda, os temíveis índios Parintintins – grupo de indígenas que vivia em plena harmonia com a floresta, tão temida pelo imigrante, e tentava proteger seu território matando alguns dos invasores – que ameaçavam o imaginário do garoto, vislumbrando a cena em que via sua cabeça sendo cortada na próxima sapopema que o caminho da floresta, recheado por elas, apresentasse; índios que, afinal, nunca vira pessoalmente, mas como estrangeiro sentia medo de tudo aquilo e esperava ansioso por sua fuga. (RODRIGUES, s.d, p. 51)

A angústia vivida por Ferreira de Castro é descrita por ele próprio no prefácio do livro, no qual é possível observar o quanto que o sentimento de Alberto parece representar os do autor e como as memórias de Ferreira de Castro estão presentes no decorrer da narrativa, pois ele descreve o quão difícil era reviver tudo aquilo mesmo sendo através da escrita:

Foi esse momento tão extraordinariamente grave para o meu espírito, que desde então não passa uma única semana sem eu sonhar que regresso à selva, após a evasão frustrada, e se volta, de cabeça baixa e braços caídos, a um presídio. E quando o terrível pesadelo me faz acordar, cheio de aflição, tenho de acender a luz e de olhar o quarto até me convencer de que sonho apenas, — eu que, nos derradeiros tempos, tanto desejo retornar à selva, para a ver um último dia e dela me despedir para sempre. Foi também por isso, talvez, que durante muitos anos tive medo de revivê-la literariamente. Medo de reabrir, com a pena, as minhas feridas, como os homens lá avivavam, com pequenos machados, no mistério da grande floresta, as chagas das seringueiras. Um medo frio, que inda hoje sinto, quando amigos e até desconhecidos me incitam a escrever memórias, uma única confissão, uma existência exposta ao sol, que eu próprio julgo seria útil às juventudes que se encontrassem em situações idênticas às que vivi. (CASTRO, 1991, p.

Mesmo temendo que a escrita do romance despertasse seus medos e aflições, Ferreira de Castro destaca também a necessidade que ele tinha de expor suas experiências através daquela obra literária:

Havia em mim o desejo de dar uma síntese de toda a selva do Amazonas e, não só por isso, mas pela força da própria experiência pessoal, todos os argumentos que imaginava começavam, invariavelmente, quase involuntariamente, na foz do grande rio. (CASTRO, 1991, p. 22)

Ao iniciar o prefácio descrevendo sua fuga, Ferreira de Castro deixa claro que a experiência no seringal foi como uma prisão e que o momento de ir embora foi sua libertação dos medos e aflições que o ciclo da borracha proporcionou a ele, tanto pela exploração, quanto pelas dificuldades e perigos aos quais os trabalhadores eram expostos. A liberdade sempre foi o anseio do autor durante todo o tempo em que viveu naquela grande floresta. Ferreira de Castro evidencia isso ao afirmar: “Eu tinha, então, dezesseis anos, e dos quatro que passara ali, não houve um só dia em que não desejasse evadir-me para a cidade, libertar-me da selva, tomar um barco e fugir, fugir de qualquer forma, mas fugir!” (CASTRO, 1991, p. 18).

As declarações feitas por Ferreira de Castro apontam que as memórias que ele inseriu na construção do romance *A Selva* ficaram guardadas por um longo período e que ele, muitas vezes, hesitou em exteriorizá-las por serem repletas de muita dor e sofrimento. Como tratam-se de memórias que expõe a realidade dos trabalhadores explorados e as dificuldades enfrentadas nos seringais, é possível perceber que o autor coloca em evidência lembranças de momentos vividos junto a um grupo oprimido e que após muito tempo decidiu mostrar essa experiência em forma de romance e expor essas memórias guardadas, visto que ele saiu do seringal em 1914 e só escreveu *A Selva* quinze anos depois. Esse fato pode ser associado aos estudos de Pollak (1989) sobre memória, esquecimento e silêncios, que fala sobre memórias de grupos oprimidos que muitas vezes são silenciadas e só vêm à tona anos depois, pois as lembranças traumatizantes ficam guardadas esperando o momento adequado para serem expressas.

Outro elemento que aproxima o autor do personagem é o fato de que assim como Alberto, Ferreira de Castro também se apaixonou enquanto esteve na Amazônia. Mesmo sendo um ambiente com poucas mulheres, o autor relata ter encontrado uma moça que despertou seus sentimentos e que, apesar de fugir ter sido seu maior desejo, desde que ali chegara, uma vontade de ficar também o dividiu em virtude da paixão que estava sentindo. O autor deixa isso bem claro em seu prefácio:

E agora que a aspiração se realizava, que a cadeia abria as suas portas, que os dementados ramos das árvores deixavam de se emaranhar sobre o meu destino, eu partia desejando ficar, porque dias antes, justamente quando fora despedir-me dos seus pais, lá nas profundidades da mata, à beira do Lago-

Açu, havia-me apaixonado pela única rapariga que existia, como um brinde inverosímil, em toda a enorme extensão do seringal. (CASTRO, 1991, p. 18)

No romance, o autor representa o sentimento vivenciado por ele por meio de uma paixão que o protagonista começa a manifestar pela esposa do dono do seringal, dona Yáyá, figura que tanto atormenta o jovem Alberto, provocando desejo, angústia e, muitas vezes, culpa. É possível perceber que a obsessão despertada em Alberto reflete o contexto de escassez de mulheres na região dos seringais, fato que provocava muitas vezes a evasão de sentimentos desesperadores nos homens que ali moravam. Cabe destacar que mesmo Alberto sendo um exemplo de “educação” entre eles, também se via atormentado pelo desejo e pelos impulsos irresistíveis que aquele isolamento provocava, incitando assim uma paixão pela figura de dona Yáyá e colocando nela a expectativa de saciar suas vontades reprimidas.

4.2 MEMÓRIAS DO CONTEXTO CULTURAL E SOCIAL DO CICLO DA BORRACHA NO ROMANCE

A história narrada no romance *A Selva* se desenvolve em meio à Amazônia, durante o contexto do ciclo da borracha, período em que a economia do país estava direcionada para a extração do látex. Apesar de ser um texto ficcional, no decorrer da narrativa é possível verificar uma série de elementos que fizeram parte da realidade da época e de diversos brasileiros, que vinham para a Amazônia em busca de oportunidades, iludidos pela ideia de riqueza fácil que era disseminada.

Por meio da trama, é possível ter noção das dificuldades enfrentadas pelos seringueiros durante esse ciclo econômico, pois ao chegarem aos seringais, os trabalhadores deparavam-se com uma realidade completamente distinta da que haviam vislumbrado, uma vez que eram submetidos a um trabalho exploratório, baseado em um sistema de dívidas praticamente impossível de serem quitadas, pois as despesas da viagem até o seringal, os utensílios, as ferramentas do trabalho, a alimentação e os itens básicos para subsistência eram fornecidos pelo seringalista e pagos com o trabalho. Por essa razão, a dívida se renovava constantemente. Além disso, as condições de trabalho eram precárias e os trabalhadores ficavam completamente vulneráveis aos perigos e às doenças da floresta.

Esses fatos podem ser facilmente observados no decorrer do romance, que apresenta aspectos equivalentes à realidade da época e às dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores,

em sua maioria nordestinos fugindo da seca e em busca de qualidade de vida. Por meio da obra, muitos detalhes, fatos, características e acontecimentos desse momento histórico são descritos, possibilitando um entendimento sobre o meio social da época e os problemas enfrentados pelos seringueiros.

O fato de Ferreira de Castro ter tido uma experiência na Amazônia contribui para a riqueza de detalhes presente na narrativa, pois o autor veio muito jovem para o Brasil e vivenciou as dificuldades que o ciclo da borracha proporcionou aos trabalhadores dos seringais. Diante disso, Ferreira de Castro transformou suas memórias em um texto ficcional, porém cheio de elementos históricos sobre esse período tão relevante para o país.

Ao mesmo tempo que Castro expressa suas lembranças individuais, a memória coletiva também é apresentada no romance, visto que o autor compartilhou esse ambiente de exploração e sofrimento com diversos trabalhadores e portanto essas lembranças fazem parte da história de uma coletividade, pois, segundo os estudos de Halbwachs (1990), a memória individual pode se apoiar na memória coletiva para precisar algumas de suas lembranças ou para cobrir algumas lacunas sem deixar de seguir seu próprio caminho, e a memória coletiva envolve algumas lembranças individuais que ao penetrarem na memória coletiva mudam de figura a partir do momento que são recolocadas em um conjunto que não é mais uma consciência pessoal. Diante disso, é possível verificar a relação que essas duas memórias estabelecem e como as lembranças individuais de Ferreira de Castro trazem informações sobre momentos e fatos coletivos.

Um dos elementos observados no romance e que fazem parte da memória coletiva da Amazônia e do ciclo da borracha é o sistema de aviamento, o qual era um procedimento muito comum durante esse período. Essa prática é destacada em vários momentos da narrativa, a qual apresenta diálogos e diversas situações que levam o leitor a um entendimento de como esse sistema funcionava e como os seringueiros ficavam completamente submissos e presos a dívidas que sempre cresciam e dificilmente conseguiam ser sanadas. Essa relação de trabalho pode ser entendida no seguinte trecho:

Quando o seringueiro tinha saldo, vendia-lhe tudo quanto ele desejasse; fosse loucura rematada ou objeto inútil, tudo dava mais lucro do que passar-lhe, no futuro, um saque para ser trocado por bom dinheiro na « casa aviadora, em Manaus. Mas se o trabalhador, por curta estada ali, por doença ou preguiça não conseguia resolver a dívida inicial, que rebentasse de fome, pescasse. Que caçasse, pois não lhe forneceria nada para além do valor da sua produção. De sem-vergonhas que tinham morrido antes de liquidar o débito ou que fugiram como cães, sem que ninguém os apanhasse, havia largo cadastro no seringal, a demonstrar quanto eram perigosas as transigências impostas por dó do coração. (CASTRO, 1991, p. 74)

Por meio das situações narradas no romance, é possível compreender como o sistema de aviamento funcionava nos seringais, pois a obra relata que os trabalhadores já chegavam no seringal devendo os custos da viagem e, além disso, precisavam adquirir ferramentas e alimentos que eram fornecidos pelo armazém do seringal e pagos com o trabalho. O dono do barracão entregava os utensílios considerados necessários para o trabalho e sobrevivência dos seringueiros e com o passar dos dias eles iam adquirindo mais itens e ficavam cada vez mais endividados, visto que o látex que os trabalhadores conseguiam extrair não estava sendo suficiente para quitar os débitos com o dono do seringal.

Outro ponto interessante a ser mencionado é que a obra se desenvolve em um período em que a borracha amazônica estava em decadência, fato que ocorreu no contexto real do ciclo. Assim como aconteceu com os trabalhadores que vivenciaram a realidade da época, no romance os personagens sofrem com os reflexos da desvalorização que o produto da Amazônia vinha sofrendo, pois com a queda nos preços era muito mais difícil para eles quitarem suas dívidas. O impacto que tudo isso causava aos seringueiros pode ser observado em algumas partes do romance:

Havia ruído o sonho que os trouxera. A goma-elástica, em sucessivas desvalorizações, mal dava agora para a farinha de mandioca e o quilo de jabá que eles adquiriam ao domingo, quando vinham aviar-se no barracão da margem. Mesmo aos que tinham, após muita labuta e economia, obtido algum saldo, ia-se-lhes ultimamente tudo quanto haviam ganho, pois os comestíveis forçados suplantavam em valor o que eles produziam. Com dificuldade se tirava já alguns metros de riscado, para blusa nova, ou um litro de cachaça desanuviador de tristezas, porque Juca Tristão não queria ver aumentar a dívida daqueles que não podiam liquidá-la. E sempre más notícias por cada navio que chegava do Pará ou de Manaus! (CASTRO, 1991, p. 70)

A *Selva* também revela muito sobre a cultura e o meio social do ciclo da borracha, principalmente das cidades de Belém e Manaus, que se tornaram grandes centros da economia da borracha na época. Durante a trajetória de Alberto, várias situações e aspectos vão sendo descritos, possibilitando um entendimento sobre as pessoas que compunham a sociedade local e os costumes da época.

O romance mostra uma sociedade com vidas antagônicas, pois já na embarcação onde Alberto seguia com destino ao seringal, as diferenças sociais se destacam, tendo em vista que as classes mais favorecidas viajavam no compartimento de cima, com conforto e boa comida e a classe trabalhadora, que estava sendo levada para o serviço nos seringais, era colocada no compartimento de baixo, completamente lotado, sujo, com redes amontoadas, condições

precárias e com uma alimentação bem mais limitada. Esses aspectos podem ser constatados no seguinte fragmento:

Lá dentro, como se se aproximassem da escotilha quando uma lingada descia, o mestre fê-los deter com voz rude e imperiosa. Quedaram-se um momento hesitantes, depois rumaram para a esquerda, seguindo Alberto, que ali descobrira refúgio. O convés, ao contrário do de cima, era húmido, sujo escorregadio. Dir-se-ia que visco fluido e repulsivo se exalava de toda a parte, estendendo-se a pele, furando até os poros. (CASTRO, 1991, p. 37-38)

Por meio da obra, é possível perceber que o ciclo da borracha foi um período econômico que favoreceu os ricos e segregou os pobres, uma vez que as elites viviam nas capitais e usufruíam de excelentes condições, enquanto os pobres tinham o seu trabalho explorado nos seringais e viviam em condições precárias, fato que já é perceptível na embarcação que trazia os trabalhadores até a floresta.

O romance descreve que no meio social em que os seringueiros viviam, praticamente, não tinha mulheres, pois ficava bem mais barato para o seringalista transportar homens sozinhos até a floresta amazônica do que acompanhados da esposa e dos filhos. Além disso, o seringueiro sozinho poderia dedicar mais tempo a extração do látex e proporcionar mais lucro ao proprietário do seringal. Apenas poucos seringueiros com saldo conseguiam mandar buscar suas esposas. Essas informações são explanadas pelo personagem Firmino ao ser questionado por Alberto sobre a presença de mulheres na região:

— Então aqui não há mulheres?
 — Firmino respondeu com a humildade de quem desejava absolvição para a cena repugnante da tarde:
 — Não; não há. Para seringueiro sem saldo, não há...
 — Porquê?
 — Porque seu Juca não quer.
 — Ora essa!
 — Seu Juca é quem manda buscar os « brabos » ao Ceará e lhes paga as passagens e as comedorias até aqui: Se eles viessem com as mulheres e a filharada, ficavam muito caros. Depois, se um homem tivesse aqui a família, trabalhava menos para o patrão. Ia caçar, ia pescar, ia tratar do mandiocal e só tirava seringa para algum litro de cachaça ou metro de riscado de que precisasse. E seu Juca não quer isso. O que seu Juca quer é seringueiro sozinho, que trabalha muito com a ideia de tirar saldo para ir ver a mulher ou casar lá no Ceará. (CASTRO, 1991, p. 103)

Pode-se observar que a obra descreve um ambiente predominantemente masculino, com muitos homens transtornados pela abstinência. Com isso, alguns deles chegam a cometer atos de violência, como na situação narrada pelo personagem Firmino durante uma conversa com

Alberto, na qual é feito o relato do abuso sexual e assassinato de uma viúva com mais de setenta anos:

— É uma desgraça! Alguma mulher que há, é de seringueiro com saldo, que a mandou vir com licença de seu Juca. Mas são mulheres sérias e, se não fossem, o homem lhe metia logo uma bala no corpo e outra no atrevido. Aqui é assim. Se aparecesse uma mulher sozinha, todos nós nos matávamos uns aos outros por causa dela. Mas não aparece... Qual é a mulher sozinha que tem coragem de vir para estas brenhas? Aqui há tempos, morreu no Laguinho o João Fernandes, que era seringueiro velho e tinha saldo e mulher. A viúva puxava para mais de setenta anos e não quis viver com outro homem, nem fazer o seu favor aos que lhe iam bater à porta... Um dia, todos os seringueiros do Laguinho, já convencidos mesmo de que por bem não iam lá, pegaram na velha e levaram ela para o mato e ali foi o que se sabe. Quando a deixaram, estava morta, porque o primeiro lhe tinha apertado o pescoço para lhe tirar a resistência. (CASTRO, 1991, p. 103-104)

A escassez de mulheres no ambiente dos seringais levava alguns homens a atitudes extremas. Um exemplo disso é apresentado através do personagem Agostinho, que tinha a intenção de se casar com uma criança para acabar com a solidão e saciar os desejos sexuais reprimidos:

— E aquela pequena que está encostada à porta? — Aquela moça é a filha do Lourenço. É com ela que o Agostinho quer casar... — Com aquela? Mas se é ainda uma criança! — Quando um homem não tem mulher... — Não diga isso, Firmino. — Se não for para Agostinho, para outro há de ser. A mocinha já tem muitos focinhos atrás dos passos dela como tamanduá-bandeira cheirando os formigueiros... (CASTRO, 1991, p. 118-119)

Além dessa situação com a menina, Agostinho chega ao ponto de ter relação sexual com uma égua, fato flagrado por Alberto e Firmino, visto como uma situação corriqueira por Firmino, porém considerado por Alberto um ato inaceitável, causando-lhe indignação e asco.

Os momentos que os seringueiros conseguiam ter uma companhia feminina, eram durante as festas organizadas pelos caboclos em comemoração à boa pescaria, pois as poucas mulheres que moravam nas redondezas dançavam um pouco com cada homem, dando a oportunidade para eles revezarem na dança. Esses eram os únicos momentos que os seringueiros conseguiam ter o mínimo de contato com uma mulher em meio àquela solidão. Isso pode ser verificado no trecho a seguir:

Ora a um, ora a outro, as cinco mulheres davam um pouco do seu contacto e do seu calor perturbante. Dilatavam-se os olhos masculinos, os lábios entumeciam-se. A lascívia ia em onda alta, abrangendo todos os movimentos

e emprestando a alguns dos rostos súbita expressão de loucura. De quando em quando, uma sombra deslizava na grande sombra da noite, despia-se à beira do lago e atirava-se à água. O banho era o poder moderador. (CASTRO, 1991, p. 119).

Diante das dificuldades e do intenso trabalho, muitos seringueiros recorriam à bebida como um instrumento de fuga daquele sofrimento. Alguns trabalhadores eram capazes de entregar o produto de muitos dias de trabalho em troca de uma garrafa de cachaça. Era uma forma de aliviar o estresse e amenizar a tristeza diária que atormentava aqueles homens em meio à imensidão da floresta:

Mas entre os párias havia grande solidariedade sempre que se tratava de cachaça. Por um gole da bebida que estrangulava a tristeza nas longínquas solidões, seriam capazes de palmilhar léguas e léguas da floresta ou de entregar, por um litro, o produto de muitos dias de labor. Aqueles, porém, que estavam em vésperas de ter saldo e eram mais beneficiados por Juca, dividiam a sua cachaça pelos menos felizes, tanto que ao romper da segunda-feira nenhum deles guardava já dois dedos no fundo da garrafa. Até o novo domingo, todo o resto da semana se volvia em impaciência, semana negra como a água do igapó, dias longos em que a amargura sufocava e a boca exigia o ardor da esquece sofrimentos. A embriaguez periódica era a única evasão do espírito, o único facho na longa noite da masmorra verde. (CASTRO, 1991, p. 111-112)

A representação desse contexto de sofrimento e tristeza que é destacado na obra nos leva a refletir sobre a realidade dos que vivenciaram o ciclo da borracha. Apesar da obra ser composta por uma história com elementos fictícios, há muitas verdades nos detalhes descritos pelo autor, uma vez que as relações de trabalho, as dificuldades, a exploração e os sofrimentos narrados fazem parte da experiência que Ferreira de Castro teve na Amazônia durante sua juventude.

4.3 A REPRESENTAÇÃO DOS MORADORES, IMIGRANTES E INDÍGENAS QUE VIVIAM NA REGIÃO DE EXPLORAÇÃO DO LÁTEX

A representação dos habitantes da região amazônica é um fato marcante dentro do romance *A Selva*. Pode-se notar que Ferreira de Castro constrói personagens baseados nos indivíduos que compunham o meio social amazônico durante a economia da borracha. O autor apresenta um meio social com aspectos bem característico da Amazônia e descreve os sujeitos da narrativa com as peculiaridades dos reais moradores do ambiente dos seringais da época.

Os ribeirinhos da região são descritos no romance como indivíduos com um modo de vida bastante simples, com suas moradias em contato direto com o rio Amazonas e com a floresta, dispondo de uma vida com poucos recursos financeiros e vivendo apenas com o que a natureza proporcionava a eles:

Era sempre uma barraca coberta de folhas de palmeiras e de soalha erguida um ou dois metros acima da terra, fixando-se em estacas para que as águas do rio, nas grandes enchentes, passassem por baixo sem atingir corpos e haveres naquele isolamento profundo. Ao lado um girau – estrado onde sorriam, dentro de velhas latas, humildes plantas floridas. Um mamoeiro, duas ou três touças de bananeiras, às vezes uns metros de mandiocal, uma canoa balouçando-se no porto – e nada mais. (CASTRO, 1991, p.46.)

Cabe destacar que os moradores nativos da região são representados como caboclos sem ambições, conformados com a simplicidade de suas vidas em meio à floresta. A população descrita na obra nos leva a compreender o ambiente social dos habitantes da selva amazônica, que usufruíam da convivência com a natureza em seu aspecto mais puro e ao mesmo tempo a entregavam para a extração do látex, vivenciando um dos períodos de maior exploração ocorridos no Brasil:

Atreito à vida sedentária, o caboclo não conhecia as ambições que agitavam os outros homens, já Alberto o soubera em Belém. A mata era sua. A terra enorme pertencia-lhe, senão de direito, por moral, por ancestralidade, da foz dos grandes rios às cabeceiras longínquas. Mas ele não cultivava e quase desconhecia o sentimento de posse. Generoso na sua pobreza, magnífico na humildade, entregava esse solo fecundo, pletórico de riquezas, à voracidade dos estranhos – e deixava-se ficar, pachorrento e sempre paupérrimo, a ver decorrer, indiferentemente, o friso dos séculos. (CASTRO, 1991, p.46.)

Podemos observar, nesse trecho, que a ambição é vista por Alberto como um elemento que falta no caboclo da Amazônia, uma vez que, na visão do personagem, esse sentimento era algo normalmente presente nos outros homens que vinham para a floresta em busca de riqueza. Pode-se inferir que essa característica apontada por Alberto está relacionada à “Teoria da Falta”. Do ponto de vista dessa teoria, (...) “a ausência daquilo que deveria estar presente é julgada como *falta*, e não como *diferença*” (...). (JOBIM, 2020, p.13.). De acordo com Jobim (2020), essa teoria traz um olhar comparativo em que o critério de avaliação da comparação era geralmente europeu, no qual eram feitos julgamentos sobre o novo mundo, baseados nos

elementos da Europa. A ausência de algo considerado relevante para os europeus era entendida como uma *falta*.

A partir dessa teoria pode-se perceber que a ideia de caboclos sem ambição direcionada aos moradores da região amazônica está relacionada a um estranhamento que o estilo de vida simples deles despertava naqueles que vinham de tão longe para explorar uma matéria prima considerada fonte para a obtenção de riqueza e que estava à disposição desses moradores, porém não parecia despertar o interesse deles.

Mesmo com essa percepção apresentada sobre o caboclo da Amazônia, por meio da representação feita no romance, é possível conhecer um pouco sobre o estilo de vida das comunidades que vivem ao redor dos rios, suas moradias e meios de subsistência, uma vez que através das descrições feitas na obra o leitor consegue ter uma ideia de como são as casas desses caboclos, sua localização, como é o ambiente em torno dessas moradias e a simplicidade da vida dessas pessoas que sobrevivem e se alimentam do que a natureza disponibiliza.

É possível notar que mesmo se tratando de uma descrição feita através da perspectiva de um estrangeiro, o autor busca inserir no enredo detalhes sobre o meio social amazônico e as comunidades tradicionais da região, misturando à ficção aspectos da realidade e apresentando peculiaridades sobre esses moradores das margens dos rios, os quais apresentam um modo de vida bem típico da floresta amazônica.

O romance mostra também que mesmo em meio à simplicidade da vida na floresta, os caboclos costumavam realizar festas em comemoração à boa pescaria. Sempre que um deles fazia uma pesca volumosa, com grandes pirarucus ou peixe-boi, preparava uma festa. Isso era o que ajudava a amenizar um pouco a tristeza dos seringueiros solitários, pois possibilitava momentos de diversão a eles e o contato com as poucas mulheres que existiam na localidade.

O contexto social do romance *A Selva* também conta com a figura do nordestino, componente de grande relevância no trabalho de extração do látex. A obra mostra que esses trabalhadores do nordeste do Brasil vinham para a Amazônia em busca de melhorias de vida, porém tinham sua mão de obra explorada. Assim, é possível observar o fenômeno da verossimilhança em bastante destaque na obra, visto que para a representação desses seringueiros são utilizados muitos aspectos reais do período histórico retratado na narrativa.

O nordestino é a principal força de trabalho recrutada para os seringais, por essa razão ele aparece constantemente no romance. No enredo, e até mesmo no prefácio da obra, é mencionado que cearenses e maranhenses compunham o grupo de trabalhadores que se dedicavam a extração do látex na Amazônia, no entanto os cearenses são mais citados no decorrer do romance pelo narrador e pelos personagens

Como a contratação de trabalhadores vindos do nordeste do país era mais comum durante esse período, a ida de Alberto para o seringal causou um estranhamento em todos, pois a presença desse português, com vestimentas um pouco mais sofisticadas despertava uma certa desconfiança em Caetano, um dos braços direitos de Juca Tristão, e no próprio Juca Tristão, dono do seringal, uma vez que o bom desempenho de Alberto no trabalho parecia algo duvidoso para eles que estavam acostumados a utilizar a mão de obra do nordeste.

Os nordestinos que trabalhavam nos seringais são descritos como homens simples e com pouca instrução, os quais, expostos à fome e à miséria no sertão, viam na Amazônia uma oportunidade de mudar sua difícil realidade. O romance mostra que a fuga era a principal solução encontrada por esses indivíduos, sendo que alguns iam para São Paulo e a maioria seguia em direção aos seringais amazônicos. O trecho a seguir mostra bem isso:

Cada nuvem que se formava era uma promessa, um castelo de esperanças irisadas lá no alto. Mas logo as ameias errantes se desfaziam e o céu voltava a ficar límpido, muito límpido, sem que um só pinga de chuva caísse daquele azul tão puro sobre a terra tão incandescida. De novo desiludidos, os retirantes, vergados ao drama intenso, esfarrapados, sedentos, famintos, alcançavam, um dia, a capital do Estado, que se mirava sobre a riba atlântica, e dali partiam, ainda uma vez, para outra odisseia. Uns, rumo ao sul, à terra roxa de São Paulo, onde floria o café, outros, quase todos, cabeça voltada ao Amazonas, esperando que a selva fosse mais generosa para eles do que havia sido para tantos dos seus vizinhos. Era a conquista da fonte que o sertão lhes negava. Era a troca da terra que matava por falta de água, pela terra que matava por ter água em excesso. (CASTRO, 1991, p. 125-126)

Um ponto interessante é que a história narrada no romance *A Selva* dispõe de um ambiente social bastante hostil, no qual os seringueiros mais antigos tratavam os recém chegados, os quais chamavam de “brabos”, com desdém. Mesmo sendo muitas vezes seus conterrâneos, os novatos eram perseguidos e ridicularizados por serem inexperientes e acreditarem naquilo que os seringueiros antigos já desacreditavam: a possibilidade de melhorar de vida através dos seringais. O fragmento a seguir evidencia esse tratamento que os “brabos” recebiam:

Lá fora, os desembarcados encolhiam-se, sempre humildes e submissos, entre os velhos seringueiros que surgiam, naquele primeiro contato, não como homens nascidos na mesma terra e trilhando a mesma via dolorosa, mas como inimigos a quem nada comovia. (CASTRO, 1991, p. 70)

Ao representar o nordestino no romance o autor destaca uma figura de extrema relevância para a economia da borracha e para a formação sociocultural da Amazônia. Mesmo

que de forma ficcional, a narrativa mostra ao leitor como os trabalhadores do nordeste foram atraídos para os seringais, a exploração à qual foram submetidos e a relevância do trabalho desses profissionais para a economia da época.

Essas informações podem ser observadas no decorrer do enredo, nas descrições do narrador e por meio dos relatos dos personagens nordestinos, que mostram os motivos que levaram os trabalhadores a saírem de suas cidades de origem e expõe as dificuldades enfrentadas por eles nos seringais. Diante disso, é possível conhecer um pouco mais sobre esse importante componente do ciclo da borracha e reconhecer as contribuições da mão de obra nordestina para o desenvolvimento social, econômica e cultural da região amazônica.

Um dos personagens da obra que, de uma forma interessante, possibilita o entendimento do leitor sobre a situação dos trabalhadores do ciclo da borracha é o seringueiro Firmino. Furtado (2004) aponta que esse personagem expressa a voz do trabalhador da seringa, pois ele diversas vezes relata o que acontece com eles no seringal e avalia as situações às quais são submetidos. Assim, em alguns momentos o autor passa para o personagem a função de narrar: “A técnica retira o artificialismo de um relato externo e transfere a possível indignação de um narrador para o leitor (...)” (FURTADO, 2004 p. 1872).

Firmino é apresentado na obra como um homem já experiente com a extração do látex e foi a pessoa escolhida por Balbino e Juca Tristão para ser o companheiro de Alberto no trabalho, uma vez que todos os recém-chegados precisavam formar duplas com os seringueiros antigos para aprenderem o serviço. Como nenhum dos homens havia escolhido Alberto, devido a sua aparência e suas vestimentas mais refinadas, então foi necessário a intervenção de Balbino e Juca Tristão na escolha de quem iria acompanhar o jovem português.

Firmino é o responsável por conduzir Alberto até o local de trabalho, além disso é quem informa o jovem sobre tudo na região, tendo em vista que durante uma longa caminhada até à área onde ocorria a extração da matéria-prima, muitas informações sobre a floresta e as pessoas que lá viviam vão sendo contada por Firmino, portanto diversas memórias são expostas através desse personagem.

Homem simples e com experiência no serviço, Firmino além de acompanhar Alberto e orientá-lo sobre as peculiaridades do seringal, também ensinou todo o processo de extração do látex, desde o reconhecimento da seringueira, árvore naquele momento desconhecida para o jovem, até a forma correta de perfurar o vegetal e fazer a extração de maneira adequada. Através de Firmino, o leitor obtém muitas informações sobre a vida dos seringueiros, suas angústias, medos, expectativas, frustrações, além disso o personagem proporciona um entendimento sobre

o ambiente do seringal e as etapas seguidas durante a retirada da matéria prima utilizada na produção da borracha.

A representação do dono do seringal e dos seringueiros feita no romance, mostra peculiaridades sobre a figura do explorador e do explorado, apresentando as dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores e as mínimas condições proporcionadas a eles. Além disso, fica evidenciado que por meio do sistema trabalhista utilizado na época, a riqueza era proporcionada aos grandes proprietários de terras e a pobreza aos que eram explorados e submetidos às precariedades dos seringais.

O personagem Juca Tristão, o dono do seringal *Paraíso* na ficção, é a representação dessa figura do patrão explorador, descrito pelo autor como um homem baixo, de sangue negro, devido a “sucessivos cruzamentos”, e um olhar duro e enérgico. O tratamento que Juca Tristão dava aos seus funcionários permite que o leitor compreenda um pouco como era o perfil dos proprietários dos seringais e o tratamento que eles davam aos trabalhadores.

Esse personagem é exposto como um homem bastante rigoroso, que além de cobrar os gastos da viagem dos trabalhadores até o seringal, coloca preços exorbitante nos itens de alimentação e nos materiais de trabalho vendidos aos seringueiros no armazém de sua propriedade. Juca Tristão anotava tudo o que os seringueiros consumiam no barracão para que eles pagassem com o trabalho. Não permitia que os mais endividados pegassem muitos produtos e mesmo que fossem mercadorias destinadas à alimentação, ele ordenava que o seringueiro trabalhasse mais para poder adquiri-las.

Com a representação do dono do seringal o romance mostra alguns pontos interessantes sobre o regime de exploração que eles proporcionavam aos seringueiros, pois a ficção retrata a submissão dos trabalhadores aos barracões e aos seringalistas, que além de oferecerem condições de trabalho péssimas e tratamento rígido, mantinham os seringueiros endividados e “aprisionados” ao seringal. Em seus estudos, Paula (1980) confirma esse fato ao explicar que:

[...] os “brabos” (migrantes nordestinos ainda desacostumados da vida amazônica e do seringal) já chegavam às “colocações” endividados, sendo que a partir daí toda a sua produção de borracha seria para pagar uma dívida que só crescia, fixando definitivamente o homem à atividade, impedindo-o de sair, seja pelo isolamento e dificuldades de transporte na região, seja pela vigilância severa do seringalista, que impedia as fugas e manipulava os preços (tanto de compra de borracha quanto de venda das mercadorias) de tal modo a manter a dívida e, portanto: a dependência do seringueiro, virtualmente transformado em trabalhador compulsório. (PAULA, 1980, p. 14)

Para entender como eram os homens responsáveis por trazer os nordestinos para o trabalho na Amazônia, *A Selva* apresenta os personagens Balbino, Caetano e Alípio, que eram auxiliares de Juca Tristão e os responsáveis pelo recrutamento de novos homens para a realização da extração do látex. Eles que conduziam os trabalhadores até o seringal e tentavam evitar fugas no decorrer da viagem para não causar prejuízos ao patrão.

Balbino é descrito como um homem sério e rigoroso com os seus novos recrutados, tratando-os com rispidez. O personagem Caetano, também era exigente com os trabalhadores e fazia a vigilância do serviço deles nos seringais. Ele e Balbino tinham a função de verificar se todos estavam realizando suas funções diariamente, caso contrário comunicavam ao patrão para o seringueiro ser punido com a interrupção do fornecimento dos itens dos barracões.

Outro grupo que compõe o ambiente dos seringais no romance é o dos indígenas, os quais são retratados como seres pouco amistosos e que estão em constante embate com os seringueiros. O indígena aparece como um ser que amedronta Alberto e os demais personagens, que os temem devido aos relatos de violência e até mesmo de mortes de alguns seringueiros ocasionadas por indígenas das redondezas. A conversa entre Alberto e Firmino demonstra como o indígena é apresentado na narrativa:

— Isto faz medo! — confessou Alberto.

Firmino sorriu de novo:

— Agora não é nada. Quando os índios chegavam até aqui, então é que um homem tinha de andar sempre com um olho à frente e outro atrás.

— Ah, mas aqui houve índios?

— Houve e há. Você não sabia mesmo?

E vendo o gesto negativo de Alberto: — Lá em Todos-os-Santos, para onde nós vamos, ainda os cavalheiros vêm passear...

— São mansos?

— Mansos? Ui, minha gente! A estrada que você vai cortar era do Feliciano. O mês passado, os índios vieram ao encontro e levaram a cabeça dele. É por isso que a estrada está sem freguês e você vai para ela. E aqui há uns quinze dias foi um estrago em Popunhas. Os parintintins chegaram e, como não tinham cabeça para cortar, foram à roça e quebraram tudo. (CASTRO, 1991, p.78)

É importante destacar que o autor utiliza o diálogo entre personagens para descrever os indígenas, pois durante o percurso na floresta, quando Firmino leva Alberto até o seringal onde iria trabalhar, algumas informações sobre os indígenas vão sendo passadas ao jovem português que indaga Firmino com curiosidade. Por meio dos relatos de Firmino, os indígenas são descritos como ameaçadores, que mesmo morando em áreas distantes, deslocavam-se para perto dos ditos “civilizados” e atacavam os que encontravam pelo caminho.

Os indígenas mencionados por Firmino são os Paratintins, vistos como perigosos pelo seringueiro que apesar de considerá-los seres ruins, admitia que se tratavam de homens bastante fortes. Com isso, nota-se que o romance mostra a imagem negativa que os indígenas despertavam nos seringueiros e a relação conflituosa entre esses dois grupos, destacando os assassinatos e decapitações praticadas pelos Parintintins

Apesar da narrativa mostrar o indígena através do ponto de vista dos seringueiros, com uma visão, muitas vezes, estereotipada, o romance expõe uma situação complicada que ocorria no ambiente dos seringais e que provocava medo entre os trabalhadores do ciclo da borracha, pois além de trabalharem em condições precárias, ainda corriam o risco de serem assassinados.

Outro aspecto importante é que mesmo com esses atos de violência narrados pelo personagem Firmino, é possível perceber que tanto os seringueiros quanto os indígenas eram vítimas da sistemática da economia da borracha, os seringueiros por serem enganados e explorados e os indígenas por terem sido expulsos de suas terras para que elas fossem transformadas em áreas destinadas a extração do látex. Esse fato explica os ataques dos indígenas contra os seringueiros e pode ser constatado no seguinte fragmento:

— Mas os índios vêm cá todos os anos?
 — É conforme. Às vezes, se passam muitos anos sem eles virem; outras, vêm a seguir. Depois que eu estou aqui, já vieram três vezes; uma a Todos-os Santos e duas a Popunhas. Quando não têm cabeça de civilizado para dançar, vêm buscar uma... — E Firmino mostrou todos os dentes, num sorriso que a Alberto pareceu um esgar trágico. — Quando não há cabeça de homem, levam de criança, de cachorro e de gato, de tudo que aparece. Deitam fogo à barraca e arrasam a mandioca e o canavial. Não podem ver um civilizado... Desejando ocultar o seu medo, Alberto hesitava em formular perguntas, mas não conseguia dominar-se:
 — E porquê? Não sabe?
 — Porque os homens civilizados tomaram conta da terra deles. Isto aqui, antes de ser dos bolivianos que deixaram o seringal a seu Juca, era dos parintintins. Eu estou aqui até pagar a minha conta; depois, vou logo a correr para o rio Machado. Nunca um homem está descansado, porque os parintintins são traiçoeiros... (CASTRO, 1991, p.87-88)

Através do que é dito por Firmino é possível entender que os ataques indígenas estavam diretamente relacionados ao processo de ocupação da floresta amazônica para organização dos seringais, pois os indígenas tiveram suas terras tomadas pelos seringalistas e por essa razão agiam de maneira agressiva quando encontravam os seringueiros.

O relato desse personagem faz referências a uma difícil realidade enfrentada por inúmeras comunidades indígenas durante o ciclo da borracha, tendo em vista que muitas delas tiveram as terras pertencentes a seu povo tomadas de forma violenta. Um exemplo disso citado

por Trubiliano (2017) são os impactos que a formação dos barracões gerou na etnia Kaxarari, atualmente localizada nos distritos de Califórnia (RO) e Extrema (RO), divisas de Rondônia, Acre e Amazonas, os quais no início do século XX foram vítimas das expedições de brasileiros e bolivianos que buscavam expropriar as terras indígenas ricas em seringa e castanha. “Seus objetivos principais eram o assassinato dos homens e a captura das meninas, mulheres e crianças pequenas, as quais eram vendidas entre os seringueiros e comerciantes locais.” (TRUBILIANO, 2017, p. 59). Santos explica que:

A escassez de mão de obra para trabalhos produtivo e domésticos era notória na Amazônia desde os tempos iniciais da colonização. O índio foi por isso arregimentado; tornou-se remador forçado, pescador do homem branco, lavrador, serviçal e até soldado de infantaria. Para tais atividades era arrancado de sua aldeia e escravizado, constasse ou não das estatísticas sobre escravos. A despeito da resistência de religiosos, etc., tudo indica que o saldo final foi a escravização, com as alternativas de morte, “amansamento” ou a difícil fuga para as selvas centrais, em breve o índio iria tornar-se extrator de borracha. (SANTOS, 1980, p. 62)

Mesmo em quantidade muito pequena, o romance também conta com a presença de mulheres que compõem o espaço dos seringais. A escassez da figura feminina no ambiente onde a extração do látex acontecia fica clara na narrativa, pois era algo que angustiava os homens. Mesmo existindo algumas mulheres na localidade, eram comprometidas e por isso os seringueiros sofriam com os desejos reprimidos e com a solidão.

Além das mulheres casadas, uma menina também compõe o ambiente da trama, a qual mesmo sendo uma criança já era cobiçada pelos seringueiros, que na ausência de mulheres adultas, encontram na garota a possibilidade de uma companhia feminina.

No romance também é relatada a presença de mulheres indígenas, porém elas não são muito citadas no enredo. A informação que é apresentada na narrativa é que, geralmente, essas mulheres ficavam nas suas comunidades, enquanto os homens saíam para capturar os “civilizados”, sendo que algumas delas acompanhavam os homens nessa trajetória para auxiliar com as flechas.

A pouca quantidade de mulheres descrita no romance está relacionada a realidade do período da economia da borracha, visto que nas áreas destinadas à extração do látex havia predominância da mão de obra masculina. Como a maior parte do enredo se desenvolve nessa localidade, Ferreira de Castro constrói os personagens do romance e um ambiente narrativo baseado no contexto social dos seringais da época.

Ao observar o meio social descrito na ficção e a representação dos componentes desse ambiente, é possível extrair muitas informações sobre a região amazônica e sobre o ciclo econômico da borracha, pois é por meio das características desses membros, dos acontecimentos vivenciados por eles e do tipo de relação que eles estabeleciam que as memórias da época vão sendo descritas no romance.

4.4 ROMANCE *A SELVA* E A PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA CULTURAL, INDIVIDUAL E COLETIVA DA AMAZÔNIA

Ao ler o romance *A Selva* é possível verificar diversos aspectos socioculturais da Amazônia inseridos no enredo, tendo em vista que o autor utilizou na composição da narrativa informações sobre o ciclo da borracha, os moradores da região, o contexto social da época, a forma de trabalho utilizada nos seringais e o espaço físico da localidade. Através da observação desses elementos dentro da ficção, muitos entendimentos sobre a região amazônica podem ser obtidos e, assim, *A Selva* pode ser considerada o que Nora (1993) classifica como um “lugar de memória”, uma vez que esses lugares são instrumentos utilizados para proporcionar a permanência de uma memória coletiva.

Levando em conta essas concepções, é possível notar que os elementos da memória cultural amazônica podem ser observados ao longo de toda narrativa. Logo no início da obra é mostrado o processo de recrutamento dos trabalhadores do seringal, que vinham, geralmente, do Nordeste do Brasil, paravam em Belém e de lá seguiam de navio até o interior da floresta amazônica para trabalhar na extração do látex.

No decorrer da viagem de Alberto, a bordo do *Justo Chermont*, embarcação que levava os trabalhadores até os seringais, mais um aspecto bastante característico da região amazônica é descrito na obra, pois a primeira parada da viagem foi na cidade de Santarém, no Pará, local onde surgem crianças e adultos em canoas vendendo frutas e cuias decoradas ao redor da embarcação, fato esse bastantes comum na região amazônica e que ocorre ainda nos dias atuais durante as viagens de barco pelo rio Amazonas. Ao retratar esse momento na ficção, Ferreira de Castro, mais uma vez, expõe elementos inerentes à realidade sociocultural da Amazônia:

Santarém, de velhas casas a humilharem-se entre as novas, a igreja antiga, seguida pelo adro, a indicar o suave declive onde se plantara a cidade, foi a primeira pausa na viagem, quase um período de festa. Moleques e adultos, negros, mulatos e caboclos, invadiram o navio, em ruidosa venda de frutas e

de cuias de vários tamanhos e feitios. Exposta nos conveses a novidade, ou ainda oferecida lá de baixo, das canoas atestadas, travaram-se fortes regateios, porque os invasores, como os judeus, pediam vinte por aquilo que nem dez valia na opinião dos compradores. (CASTRO, 1991, p. 50-51).

As cuias descritas no romance são mais um interessante elemento cultural amazônico, uma vez que eram feitas através de um fruto típico da região e confeccionadas artesanalmente pelos ribeirinhos. O produto chama a atenção de Alberto por ser algo que ele nunca havia visto antes. Diante dessa curiosidade que as cuias despertam no jovem português, é possível verificar a peculiaridade do objeto, produzido, decorado e comercializados conforme os costumes das comunidades locais. O trecho a seguir faz uma breve descrição sobre o produto:

As cuias, célebres por darem frescura e fino sabor à água que por elas se bebesse, atraíam Alberto, que em Belém nunca as vira com tanta fantasia decorativa. Fruto grande e redondo, os nativos serravam-no pelo meio, extraíam-lhe a polpa inútil e nas duas metades da casca, submetidas a tratamentos, gravavam a branco sobre o fundo negro caprichosos arabescos, alguns impondo-se já por uma intenção de arte. (CASTRO, 1991, p. 51)

É destacado no romance o fato de Alberto ficar curioso com as cuias vendidas pelos caboclos, por serem decoradas e diferentes das que tinha visto em Belém. Nota-se que apesar de ser descrito que a decoração do produto era feita com caprichosos arabescos, sendo que esse termo se refere a um tipo de ornamentação artística que utiliza padrões lineares ou geométricos que se entrelaçam, podendo ser pintados ou esculpidos, o narrador considera que a decoração feita no produto apresenta uma intenção de arte e não propriamente uma arte.

Nesse trecho, pode-se perceber que o autor reflete a sua percepção na construção da narrativa, colocando o trabalho feito pelo caboclo em uma posição inferior ao que ele considerava arte, tendo como base uma concepção europeia, pois por se tratar de um autor estrangeiro, ele acaba tratando o caboclo como “diferente”, “o outro” e não dando tanta credibilidade à produção artística do ribeirinho.

Esse olhar do “outro” apresentado no romance, pode ser explicado pela teoria da outremização, termo cunhado por Gayatri Spivak, e que se refere às diferenças existentes entre colonizador e colonizado. “A outremização diz respeito à maneira pela qual o discurso colonial produz seus sujeitos. O Outro (colonizador) estabelece e cria o outro (colonizado) ao inferiorizá-lo e considerá-lo ‘diferente’” (ALVES E BONNICI, 2004, p. 9). De acordo com Alves e Bonnici (2005), o colonizador cria estereótipos, e degrada o nativo e a partir disso coloca o colonizado na condição de outro, de inferior, de subalterno.

Mesmo com essa outremização do caboclo, o romance apresenta informações importantes sobre a vida desses moradores das margens dos rios, levando o leitor a conhecer um pouco sobre a realidade dessa população que reside em habitações simples, sobrevivem com os recursos da natureza e se locomovem por meio de canoas até as embarcações grandes para comercializar seus produtos extraídos da floresta, alguns transformados em utensílios com decorações bem características das comunidades que habitam a floresta Amazônica.

A *Selva* mostra um aspecto interessante que faz parte da rotina de muitas famílias ribeirinhas que é a comercialização de produtos nas embarcações que passam pelas comunidades da floresta. Ao relatar a “invasão” do navio por moleques, adultos, negros, mulatos e caboclos que comercializavam frutas e cuias decoradas, o narrador leva o leitor a perceber que as comunidades das margens dos rios da Amazônia são compostas pela mistura de raças, além disso, quem já viajou por essa região já observou que a venda de produtos nas embarcações não acontece somente na ficção, trata-se de uma prática comum nessa localidade e contribui com o sustento de muitas famílias que moram em cidades e vilarejos ao redor do rio Amazonas.

Através da obra é possível também entender um pouco sobre o processo de extração do látex, pois assim que Alberto chega ao seringal Paraíso, Firmino passa diversas orientações ao rapaz, apresentando a seringueira e ensinando as etapas para que a matéria prima fosse retirada da árvore de maneira adequada. Diante dos ensinamentos do experiente seringueiro, pode-se conhecer as ferramentas utilizadas no serviço e compreender como era realizado o trabalho na floresta amazônica. O trecho seguinte mostra os ensinamentos de Firmino e deixa claro como era o processo de extração:

Firmino meteu os dedos por entre algumas plantas e de lá tirou um utensílio, com a forma de machado pequenino. Pôs-se nos bicos dos pés e começou a lição:

— Olhe, você. Pega-se no machadinho e se usa assim... Está vendo? Assim, que é para não arrancar a casca e não fazer mal ao pau. Quando se arranca a casca, os empregados vão fazer queixa de nós a seu Juca. Estendeu o braço para um arbusto seco e degolado, onde se borcavam, enfiados uns nos outros, cinco minúsculos vasos de folha, mais estreitos na base do que na boca.

— Isto são as tigelinhas. Se espeta elas na seringueira, pelas bordas. Assim... É preciso ter cuidado para que a folha fique bem segura, senão a tigelinha cai e o leite escorre todo para fora. Está compreendendo? Em cinco pontos diferentes, todos à mesma altura, em volta do tronco, Firmino golpeou a árvore.

— Cada seringueira leva tantas tigelinhas conforme for a grossura dela. Uma valente, como aquela piquiá que você está vendo ali, pode levar sete. Uma assim como esta, leva cinco ou quatro, se estiver fraca. Corta-se de cima para

baixo e, quando se chega a baixo, o machadinho volta acima, porque a madeira já descansou. Seringueiro malandro faz mutá, mas aqui é proibido.

— Que é isso?

— Vamos andando, que eu já lhe explico. Mutá é fazer um girau com galho de árvore e ir cortar a seringueira lá em cima, junto à folha. A princípio ela dá mais leite, mas depois morre. (CASTRO, 1991, p. 86)

O diálogo entre os personagens é composto por detalhes interessantes que levam o leitor a entender o que os seringueiros faziam diariamente na floresta, mostrando as técnicas adotadas por esses trabalhadores para extrair o produto que posteriormente era transformado em borracha. As instruções dadas por Firmino no romance são compostas por memórias e mostram como era feita a exploração da seringueira durante um período tão relevante para a economia da Amazônia.

Também é descrito no romance o processo pelo qual o látex passava após ser extraído da árvore. Com isso nota-se que *A Selva* é uma obra literária compostas por muitos detalhes, os quais possibilitam um conhecimento mais aprofundado sobre o ciclo econômico da borracha e os procedimentos adotados pelos seringueiros para a obtenção da matéria prima e transformação dela em borracha. Enquanto Firmino ensina a Alberto o novo serviço o processo de transformação da matéria prima em borracha vai sendo exposto, levando o leitor a conhecer um pouco mais sobre o trabalho dos seringueiros e as etapas que eles seguiam para que a borracha da Amazônia fosse produzida. O fragmento a seguir evidencia onde e como a transformação do material extraído das seringueiras acontecia:

— Agora vamos para o defumador. Era também uma barraca e ficava ali mesmo, por detrás do canavial. A princípio, Alberto nada viu. O recinto estava cheio de fumo ácido e a primeira sensação que ele teve foi a de que ia asfixiar. Pouco a pouco, porém, lobrigou Agostinho sentado num caixote e tendo a seus pés o boião — um daqueles utensílios que, na véspera, tanto o intrigara. Funil a que extraíssem a parte mais fina e voltado de boca para baixo, ou porta-voz de folha, por ele saía grossa fumarada. O ar entrava para os caroços de palmeira em combustão por um orifício aberto na parte inferior. E, sempre que havia chama, novos caroços eram atirados para a boca cimeira, porque somente fumo se desejava que ela vomitasse. Ao lado, fincada pelo rebordo em quatro espeques, estava a bacia de zinco, com o fundo coberto pela mancha branca do látex. Devagar, Agostinho estendia para ela a pá que tinha na mão, sobre a pá derramava, servindo-se de pequena cuia, uma parte do líquido e levava-a, em seguida, para o buraco fumegante. A seiva da seringueira, ao contacto com o fumo, secava, mudando rapidamente de cor. Do níveo leitoso passava ao castanho e tomava consistência que era já elasticidade. De quando em quando, na pá, que se vestia de capa cada vez mais grossa, formava-se uma bolha, mas logo o dedo esperto do seringueiro a estoirava, dando liberdade ao ar. (CASTRO, 1991, p. 92-93)

É interessante destacar que apesar do autor da obra ser português, *A selva* é um romance considerado parte da literatura brasileira, uma vez que o foco central da trama é a floresta amazônica, retratando tanto os aspectos naturais dessa região quanto econômicos e sociais que foram fortemente influenciados pelo ciclo da borracha. É possível encontrar no romance fortes características de uma literatura regionalista, tendo em vista que ela apresenta uma ambiência repleta de características bastante singulares, típicas do lugar onde a história se desenvolve. Podemos verificar que os traços marcantes da região são bem detalhados, assim é possível conhecer, por meio da leitura, peculiaridades do espaço, da cultura e da natureza do local.

Mesmo sendo uma narrativa de ficção, *A Selva* descreve a realidade de inúmeros trabalhadores que vivenciaram o ciclo da borracha e saíram de suas cidades natais em busca do sonho da obtenção de riqueza, porém, ao chegarem aos seringais, tinham a mão de obra explorada e condições mínimas de sobrevivência.

A relação de trabalho estabelecida entre os personagens nos seringais é retratada no romance de maneira semelhante à realidade, pois, devido à experiência de Ferreira de Castro com o ciclo da borracha, ele consegue descrever com detalhes as dificuldades que o sistema de aviamento proporcionava aos trabalhadores, deixando-os completamente dependentes dos barracões, armazéns que forneciam as mercadorias aos seringueiros e mantinham eles endividados.

Através do romance é possível perceber que a borracha amazônica movimentou a economia da região de maneira significativa, atraindo muitos migrantes para a localidade. A partir das falas dos personagens e algumas situações narradas fica evidenciado que houve um período de muita prosperidade para os envolvidos no processo de extração e comercialização do látex, tanto que muitos trabalhadores saíam do Nordeste em direção a Amazônia iludidos pelos relatos de homens que enriqueceram nos seringais. No entanto, o romance se desenvolve na época em que a borracha amazônica estava em declínio e a obtenção de riqueza se tornou algo muito distante para os seringueiros. O personagem Firmino deixa isso evidente em um diálogo com Alberto:

— Há seis anos. Quando cheguei ao seringal, ainda a borracha se comprava a dez e a doze mil réis.

— Então muita gente enriquecia...

— Se comprava a doze mil réis, mas era a seu Juca. A nós, ele dava cinco. Mesmo assim, houve negro que arranhou saldo. Pouco... Umas pelegas para queimar lá no Ceará e voltar logo pelo mesmo caminho. Mas, depois, a borracha começou a baixar, a baixar... Hoje, está a cinco e seu Juca paga a metade. Eu não sei bem; eles, às vezes, dizem que ela está a cinco e lá em Manaus está a sete ou a oito. Assim um homem não levanta o cangote. Eu

tenho estado sempre a dever. Não há maneira de me livrar daquela conta! Quando seu Alípio foi ao Ceará buscar pessoal, me disse que um homem enriquecia logo que chegava aqui. Eu acreditei naquelas lorotas e, afinal, ainda não paguei a passagem. Eles, assim que nós chegamos, já não dizem mais coisas bonitas. Vendem tudo muito caro, que é para o seringueiro não arranjar saldo e ficar toda a vida nestas brenhas do diabo. (CASTRO, 1991, p. 90)

O período de decadência da borracha brasileira é um momento de destaque na obra, pois o romance se desenvolve justamente na época em que o produto amazônico perdia força no mercado e se desvalorizava, causando grandes impactos na economia do país. Esse acontecimento proporcionou uma considerável crise na economia da Amazônia, deixando a sobrevivência nos seringais cada vez mais difícil. Esse fato pode ser observado no seguinte fragmento da narrativa:

Um dia, porém, a *Hevea brasiliensis*, levada sub-repticiamente por mãos britânicas, desdobrara a sua nacionalidade, entregando também a seiva enriquecedora em terras de Ceilão. Ferida pela emigrada, a borracha da Amazônia deixara de ser meio de elásticas fortunas, limitando a perspectiva das ambições. Era prata e não ouro o que se colocava agora no outro lado da balança. (CASTRO, 1991, p. 32-33)

O romance consegue abordar pontos importantes, pois além de levar o leitor ao conhecimento do processo de exploração ao qual os seringueiros eram submetidos, retrata elementos que marcaram o período, mostrando as dificuldades que o sistema de trabalho proporcionava aos trabalhadores que se viam presos ao seringal em decorrência das dívidas que nunca diminuía e da crise que se alastrava.

A importância dessa obra literária para a memória cultural da Amazônia é constatada no decorrer de toda a leitura, ao se observar os detalhes, as descrições, os acontecimentos e os personagens, pois é possível perceber a história do ciclo da borracha sendo narrada dentro da ficção, devido aos detalhes sobre esse período que marcou não apenas a economia da Amazônia, mas as vidas de muitos trabalhadores que contribuíram com a economia da borracha e com a formação cultural da região. Nesse sentido, é possível concordar com a ideia de que “a escrita pode ser, assim, considerada a exteriorização progressiva da memória.” (ANTUNES, 2019, p. 200).

Ferreira de Castro deixa claro a relevância do romance ao apontar *A Selva* como uma espécie de homenagem a Amazônia e a todos aqueles que trabalharam e enfrentaram os perigos da imensa floresta durante o ciclo da borracha e que mesmo em meio a muito sofrimento

contribuíram com esse período econômico. Isso é destacado pelo autor logo no início do livro em seu “Pórtico”:

Eu devia este livro a essa majestade verde, soberba e enigmática, que é a selva amazônica, pelo muito que nela sofri durante os primeiros anos da minha adolescência e pela coragem que me deu para o resto da vida. E devia-o, sobretudo, aos anônimos desbravadores, que viriam a ser meus companheiros, meus irmãos, gente humilde que me antecedeu ou acompanhou na brenha, gente sem crônica definitiva, que à extração da borracha entregava a sua fome, a sua liberdade e a sua existência. Devia-lhes este livro, que constitui um pequeno capítulo da obra que há de registrar a tremenda caminhada dos deserdados através dos séculos, em busca de Pão e de justiça. A luta dos cearenses e maranhenses nas florestas da Amazônia é uma epopeia de que não ajuíza quem, no resto do Mundo, se deixa conduzir, veloz e comodamente, num automóvel com rodas de borracha — da borracha que esses homens, humildemente heroicos, tiram à selva misteriosa e implacável. (CASTRO, 1991)

Ao retratar os detalhes da época e descrever os pormenores da região, *A Selva* pode ser considerada um importante instrumento de preservação da memória amazônica, pois como estabelece Pereira, “em tempos nos quais a memória espontânea torna-se incipiente, a ficção literária apresenta-se como um espaço privilegiado de memória (...)”. (PEREIRA, 2014, p. 349). Assim, *A Selva* pode ser considerada um lugar de memória, que através da representação literária mostra detalhes sobre o ciclo da borracha e as minúcias da região amazônica, proporcionando ao leitor o entendimento sobre as pessoas e os acontecimentos que contribuíram para a formação do contexto sociocultural da Amazônia.

4.5 O NARRADOR E A FOCALIZAÇÃO NA MEMÓRIA CULTURAL AMAZÔNICA

Apesar do romance *A Selva* apresentar muitos fatos baseados nas vivências do autor, a narrativa se desenvolve em torno de personagens fictícios que, diversas vezes, experienciam momentos semelhantes aos vividos por Ferreira de Castro na Amazônia, porém sem vincular o autor à história. Assim, *A Selva* é narrada na terceira pessoa, pois o narrador não participa da história como um personagem e não apresenta os acontecimentos de maneira autobiográfica. Esse tipo de narrador é classificado por Genette (1972) como heterodiegético pelo fato de relatar uma história na qual não integra e nem integrou o meio diegético.

É possível perceber que no romance o narrador apresenta parte da história da Amazônia dentro da ficção, pois ele mostra através do tempo, do espaço da narrativa e dos acontecimentos vivenciados pelos personagens, as especificidades do ciclo da borracha e a memória cultural amazônica, uma vez que a obra tem muitos aspectos que se assemelham à realidade da época.

O romance está organizado cronologicamente, pois conta a trajetória do personagem Alberto desde sua saída de Belém do Pará até o seringal *Paraíso*. Ao longo da jornada do jovem português, aspectos importantes da época vão sendo inseridos pelo narrador. Esses elementos proporcionam um entendimento sobre um período de grande relevância para a economia da Amazônia.

É importante destacar que no decorrer da história o romance apresenta trechos descritivos, como se a narrativa fizesse uma pausa para o personagem Alberto realizar a observação ou contemplação do ambiente, o qual vai sendo detalhadamente caracterizado pelo narrador. Esses momentos descritivos provocam uma demora na continuidade dos acontecimentos, porém após a finalização das descrições a ação é retomada e a narração volta a seguir sua trajetória.

Pode-se notar que o narrador é fundamental para a representação das memórias dentro do romance, uma vez que entre os elementos que compõem a estrutura dessa obra, ele é o principal responsável por apresentar aspectos da memória cultural amazônica em meio ao enredo, demonstrando o desejo de não apenas contar uma história, mas também de expor as características da Amazônia, do ciclo econômico que fez parte da história dessa região e as especificidades do meio sociocultural da época.

Esses aspectos podem ser observados logo no início da história, pois assim que Alberto aceita o trabalho no seringal, alguns receios tomam seus pensamentos e durante esse momento de tensão do protagonista, o narrador aproveita para fazer alguns relatos sobre o ciclo econômico em que a narrativa se desenvolve. Com isso, é proporcionado ao leitor um entendimento sobre fatos importantes desse período, deixando claro porque Alberto demonstrava tanta preocupação ao pensar no novo emprego. Essa contextualização feita pelo narrador pode ser verificada no seguinte trecho:

Quando desembarcara em Belém, ido de Portugal, a borracha ainda tinha altas cotações e exercia profundo sortilégio sobre todos aqueles que davam ao dinheiro a maior representação da vida. Muitos dos empregados no comércio, vendo a pequenez dos seus ordenados, face à dos escritórios que se afirmava na Europa, desertavam dos balcões e embrenhavam-se Amazonas acima, ansiando maior recompensas ao trabalho, onde quer que ela existisse. Algumas vezes também o haviam tentado essas estradas líquidas que cortavam

a selva imensa, mas sempre um pavor instintivo, amálgama do que se dizia de febres, perigos e de vida bárbara e instável, o detivera em Belém. Era, então, a Amazônia um ímã na terra brasileira e para ela convergiam copiosas ambições dos quatro pontos cardeais, porque a riqueza se apresentava de fácil posse, desde que a audácia se antepusesse aos escrúpulos. Com os rebanhos, idos do sertão do Noroeste, demandavam a selva exuberante todos os aventureiros que buscam pepitas de ouro ao longo dos caminhos do Mundo. E como não era na brenha espessa que se encontrava, para os ligeiros de consciência, a aurífera jazida, quedavam-se os ladinos em Belém ou Manaus, a traficar com o esforço mitológico dos que, entre todos os perigos, se entregavam à extração da borracha. (CASTRO, 1991, p. 31)

Ao fazer esses relatos, o narrador envolve os personagens em situações semelhantes às vividas pelos homens que vinham para a Amazônia trabalhar nos seringais e expõe as dificuldades experimentadas pelos envolvidos na extração do látex que tentavam sair desse trabalho e retornar aos seus lares. Utilizando fatos observados por Alberto para descrever essas situações, o narrador mistura a ficção com as memórias da época.

Os detalhes da floresta e das pessoas que compunham o ambiente social dos seringais e da região amazônica são descritos pelo narrador em diversas circunstâncias. Essas informações vão sendo inseridas ao longo da narração, juntamente com relatos sobre os seringais e a organização do trabalho. Assim, as memórias da Amazônia podem ser novamente observadas dentro da narrativa.

O primeiro ambiente que Alberto conheceu ao iniciar sua trajetória rumo ao seringal, foi o convés do navio *Justo Chermont*. Esse lugar diz muito sobre a época e sobre a região amazônica, uma vez que a locomoção por meio aquático era e ainda é muito comum nessa localidade, devido ao fato da floresta e muitas cidades da região serem cortadas pelo rio Amazonas e seus afluentes. Com isso, as embarcações eram o principal meio para transportar produtos e pessoas, desde os ricos até os mais humildes trabalhadores.

O ambiente do navio é bem representado na obra pelo narrador, o qual é o responsável por apresentar os detalhes da embarcação e descrever as situações que aconteciam a bordo do *Justo Chermont*, com os tripulantes, mostrando um ambiente dividido por classes sociais e que refletia as desigualdades proporcionadas pelo ciclo da borracha. Além desses aspectos importantes, o narrador mostra detalhes interessantes durante o percurso da viagem, descrevendo algumas comunidades e cidades situadas às margens do rio, enriquecendo a narração com as singularidades da região.

Como a história se desenvolve em torno de Alberto, um personagem português, todo aquele espaço é uma novidade para ele. Muitas vezes o jovem fica a observar ou contemplar

aquele ambiente tão grandioso e ao mesmo tempo tão diferente do que já havia conhecido. O narrador aproveita esses momentos de observação do personagem para fazer descrições minuciosas sobre os lugares por onde o *Justo Chermont* transitava. Em meio ao que vai sendo descrito sobre a floresta e os rios, surge na narração a figura dos caboclos que viviam em humildes residências às margens dos rios. Nesse momento, o narrador traz para o enredo mais um aspecto bastante característico da região amazônica, apresentando os ribeirinhos e suas moradias tradicionais, conhecidas na Amazônia como “*palafitas*”. Pode-se observar isso no trecho a seguir:

De quando em quando, a linha da selva recolhia-se e ia debruçar, mais além, um pequeno campo aberto no matagal a fogo e a terçado — o « sítio » onde dois ou três caboclos haviam fundado o seu lar. Era sempre uma barraca coberta de folhas de palmeira e de soalho erguido um ou dois metros acima da terra, fixando-se em estacas, para que as águas do rio, nas grandes enchentes, passassem por baixo sem atingir corpos e haveres naquele isolamento profundo. Ao lado, um « girau » — estrada onde sorriam, dentro de velhas latas, humildes plantas floridas. Um mamoeiro, duas ou três touças de bananeiras, às vezes uns metros de mandiocal, uma canoa balouçando-se no porto — e mais nada. (CASTRO, 1991, p. 45-46)

Em seus relatos, o narrador também demonstra um conhecimento significativo sobre a Amazônia, pois ele não apenas aponta detalhes sobre a região, mas também adiciona algumas informações históricas, utilizando os personagens para explicar a origem dos nomes de algumas cidades por onde o *Justo Chermont* ia passando. Isso pode ser verificado no seguinte fragmento:

Alguém pronunciou um nome:

— Os estreitos de Breves...

O mestre, dado o passageiro ser bem posto e falante, explicou-lhe que tinham sido dois irmãos portugueses, possuidores duma roça no local, quem fornecera o nome àquela teia de « paranás » — líquidos corredores, sobre a terra ainda inconsistente, que os navios singravam para encurtar caminho. E não se admirasse ele: dali em diante encontraria muitos nomes de Portugal baptizando as cidades que se miravam no rio imenso. Era Santarém, era Alenquer, Óbidos, Borba e Faro — onde o « Justo Chermont » não chegava, e que pena! que pena! porque lá todas as mulheres, mesmo as casadas, gostavam de fazer o seu jeitinho. (CASTRO, 1991, p. 43-44)

Em muitos momentos da obra, os acontecimentos entre os personagens, seus diálogos, medos e indagações também são utilizados para expressar memórias da época. O narrador conduz a história colocando em meio às situações vividas pelos personagens dados inerentes ao período pelo qual a região amazônica passou, recorrendo muitas vezes a diacronias que ocorrem por meio de recordações. Essas retomadas ao passado através de lembranças relatadas

por alguns personagens são utilizadas muitas vezes pelo narrador para expor pontos importantes sobre peculiaridades dos seringais e da Amazônia.

Logo que Alberto chega ao seringal Paraíso, em meio a tudo que o personagem vai vivendo, o narrador vai fazendo descrições da vegetação que Alberto vai se deparando durante sua longa caminhada até a cabana que iria ser sua moradia na área de extração do látex. O narrador também descreve as peculiaridades da estrutura dessas moradias:

Seguiu Firmino. Na noite anterior em nada reparara. Agora tudo lhe interessava. A barraca ia tomar piso a meio metro acima da terra e no espaço só se viam as estacas que a suportavam. paredes e soalho eram de paxiúba — tronco de palmeira que dente de machado ora resvala, ora acerta, tinha partido em tantas ripas quantas aconselhava a grossura do caule. Por dentro esfibrar-se iam em dois meses, se estivessem no chão; por fora, uma rijeza luzidia que nem bala de revólver seria capaz de as traspassar. (CASTRO, 1991, p. 82)

Os detalhes apontados na narração levam o leitor a conhecer o meio em que os trabalhadores da borracha viviam e as características das cabanas construídas no meio da floresta amazônica com materiais encontrados na região e estruturados de acordo com as especificidades do ambiente da floresta, além disso o narrador faz descrições sobre o interior da cabana que Alberto ficou alojado, mostrando a simplicidade e a precariedade que as moradias apresentavam. O trecho seguinte deixa isso bem nítido:

A barraca tinha duas divisões: uma, onde Alberto dormira, alardeava no chão, por baixo das redes, uma esteira e, ao canto, um baú. A segunda, de mais estreiteza, era sala de estágio e recepções — outra esteira, dois caixotes vazios, para assento, e, dependurados na parede, os rifles. Dava ainda para uma alpendrada, aberta de todos os lados e onde velha lata de petróleo, cortada numa das faces e com um buraco na parte superior, servia de fogareiro à cafeteira, agora a ferver. Também ali se exibiam duas panelas requeimadas, alguns pratos, o sal, o embrulho da farinha e, bamboleando-se no tecto, o pirarucu que Firmino trouxera na véspera. Quase ao fim, entre outras utilidades, Alberto encontrou a lata da água e a bacia, onde meteu a cabeça para a lavagem desanuviadora. (CASTRO, 1991, p. 82-83)

É importante salientar que o romance se desenvolve em torno da trajetória de Alberto, porém, apesar dele ser o personagem central da história, a floresta amazônica está em tanta evidência na obra que, muitas vezes, se torna a protagonista do romance, tendo em vista a ênfase dada pelo narrador a esse ambiente e a sua organização. Esse fato transforma a Amazônia no grande destaque da trama e possibilita a transmissão das memórias da região dentro do texto.

Os personagens da obra representam as pessoas que compunham a sociedade do ciclo da borracha e as que faziam parte da organização dos seringais. Pode-se perceber que o narrador caracteriza esses personagens e relata suas ações, traçando um perfil de cada um deles. Através do que é descrito é possível ter uma noção sobre alguns aspectos desse período e da função que cada membro exercia no processo de extração e comercialização do látex, uma vez que a similaridade entre a ficção e a realidade fica evidenciada em muitos momentos.

O narrador mostra que o dono do seringal era o responsável por fornecer os equipamentos e alimentos aos seringueiros, os quais eram comercializados nos barracões e pagos com o trabalho. Junto aos materiais de trabalho, geralmente, era fornecido um quilo de pirarucu e alguns litros de farinha. Tudo isso era somado às despesas da viagem, aumentando ainda mais a dívida desses trabalhadores e, assim, eles ficavam completamente submissos e presos por muitos anos no seringal até serem capazes de quitar seus débitos. Isso pode ser verificado no fragmento a seguir:

Dali se vinha ao balcão, onde Binda, decifrando o papel, ia fornecendo o que lá estava escrito. Mas com os « brabos» , ignorantes ao que era e não era indispensável, Juca Tristão procedia de maneira diferente. Ele próprio organizava a lista do aviamento; o boião para defumar, a bacia para o látex, o galão, o machadinho, as tigelinhas de folha, todos os utensílios que a extracção da borracha exigia — e mais um quilo de pirarucu e uns litros de farinha, pois nos primeiros dias nunca um brabo sabe como se caça a paca e a cotia ou se pesca o tambaqui. (CASTRO, 1991, p. 74-75)

As mercadorias comercializadas nos barracões do romance expõem algumas especificidades da região amazônica como os tipos de ferramentas e objetos utilizados para a extração do látex e os alimentos característicos da região. Cabe destacar que os peixes citados no enredo pelo narrador, tais quais o pirarucu e o tambaqui, são comumente encontrados no rio Amazonas e consumidos pelos moradores da região. A farinha e o jabá também são bastante mencionados pois eram fornecidos pelos barracões na época, no entanto são alimentos que ainda compõem as refeições da população amazônica na atualidade e mesmo se tratando de itens encontrados em outras regiões do Brasil, são muito apreciados na Amazônia, sendo produzidos e consumidos de acordo com as peculiaridades da região e, com isso, fazem parte da culinária típica dessa localidade.

O narrador também cita animais como a paca e a cotia, os quais são encontrados na floresta amazônica e eram utilizados pelos seringueiros mais experientes como fonte de alimento, pois era necessária uma certa habilidade para caçar. É importante ressaltar que a caça e o consumo desses animais ainda é uma prática comum dentro de muitas comunidades da

Amazônia, principalmente nos interiores e isso demonstra o quanto os aspectos culturais dessa região vão sendo expostos no decorrer da narrativa.

Pode-se perceber que o narrador é o elemento do texto encarregado de colocar as vivências do autor dentro do enredo, pois baseado nas informações obtidas por Ferreira de Castro em sua experiência nos seringais, o narrador utiliza estratégias para incluir descrições sobre a região amazônica e algumas peculiaridades do contexto sociocultural do ciclo da borracha, compartilhando, assim, a memória individual e coletiva da Amazônia dentro da ficção.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conhecer os elementos que fizeram parte do processo de formação de um povo é fundamental para o entendimento de nossas origens e de todas as transformações que ocorreram ao longo do tempo. Por essa razão, as memórias exercem um papel importante na transmissão dos acontecimentos do passado para as gerações futuras.

É relevante ressaltar que as memórias também estão suscetíveis a sofrer alterações decorrentes das ações do tempo, uma vez que podem ser modificadas ou até mesmo esquecidas. Nesse sentido, os instrumentos para a preservação dessas memórias são essenciais e tratam-se de uma alternativa para impedir que as lembranças do passado desapareçam.

Com os estudos realizados neste trabalho foi possível reconhecer a literatura como um “lugar de memória” e perceber a relevância histórica que o texto literário é capaz de apresentar em suas criações, uma vez que muitos acontecimentos e fatos reais podem ser representados por meio da ficção.

O romance *A Selva* é um excelente exemplo de como a literatura pode ser utilizada para evidenciar memórias individuais e coletivas, pois é uma narrativa que mescla as vivências do autor com a ficção. Ferreira de Castro ao mesmo tempo que narra uma história fictícia, apresenta o contexto histórico do ciclo da borracha e uma série de detalhes sobre o ambiente dos seringais, além de mostrar o meio social e cultural desse período através do narrador, do enredo e dos diálogos entre os personagens.

As análises realizadas nesta pesquisa indicam que diversas lembranças do autor se manifestam na narrativa e suas memórias contribuem para a construção da ambientação do romance, dos personagens e dos acontecimentos ao longo da trama. Além dessas memórias individuais do autor é possível identificar elementos da memória coletiva da Amazônia, uma vez que os aspectos representados na obra descrevem diversas características da região e das pessoas que fizeram parte do ciclo da borracha.

Apesar do romance *A Selva* já ter sido objeto de estudo de outros trabalhos, esta pesquisa abre possibilidades para novas investigações focadas nos aspectos socioculturais contidos na obra, pois as memórias presentes neste texto literário proporcionam a exposição de peculiaridades da Amazônia que ainda não tinham sido discutidas em análises anteriores.

Os aspectos verificados e apresentados no decorrer deste trabalho, possibilitam outros questionamentos e pontos a serem aprofundados, visto que as memórias que compõem *A Selva* podem contribuir com estudos futuros que por meio das representações feitas na obra tragam

esclarecimentos sobre o processo de formação do meio social amazônico e a influência dos europeus e dos nordestinos nesse processo, além de muitos outros elementos interessantes que podem ser explorados dentro dessa perspectiva da memória.

Através deste estudo pôde-se identificar que os aspectos socioculturais característicos da região amazônica foram utilizados para a composição do romance *A Selva*, além disso, foi possível reconhecer a relevância desta obra literária para a história da Amazônia e constatar que a verossimilhança dos elementos da obra com a realidade da época são o reflexo das memórias individuais e coletivas obtidas por meio da experiência real do autor. Os elementos analisados neste trabalho levam o leitor a conhecer de maneira mais detalhadas as peculiaridades dessa localidade e das pessoas que contribuíram para o desenvolvimento da região e formação da sociedade amazônica, uma vez que *A Selva* é uma obra construída com uma linguagem clara, objetiva e atual.

Diante dos aspectos investigados no decorrer da pesquisa, foi possível perceber que as memórias que fazem parte da composição do romance *A Selva*, mesmo inseridas na ficção são importantes para a preservação de uma parte da história da Amazônia e para a disseminação desses fatos históricos, bem como dos aspectos socioculturais pouco conhecidos pelas demais regiões brasileiras.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Elis Regina Fernandes e BONNICI, Thomas. Estratégias de outremização em Estratégias de outremização em The Narrative of Jacobus Coetzee. Maringá, v. 27, n. 1, p. 7-14, 2005.
- ANTUNES, Luísa Marinho. **A construção da memória cultural por meio da literatura: alguns aspectos**. Joinvile: (Pro)-posições, 2019.
- ARUMBURU, Mikel. Aviamento, modernidade e pós-modernidade no interior amazônico. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. v. 25, p. 82-99, 1994
- AURÉLIO, Ferreira. **Mini Aurélio**. Curitiba: Editora Positivo, 2008.
- BERGSON, Henri. **Memória e Vida**. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BUENO, Ricardo. **Borracha na Amazônia: as cicatrizes de um ciclo fugaz e o início da industrialização**. Porto Alegre: Quattro Projetos, 2012.
- CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. 2. ed. Tradução de Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2016.
- CANDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. 6. Ed. Rio de Janeiro: Editora Ouro sobre o Azul, 2006.
- CASADEI, Elisa Bachega. Maurice Halbwachs e Marc Bloch em torno do conceito de memória coletiva. **Revista Espaço Acadêmico**. n. 8. p. 153-161. maio, 2010.
- CASTRO, Ferreira. **A Selva**. 38. Ed. Lisboa: Guimarães Editores, 1991.
- COELHO, Geraldo Mártires. **Na Belém da belle époque da borracha (1890-1910): dirigindo os olhares**. Escritos (Fundação Casa de Rui Barbosa), v. 5, 2011.
- DUARTE, Cristovão Fernandes. **Asilo da mendicidade em Belém do Pará: a pobreza urbana como contra-face da belle-époque na Amazônia**. Rio de Janeiro: XIV Encontro Nacional da ANPUR. P. 1-19, 2011.
- FURTADO, Marli Tereza. **A Amazônia em Deserdados, de Carlos de Vasconcelos: uma matriz que não vingou?** 2013.
- FURTADO, Marli Tereza. **A visão da Amazônia em Euclides da Cunha, Ferreira de Castro e Dalcídio Jurandir**. in: XX Jornada Nacional de Estudos Lingüísticos - GELNE, 2004, João Pessoa. Anais da XX Jornada Nacional de estudos Lingüísticos - GELNE. João Pessoa: Ed UFPB, 2004. p. 1869-1874.
- GENETTE, Gérard. **Discurso da Narrativa**. 3. ed. Lisboa: Vega, 1995.

GOBBI, Marcia Valeria Zomboni; Fernandes, Maria Lucia Outeiro; JUNQUEIRA, Renata Soares. **Intelectuais Portugueses e a Cultura Portuguesa**. São Paulo: UNESP, 2002.

GUILLEN, Isabel Cristina Martins. A batalha da borracha: propaganda política e migração nordestina para a Amazônia durante o estado novo. Curitiba: **Revista de sociologia e política**. n° 9, 1997.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990.

JOBIM, José Luís. **Literatura Comparada e Literatura Brasileira: circulações e representações**. Rio de Janeiro: Makunaima; Boa Vista: Editora da Universidade Federal de Roraima, 2020.

JOBIM, José Luís. **Literatura Comparada e Literatura Brasileira: circulações e representações**. Rio de Janeiro: Makunaima; Boa Vista: Editora da Universidade Federal de Roraima, 2020

KLEIN, Daniel da Silva. A crise da borracha: a cadeia de aviação em questão entre o Pará e o Acre no início do século XX. Brasília: **história, histórias**. vol. 2, n. 4, 2014.

KLUG, Marlise Buchweitz.; LIMA, Rosimeire Simões de; LEBEDEFF, Tatiana Bolivar. Literatura como lugar de memória: uma análise do romance Satolep, de Vitor Ramil. **Antares Letras e Humanidades**. v.07. N.13. Jan/Jun, 2015.

LEANDRO, Milanez de Lima Leandro; SILVA, Fabio Carlos da. A estrada de ferro de Bragança e a colonização da zona bragantina no estado do Pará. **Novos Cadernos NAEA**. v. 15, n. 2, p. 143-174, dez. 2012.

LEANDRO, Rafael Voigt. **Os ciclos ficcionais da borracha e a formação de um memorial literário de Amazônia**. Brasília: Universidade de Brasília, 2014.

LIMA, Lucilene Gomes. **Ficções do ciclo da borracha: a selva, beiradão, o amante das Amazonas**. EDUA, 2009.

MAGALHÃES, Belmira. História e Representação literária: um caminho percorrido. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, n. 6, 2002.

MORAES, Francisco Américo Martins. Sob a lei do cão: o trabalho escravo nos principais ciclos econômicos da Amazônia. Pará: **Revista Margens Interdisciplinar**, 2019.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Khoury. São Paulo: **Projeto História**, v. 10, Jul/Dez, 1993.

OLIVEIRA, José Aldemir de. Produção do urbano na periferia: a decadência da manaus da belle époque. São Paulo: Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina. 20 a 26 de mar. 2005.

OLIVEIRA, Wesley Pereira de; TRINDADE, José Raimundo Barreto e MACHADO, Nathalia Menezes. Borracha, Nordeste e Floresta: a economia e a sociedade amazônica nos dois ciclos gomíferos. Pará: **Cadernos CEPEC**. v. 1 n. 1 fev. de 2012.

PAULA, João Antônio de. **Notas sobre a economia da borracha no Brasil 1980**. Belo Horizonte: CEDEPLAR/UFMG, 1980.

PEREIRA, Danielle Cristina Mendes. Literatura Lugar de Memória. Rio de Janeiro: **Só letras Revista**, n. 28. Jul/Dez, 2014.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Janeiro: **Estudos Históricos**, v. 2, n. 3, p. 3 -15, 1989.

RAMOS, Daniela Cristina Mendes Pereira. Memórias e Literatura: contribuições para um estudo dialógico. Niterói: **Linguagem em (Re)vista**, n. 11/12, p. 92 – 104, 2011.

RODRIGUES, Urbano Tavares. **A Selva: o homem entre a força da natureza e a escravidão da borracha**. Rio de Janeiro: Puc, [s.d.]

SAER, Ruan José. O Conceito de Ficção. **Panfleto Político e Cultural Sopro**. Desterro, n. 15, agos. 2009.

SANTOS, Fernando Simplício. Ferreira de Castro, intérprete da Amazônia: reflexões sobre as poéticas do esplendor e da decadência em A Selva. **Rev. Bras. Lit. Comp.** Niterói, v. 22, n. 39, pp. 112-120, jan. /abr. 2020.

SANTOS, Roberto. **História econômica da Amazônia 1800 a 1920**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1980.

SILVA, Adenilson de Almeida; SILVA, Antônio Carlos Galvão; PAULA, Jânia Maria de; SILVA, Josué da Costa; SOUSA, Lucileide Feitosa. O processo de des(re)territorialização dos trabalhadores nordestinos no território amazônico durante os ciclos da borracha. Curitiba: **Revista Geografar**. v.5, n.1, p.61-82, jan./jun., 2010.

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes Von. Memória Cultura e Poder na sociedade do esquecimento. São Paulo: **Augusto Guzzo Revista Acadêmica**. n. 6, p. 14-18, may. 2003.

TEDESCO, João Carlos. **Passado e presente em interfaces**: introdução a uma análise sócio histórica da memória. Passo Fundo: EDUPF, 2011.

TRUBILIANO, Exploração da força de trabalho indígena na formação dos seringais em Rondônia. Maringá: **Diálogos**, 2017.

WEINSTEIN, Bárbara. **A borracha na Amazônia: expansão e decadência 1850-1920**. Tradução: Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Editora Hucitec.1993.

GLOSSÁRIO

Barracão: estabelecimento que fornecia ferramentas, alimentos e diversos produtos a preços exorbitantes aos seringueiros, os quais entregavam o látex extraído ao longo de seu trabalho em troca dessas mercadorias e viviam completamente endividados e dependentes desses barracões.

Brabos: os recém-chegados no seringal que ainda não sabiam as técnicas para cortar a seringa eram chamados de barbos.

Caboclo: eram pessoas nativas da região que resultaram da mistura do branco com o indígena, porém muitas vezes esse termo é usado para se referir ao jeito rústico de alguém.

Cutia: mamífero roedor de pequeno porte.

Jabá: termo usado para se referir a carne salgada, carne seca ou charque.

Látex: suco viscoso e leitoso extraído da seringueira (*Hevea brasiliensis*).

Paca: mamífero roedor de grande porte. É um animal terrestre que vive geralmente em áreas florestadas.

Palafita: habitação com a base feita de troncos ou estacas de madeira sobre a água. Esse tipo de construção é comum nas comunidades ribeirinhas, pois deixa a casa mais alta e protegida da água no período de cheia.

Pária: termo utilizado para se referir aos indivíduos que estão à margem da sociedade, excluídos. Originalmente essa palavra se refere ao indiano que pertence a mais baixa casta social.

Paxiúba: Palmeira de raízes grandes e aéreas comumente encontrada na Amazônia. Sua madeira é utilizada em construções rudimentares.

Pirarucu: peixe comumente encontrado no rio Amazonas e considerado o maior peixe de água doce do mundo.

Seringalista: dono do seringal

Seringueira: árvore do gênero *Hevea* muito comum de ser encontrada na floresta amazônica, sua variedade *Hevea brasiliensis* é responsável pela produção de um látex com qualidade alta e propício para a produção da borracha.

Seringueiro: indivíduo que faz a extração do látex da seringueira.

Tambaqui: peixe de água doce considerado o segundo maior peixe de escamas do Brasil.